

SEBRAE

Maio de 2006 Nº 3

AGRONEGÓCIOS

Desafios da apicultura brasileira

Consumo do mel
aumenta com
políticas e promoção

Suspensão do
embargo deve
acontecer em 2006

A close-up photograph of a honeybee on a pink flower. The bee is positioned in the center-right of the frame, facing left. Its body is black with distinct orange and black stripes. Its wings are transparent and slightly spread. The flower it is on has large, vibrant pink petals. The background is a solid, bright blue color.

CARTAZ
Divulgue as
qualidades
do mel



O conhecimento que os empresários de micro e pequenos negócios precisam está no Sebrae.

O Pedro Costa é agricultor e conhece muito bem as dificuldades do agronegócio. Para enfrentá-las com sucesso, ele se associou a uma cooperativa e conheceu os Projetos Coletivos do Sebrae. Agora, ele participa de rodadas de negócio, reuniões técnicas, ações coletivas e de outros projetos importantes que estão desenvolvendo o seu setor e gerando mais produtividade. A cooperativa do Pedro também conta com cursos de capacitação, assessoria e consultoria, material técnico e com as feiras e exposições promovidas pelo Sebrae. Ele está aprendendo que quando se planta conhecimento, seja por meio de TV, rádio, revista, jornal ou pelo Sebrae, se colhe sucesso.

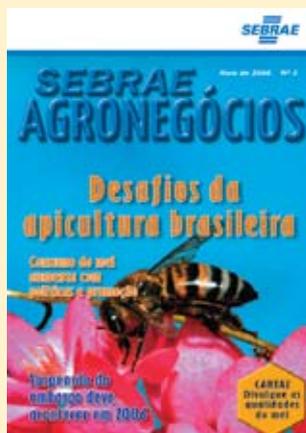


>> Depois que participei dos grupos de negócios apoiados pelo Sebrae, minha cooperativa passou a produzir mais. Agora, minha empresa vai pra frente. >>

0800 72 66 500
www.sebrae.com.br

SEBRAE

*Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas*



Revista SEBRAE AGRONEGÓCIOS
nº 3 – maio de 2006

SEBRAE

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Presidente do Conselho Deliberativo Nacional

ARMANDO MONTEIRO NETO

Diretor-presidente

PAULO TARCISO OKAMOTTO

Diretor Técnico

LUIZ CARLOS BARBOZA

Diretor de Administração e Finanças

CÉSAR RECH

Gerente da Unidade de Atendimento Coletivo – Agronegócios e Territórios Específicos

JUAREZ DE PAULA

Gerente da Unidade de Marketing e Comunicação

LUIZ BARRETO

Coordenação Editorial

ABNOR GONDIM (Plano Mídia)

planomidia@gmail.com

Reportagem

PELÁGIO GONDIM, LÚCIA BROCHIER, MARINA AMARAL, MARA MONTEIRO, JAIRO PITOLÉ SANTANA, SILVANEIDE CABRAL, CAMILO DELELLIS, GIOVANNA FLORES, ASN-PR, ASSESSÓRIAS DE SEBRAE/DF, SEBRAE-MT, SEBRAE-PA, SEBRAE-CE, SEBRAE/SC, SEBRAE-PR, SEBRAE-PR, SEBRAE-PI, SEBRAE-RJ, SEBRAE-RN E AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS

Fotografias

Capa: **ALFREDO MOREIRA**

Agência Sebrae de Notícias/Sebrae-UF

Projeto gráfico
MILTON GOES

Diagramação
EDUARDO GREGÓRIO

Revisão
DEMERVAL DANTAS

Gráfica:
CORONÁRIO

Publicação
SEBRAE – UAGRO (UNIDADE DE ATENDIMENTO COLETIVO – AGRONEGÓCIOS E TERRITÓRIOS ESPECÍFICOS)
agronegocios@sebrae.com.br
SEPN 515, Bloco C, loja 32
CEP: 70.770-530 – BRASÍLIA – DF
(61) 3347 7404

23

Os desafios da apicultura

Diante das portas fechadas pela União Européia, o segmento apícola brasileiro precisa abrir novos mercados internos e externos



18

Exportação para a Europa deve ser retomada este ano

Governo age, mas União Européia reafirma que só suspende embargo ao mel brasileiro se houver controle de resíduos



38

Mel na merenda escolar aumenta consumo interno

Leis e parcerias inserem o alimento no cardápio dos estudantes e criam um novo nicho de negócios para o segmento

Encarte: Cartaz divulga as qualidades do mel

- 6 Artigo: Rede Apis – elos integrados para uma apicultura sustentável
- 8 Entrevista: Henrique Faraldo, presidente da Abemel
- 10 O salto do mel
- 12 Perfil: Warwick Kerr
- 13 Investimentos: Colméia de projetos
- 14 Artigo: Desenvolvimento e expansão da apicultura no Brasil com abelhas africanizadas
- 17 História: Das cavernas ao Século XXI
- 20 Crise: Efeitos do bloqueio europeu
- 21 Pré-embargo: Exportação em alta
- 22 Apicultura ganha Câmara Setorial
- 24 Pesquisa: O mercado do mel no Brasil
- 26 Comércio e Serviços: Novas estratégias para aumentar consumo
- 27 Convite ao paladar sem atravessadores
- 28 Apicultores montam loja na beira da estrada
- 29 Contêineres viram casas de mel em SE
- 30 Indústria prefere o sabor artificial
- 31 Gestão coletiva no Palácio do Mel
- 32 Carro-chefe do Comércio Justo
- 34 Sertão faz Comércio Justo
- 36 Artigo: Desafios e oportunidades para o mel brasileiro
- 38 Mel na merenda escolar aumenta consumo interno
- 40 Para filhos e pais
- 41 Apicultor é prefeito e líder em MG
- 42 Ações consolidam central de cooperativas
- 44 Piauí quer produzir e exportar mel orgânico
- 45 Ceará descobre alternativa ao êxodo rural
- 46 Artigo: ADR – Os agentes da nova apicultura no Brasil
- 48 Capacitação eleva produtividade no Pará
- 49 SC investe em tecnologia para conquistar mercados
- 50 Artigo: A Profissionalização da Apicultura no Brasil
- 52 A ascensão potiguar
- 54 Polinização: Atividade gera renda extra aos apicultores
- 56 Ceará investe na produção de própolis
- 57 Antibiótico natural
- 58 Saiba por que o mel é um bom alimento
- 59 Artesanato para aumentar renda
- 60 Apacame e livro de meliponicultura
- 61 Encontros de soluções



EUGÊNIO NOVAES

Por um mel mais doce

Na ampla atuação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no agronegócio, a apicultura tem uma atenção especial. Por várias razões: a cadeia produtiva envolve 350 mil brasileiros, a grande maioria de pequenos produtores, e a atividade gera renda e ocupação, ajudando a fixar o homem no campo.

O Sebrae está presente, junto com vários outros parceiros, em projetos de apicultura de 418 municípios, apoiando quase 13 mil produtores ligados a 283 associações e 42 cooperativas. Esse universo responde por 7.482 toneladas anuais de mel, mais de 20% de toda a produção nacional, de 32 mil toneladas, a

11ª maior do mundo.

A chamada Rede Apis, a Rede de Apicultura Integrada e Sustentável, é a carteira de projetos do Sebrae com maior número de empreendedores beneficiados. Estão sendo investidos na Rede Apis, ao todo, até 2008, R\$ 55 milhões, dos quais 35% aportados pelo Sebrae.

Esse grande esforço contempla ações que vão da assistência técnica à introdução de novas tecnologias, passando por capacitação gerencial e acesso a mercados. Queremos ver a apicultura transformada efetivamente num negócio, rentável, tecnologicamente atualizado.

Diante do crescimento da competição mundial na produção de

mel, do embargo europeu às nossas exportações, que acreditamos ser temporário, e do baixíssimo consumo interno, é urgente profissionalizar o setor. É isso que defende também o professor Darcet Costa Souza, da Universidade Federal do Piauí, em consistente artigo na página 50.

Temos todas as condições para isso. O Sebrae não tem dúvidas de que a Rede Apis, uma construção de muitos parceiros, é um passo decisivo para consolidar no nosso país uma apicultura forte e competitiva.

PAULO OKAMOTTO
Diretor-Presidente do Sebrae

Novas oportunidades

O grande desafio da apicultura brasileira neste momento é superar o embargo da União Européia ao mel brasileiro e ampliar o consumo interno do produto. Para vencer essa batalha, é preciso ultrapassar os obstáculos. No exterior, no país e inclusive dentro de casa.

Em primeiro lugar, qualquer crise deve ser sempre encarada como oportunidade. Por isso, é hora de divulgar as vantagens do mel como alimento saudável que tem ainda o ingrediente da inclusão social e econômica de trabalhadores e empreendedores rurais em diferentes pontos do interior. Vale ressaltar também que a apicultura cai como uma luva em dois nichos de mercado em ascensão – Comércio Justo e Mundo Orgânico.

No contra-ataque, os apicul-

tores e seus parceiros começam a abrir novos espaços. Uma medida que serve de inspiração para todos os estados foi adotada pelo governo de Mato Grosso do Sul, que tornou obrigatória a inclusão do produto na merenda escolar dos estabelecimentos públicos. Medidas semelhantes vêm sendo adotadas por várias prefeituras e câmaras municipais.

O governo federal está dando sua contribuição por meio da Conab e do Ministério do Desenvolvimento Agrário, com a aquisição da produção de apicultores no Rio Grande do Norte e no Rio de Janeiro destinados também para a merenda escolar da rede pública de ensino.

No exterior, estão sendo intensificadas as gestões para se conseguir novos importadores nos Estados Unidos e no Oriente Médio. Mas, além

do bloqueio externo, temos de derrubar medidas que sustentam uma espécie de embargo interno, como a resolução 05/2000, do Ministério da Agricultura. Essa medida permitiu que os produtos a base de mel não tenham mel ou o tenham quantidades ínfimas. Nesse caso, a defesa dos 350 mil apicultores é também uma reivindicação dos milhões de consumidores brasileiros, que exigem transparência e confiabilidade no que consomem.

Enfim, o desafio de vencer a crise que se abateu sobre a apicultura brasileira poderá ensejar a identificação e o aproveitamento de diversas oportunidades de mercado.

Luiz Carlos Barboza,
Diretor-Técnico do Sebrae.



MÁRCIA GOUTHIER/ASN

Por **Alzira Vieira e Reginaldo Resende**, coordenadores nacionais da Carteira de Apicultura da Unidade de Agronegócios do Sebrae (alzira@sebrae.com.br e reginaldo.resende@sebrae.com.br)



Rede Apis – elos integrados para uma apicultura sustentável

Sebrae consolida alianças com parceiros para o sucesso dos empreendimentos com inclusão social e econômica.

Mais informações: www.apis.sebrae.com.br e www.sigeor.sebrae.com.br



O atual momento da apicultura exige uma mudança de comportamento e nos estimula a articular forças para enfrentar os novos e grandes desafios, pessoais ou coletivos. É um bom momento para refletir acerca da prática construída nas ações associativas e em parcerias, como forma de integrar interesses, objetivos e necessidades comuns.

O slogan da Rede APIS “**Associando recursos e integrando competências para viabilizar negócios**” abarca desde a colaboração na formulação e execução de projetos e programas até a implementação das iniciativas que facilitam a criação de organizações, onde os indivíduos possam articular seus interesses, buscando alcançar resultados compartilhados.

É assim que os projetos de apicultura da Rede APIS buscam a integração de todos os atores que interagem nos âmbitos local, regional, nacional e internacional, dentro de uma visão sistêmica, que considera os diversos fatores do desenvolvimento (econômicos, sociais, culturais, políticos, científicos e tecnológicos).

Essa estratégia é estabelecida por um modelo orientado para obtenção de resultados definidos pelos públicos-alvo das ações, estabelece a promoção da cultura da cooperação e articulação de parcerias como base para o sucesso dos empreendimentos.

A perspectiva de desenvolver um trabalho em rede surgiu da constatação de que nenhuma organização, isoladamente, pode responder ao desafio de viabilizar uma “Apicultura Integrada e Sustentável”. O debate a respeito das dificuldades e dos desafios comuns e a troca de experiências demonstraram a necessidade da cooperação, do estabelecimento de parcerias ou de alianças estratégicas para superar obstáculos e maximizar resultados.

INSPIRAÇÃO E ATUAÇÃO

Na apicultura, foi relativamente simples a assimilação da importância da articulação e da parceria, pois a atividade já traz em sua essência esse ensinamento. As abelhas são mestras naturais do conceito de cooperação, organização e divisão do trabalho. Inspirados nesse comportamento das abelhas, as pessoas, os grupos e as instituições parceiras estão superando as barreiras ao associativismo e buscando a construção conjunta, motivadas pela consciência da magnitude e complexidade da missão.

A metodologia utilizada para facilitar essa prática é a da Gestão Estratégica Orientada para Resultados (GEOR), ferramenta adotada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) para construir e gerir os projetos finalísticos da instituição, com foco na obtenção de resultados pactuados e contratualizados com o público-alvo e parceiros.

Desde o início do projeto, em 2003, em articulação com 245 parceiros em âmbitos internacional, nacional, estadual e municipal, o Sebrae vem apoiando a implantação de 22 projetos de apicultura, abrangendo 418 Municípios, beneficiando diretamente 12.875 apicultores organizados em 283 associações e 42 cooperativas, com uma produção atual de 7.482 toneladas de mel, equi-

valente a mais de 23% da produção nacional (estimada pelo IBGE).

Não obstante os esforços de fortalecimento do agronegócio apícola, os nossos apicultores vêm convivendo com limitações estruturais, aliadas às dificuldades de acesso à tecnologia, aos serviços de assistência técnica e, principalmente, de acesso aos mercados, em face da desorganização da oferta, do baixo consumo interno de mel e produtos da colméia e, mais recentemente, do embargo do mel brasileiro pela União Européia.

SUSTENTABILIDADE

Apesar desse cenário, a Apicultura Brasileira reúne alguns requisitos que a coloca num elevado potencial de inclusão, pois, sob o ponto de vista ambiental, econômico e social, é capaz de gerar ocupações “socialmente justas”, “ambientalmente corretas” e “economicamente viáveis”. É uma das atividades econômicas que mais se enquadra no conceito de sustentabilidade propagado pelo mundo pelos seguintes motivos:

- Estima-se que cada R\$ 5.000,00 investido na apicultura gera 1 emprego ou uma ocupação.

- A apicultura é uma das raras atividades pecuárias que não tem nenhum impacto ambiental negativo.

Pelo contrário, transforma o apicultor em um “ecologista prático”.

- A polinização intensiva, realizada pelas abelhas do gênero *Apis*, favorece a manutenção da biodiversidade, impactando positivamente a sustentação do ecossistema local, bem como permitindo ganhos de produtividade em diversas culturas, em função da polinização.

- Cada vez mais, os grandes laboratórios descobrem nos produtos da apicultura, especialmente na apitoxina, na própolis e no pólen, novas formas de aplicação com fins terapêuticos.

- Potencial de aumento do consumo interno por habitante/ano (Bra-

sil = 60 gramas; EUA = 910; Alemanha = 960; e Suíça = 1.500).

- Elevado potencial de incremento na produtividade. Por meio de um “manejo adequado”, ou seja, pela adoção das “Boas Práticas Apícolas”, pode-se triplicar a produtividade: de 16 kg para 48 kg/colméia/ano.

- Disponibilidade de matéria-prima. Atualmente, explora-se apenas 15% do potencial da flora apícola. Estima-se que o Brasil tem um potencial inexplorado de, pelo menos, 200 mil toneladas de mel, além dos demais derivados.

- Elevada capacidade ociosa das indústrias (entrepósitos) de beneficiamento de mel.

- Alta qualidade do mel brasileiro, pela maior rusticidade das abelhas africanizadas em relação às abelhas do gênero *Apis* no mundo inteiro, reduzindo custos e dispensando uso de drogas veterinárias.

- Elevado potencial para produção do mel orgânico, pela disponibilidade de plantas melíferas e silvestres, isentas de pesticidas e herbicidas.

- Potencial de produção no Brasil de derivados de mel com alto valor agregado, por meio do *marketing*, do *design* e da “certificação”.

PLANEJAMENTO

Mas, como todo bom negócio, para ser sustentável, é fundamental um bom planejamento. É preciso ter uma visão sistêmica do agronegócio apícola e uma abordagem de cadeia produtiva, estimulando alianças estratégicas em todos os seus elos. Uma tarefa que demanda a integração, o engajamento e o compromisso de todos os envolvidos, que deve ser assumida e protagonizada pelos representantes, apicultores e empresários, do setor. A recém-criada Câmara Setorial do Mel e outros produtos das abelhas, no âmbito do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, certamente se constituirá no fórum propício e ideal para o encaminhamento e equacionamento dessas questões.

Em síntese, é preciso que todos pensem como o grande empreendedor Walt Disney, que um dia se definiu da seguinte forma: “Penso em mim como uma pequena abelha. Vou de uma área a outra, junto pólen e assim estímulo todo o mundo”.

O Sebrae investe em projetos de apicultura com 245 parceiros em 418 municípios beneficiando 12.875 apicultores organizados em 283 associações e 42 cooperativas, com uma produção equivalente a 23% da produção nacional (IBGE).

Henrique Faraldo, presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Mel (Abemel)

“Não adianta ficarmos procurando culpados”

Presidente da Abemel considera a diversidade e a produção de mel orgânico grandes atrativos para que o produto continue interessando os importadores

Com 18 anos de experiência no mercado de mel, o administrador Henrique Faraldo, 37 anos, está diante de um dos maiores desafios de sua vida: superar a crise dos exportadores diante do embargo da União Européia ao mel brasileiro, que entrou em vigor no dia 17 de março deste ano.

Há três meses na presidência da Associação Brasileira de Exportadores de Mel (Abemel), Faraldo representa um grupo de 15 empresários que são responsáveis por 80% das vendas externas do produto, diretamente afetadas pela decisão européia.

O Brasil produz de 35 mil a 45 mil toneladas de mel por ano. Em 2005, as exportações somaram 14,5 mil toneladas (US\$ 18,94 milhões), e 80% das vendas externas foram para a Europa.

O presidente da Abemel evita apontar culpados, mas diz que o embargo poderia ter sido evitado. E prefere alinhar os próximos passos que devem ser dados para a descoberta de soluções. Na avaliação dele, os importadores têm interesse de continuar comprando o mel brasileiro. Boa parte dos méis do Nordeste já é exportada como produto orgânico.

Em entrevista à revista **SEBRAE AGRONEGÓCIOS**, o exportador aponta caminhos para a superação da crise. Confira a seguir:

SEBRAE AGRONEGÓCIOS – Qual foi o impacto do embargo da União Européia nas exportações brasileiras de mel?

Henrique Faraldo – As em-

presas exportadoras precisaram se readaptar à nova realidade de mercado, reposicionando as ofertas para os Estados Unidos, que é o segundo maior mercado consumidor. Outra opção seria o Oriente Médio, mas o Brasil não tem tradição exportadora para esse mercado, que ainda é dominado pelos fornecedores europeus, principalmente pelos alemães e espanhóis.

SA – Os exportadores esperavam o embargo da União Européia ou foram pegos de surpresa?

Faraldo – Entre a primeira informação de que a União Européia poderia barrar as exportações e o embargo, nós tivemos um intervalo de três semanas. Foi uma surpresa tanto para os exportadores brasileiros, quanto para os importadores da Alemanha, da Inglaterra, enfim de todo mercado europeu. Tudo aconteceu muito rápido.

SA – O embargo é justificável?

Faraldo – Sim. Tecni-

camente, os europeus não tinham alternativa, a não ser executar o embargo. Essa postura foi a conclusão de um processo que começou há três anos, o que significa que as exigências não foram feitas de uma hora

para outra. As cobranças foram as mesmas que valem para outros produtos, como bovi-



FOTOS: DIVULGAÇÃO

nos, suínos e frangos. O controle de resíduos é uma exigência comum entre parceiros comerciais. A União Européia não chegou aqui com uma novidade, como ocorreu na China, quando foi detectada a presença de clorofenicol no mel chinês. Naquela ocasião, foi aplicada uma barreira sanitária em função da presença comprovada de antibióticos.

Os europeus têm uma espécie de alerta vermelho que é acionado quando algum sinal de antibióticos é detectado em amostras de produtos de origem animal. No caso do Brasil, nem esse primeiro alerta ocorreu.

SA – Seria possível evitar o embargo?

“Como o mel do Brasil é livre dessas substâncias (antibióticos), é usado para fazer blends (misturas) de correção dos méis com eventuais problemas.”

Faraldo – Seria, se o Brasil tivesse cumprido as etapas que estavam previstas no acordo com a União Européia. Por exemplo, deveria ter sido feito o credenciamento dos laboratórios e a validação das metodologias de análise. Também era necessário um estudo das doenças apícolas no Brasil, para particularizar as nossas reais necessidades. Nós estamos sendo questionados acerca de antibióticos que não são usados no Brasil, mas que são aplicados na Argentina, na China e em outros países que fazem tratamento das abelhas. No Brasil, nós não temos esse problema.

SA – De quem é a responsabilidade pelo embargo?

Faraldo – Esse tema não é do setor privado, é do governo. Nós estamos trabalhando em conjunto com o setor público, que está respondendo com a velocidade possível. O embargo envolve questões técnicas que precisam ser trabalhadas numa relação de governo para governo. Não adianta ficarmos procurando culpados.

SA – Qual o cenário para as exportações de mel?

Faraldo – Vai depender do volume de mel que vamos produzir. A safra deste ano está atrasada, há pouco começou no Nordeste, que é um grande fornecedor. Daqui pra frente é que poderemos calcular o tamanho da produção. Se nós tivermos uma safra boa, teremos uma dificuldade maior para escoar. Hoje, os Estados Unidos estão importando, mas em maio começa a safra americana e eles terão uma oferta grande de matéria-prima dentro de casa. Os Estados Unidos são um grande produtor de mel, com 100 mil toneladas anuais.

SA – O mel do Brasil é competitivo no mercado externo?

Faraldo – Sim, o mel brasileiro tem uma boa procura lá fora. Os importadores compram, tradicionalmente, da Argentina e da China, onde os méis pode conter uma pequena presença de antibióticos. Como o mel do Brasil é livre dessas substâncias, é usado para fazer *blends* (misturas) de correção dos méis com eventuais problemas.



Tambores metálicos usados na exportação: embalagem adequada às exigências dos importadores

SA – Como está o controle de qualidade das exportações?

Faraldo – Todos os entrepostos fazem rastreabilidade. O mel é embalado em tambores metálicos, do mesmo tipo usado para exportação de suco de laranja. Cada tambor recebe um lote e nós sabemos a história dele do princípio ao fim. Muitas empresas têm uma classificação que vai ao nível de floradas e subfloradas. Existem *blends*, necessários para a obtenção de determinada cor ou padrão, mas, se você abrir um tonel, você sabe exatamente o que tem ali e em que proporção.

SA – O mel brasileiro já possui uma identidade no exterior?

Faraldo – Sim. O mel de bracinga, que possui alta condutividade, é muito procurado na Europa. Antes de iniciarmos as exportações, esse produto era vendido no Brasil como um mel de segunda linha, e hoje é muito valorizado lá fora. O mel de laranja do Brasil também é muito requisitado. No mundo todo, há apenas quatro grandes produtores desse tipo de mel: Estados Unidos, México, Espanha e Brasil. Então, estrategicamente, para os importadores, é muito importante manter o Brasil como fornecedor. Outros tipos de méis do Nordeste, como, por exemplo, de marmeleiro, de

cipó-uva, de angico, também são valorizados pelo sabor, pela suavidade e pela clareza da cor. Uma boa parte desses méis já é exportada como produto orgânico.

SA – O que ainda falta ao mel brasileiro para conquistar mais mercados?

Faraldo – Falta uma maior particularização dos méis, explorar as características de cada florada, ao invés de vender tudo na forma de *blend*. Precisamos evitar as misturas sem controle da qualidade do produto.

“Tecnicamente, os europeus não tinham alternativa, a não ser executar o embargo”.

SA – Qual o diferencial do mel brasileiro?

Faraldo – A diversidade, o grande potencial para produção de mel orgânico. Além disso, temos uma característica que outros países não têm: condições de oferecer mel o ano todo, pois, em algum lugar do País, todos os meses, está entrando mel. Se falhar a produção em algum estado, nós conseguimos recuperar em outro, mantendo a rotatividade do produto. Na Argentina, onde a exportação é sete vezes superior à do Brasil, a produção se concentra entre novembro e fevereiro. O Uruguai e a China têm a mesma característica. Então, para os importadores, é um conforto saber que poderão ser abastecidos o ano todo pelo Brasil.



O salto do mel

Em 50 anos de abelhas africanizadas, o Brasil passou da 27ª para a 5ª posição no ranking mundial de exportação de mel. Estima-se que 350 mil pessoas participem da cadeia produtiva

Elas chegaram ao Brasil em 1956 e desembarcaram no Rio de Janeiro, mas não ficaram no estado. Foram levadas para Camacã, no interior de São Paulo, e por lá fizeram história. As abelhas africanas foram trazidas pelo geneticista Warwick Estevam Kerr, o maior especialista em genética de abelhas do mundo, até hoje em plena atividade aos 84 anos (veja o perfil do pesquisador na página 14). Com o auxílio do professor Lionel Gonçalves, da Universidade de São Paulo, Kerr criou um híbrido das espécies africana e européia, que já existia no Brasil. Esses geneticistas são considerados os maiores responsáveis pelo salto de produtividade dado pela apicultura nacional na segunda metade do século 20.

Ao mesmo tempo, houve a

disseminação de cruzamentos na natureza entre as abelhas africanas e outras espécies, como as européias e as nativas, devido à liberação acidental, por um apicultor, de exames africanos que estavam em quarentena num apiário no Município de Rio Claro (SP). Daí formou-se um políbrido, com domínio das africanas, que picaram pessoas e mataram animais. Hoje, as chamadas abelhas africanizadas representam quase 90% das abelhas existentes no País.

Em 50 anos, as abelhas africanizadas deram grande contribui-

ção para o avanço da apicultura graças ao desenvolvimento de técnicas adequadas à criação de abelhas e ao aproveitamento de seus produtos. Também contribuíram para o País passar de 27ª para 5ª posição no ranking mundial de exportação de mel e ficar hoje em 11º maior produtor mundial.

Na década de 50, o Brasil produzia apenas 4.000 toneladas de mel por ano. Com as abelhas africanizadas, a produção foi ampliada e, atualmente, o País produz 40 mil toneladas



EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MEL

ANO	US\$ FOB	1.000 TON
2006 (JANEIRO A MARÇO)	6.011.474	3,7
2005	18.940.333	14,44
2004	42.303.889	21,02
2003	45.545.098	19,27
2002	23.141.221	12,64
2001	2.808.353	2,48
2000	331.060	0,26

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)

por ano. O aumento é explicado porque a abelha africanizada é bastante produtiva e mais resistente às pragas que destroem colméias.

O presidente da Federação



Mineira de Apicultura, Irone Martins Sampaio, acredita que a tecnologia trouxe qualidade para a produção e comercialização do mel. “Os apicultores contam agora com mais recursos a exemplo de cursos de orientação, equipamentos mais adequados, vestuário próprio e tudo isso faz diferença na fabricação do mel”, diz Sampaio.

Vários países perceberam os avanços no processo de fabricação e começaram a importar o produto do Brasil. Nesta década, o Brasil passou a ocupar um lugar de destaque mundial na exportação de mel, inclusive com a participação de apicultores do semi-árido do Nordeste. Eles ajudaram a transformar o País em exportador do produto, passando de 269 toneladas, em 2000,

para 21 mil toneladas, em 2004, um aumento de 7.800%. Em 2005, houve uma queda que prenunciou a crise provocada pelo embargo da União Européia ao mel brasileiro e a necessidade de se buscar alternativas de mercado.

Em 2005, a exportação de mel brasileiro atingiu 14,4 mil toneladas, gerando uma receita de US\$ 18,9 milhões para o País. Em torno de 80% das exportações foram para a União Européia (11,1 mil toneladas e US\$ 14,4 milhões), sendo a Alemanha o principal importador (6,2 mil toneladas e US\$ 8,1 milhões). Os principais estados brasileiros exportadores foram São Paulo (US\$ 7,72 milhões), Ceará (US\$ 3,4 milhões), Piauí (US\$ 3,05 milhões) e Santa Catarina (US\$ 2,93 milhões).



Fonte: Ministério da Agricultura e Confederação Brasileira da Apicultura

MEL DA INCLUSÃO

Os números mostram que a apicultura virou um instrumento de inclusão econômica e alternativa de emprego e renda. O casal apicultor Angelino José Ferreira e Isabete Mendes Ferreira percebem que a apicultura poderia ser uma boa fonte de renda familiar e decidiu investir na atividade.

Eles nunca tiveram medo de sofrer ferroadada. Eles saíram de Viçosa (MG), onde viviam na zona rural e foram para o Distrito Federal. Lá, tiveram a oportunidade de fazer cursos acerca das técnicas de apicultura e partiram para a prática. Sem terras próprias, o casal cria abelhas em propriedades alugadas em fazendas no Estado de Goiás.

Estima-se que 350 mil pessoas vivam hoje no Brasil com a renda da apicultura. A atividade não necessita de um alto investimento inicial e tem grandes vantagens naturais, a exemplo da extensa flora brasileira com inúmeras plantas nectaríferas e poliníferas (essenciais para as abelhas). Outra característica que ajuda no crescimento é a condição favorável para a criação desses insetos encontrada em todas as regiões. Além disso, o apiário (habitat das abelhas) não necessita de cuidados diários, permitindo que os apicultores tenham uma outra fonte de renda.

A atividade exige, porém, profissionalização para render boas safras. É o que está sendo feito por entidades de apicultores e instituições a exemplo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Para pequenos grupos familiares, a exemplo do casal Angelino e Isabete, iniciativas como a do Sebrae representam a chance de um bom negócio. “Os cursos oferecidos para os apicultores são importantes, porque nos ensinam a produzir melhor, aumentando, assim, a qualidade dos nossos produtos. Se tivermos qualidade nos produtos, teremos uma doce renda”, diz Isabete.

Um apaixonado na história da apicultura brasileira

A trajetória de Warwick Kerr, o maior geneticista de abelhas do mundo, se confunde com a evolução da atividade no Brasil e revela um homem que sempre acreditou nos seus sonhos



DIVULGAÇÃO

Kerr defende também o desenvolvimento da criação das abelhas nativas sem ferrão

Brincadeiras, idéias, coisas, gostos, enfim, tudo para ele precisava ser diferente. Tão diferente que, aos oito anos de idade, ganhou de presente de seu pai uma colméia. Enquanto as crianças corriam pelas ruas, Warwick Estevam Kerr observava sua colméia e o vôo das abelhas. Aos 12 anos, criou seu próprio estroboscópio – instrumento que permite visualizar um objeto que está girando como se estivesse parado.

Desde então começou a ser traçado o futuro do maior geneticista de abelhas do mundo e um dos principais responsáveis pela evolução da apicultura brasileira nos últimos 50

anos, desde quando ele introduziu no País as abelhas africanas, dando origem aos híbridos das abelhas africanizadas.

“Minha mãe fazia manteiga e usava uma centrífuga para separar o leite e a gordura. Eu usei a centrífuga para ver o movimento da asa da abelha. E meu pai disse que eu havia redescoberto o estroboscópio”, lembra Kerr, do alto de seus 84 anos em plena atividade científica na pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

Tudo poderia ser diferente e hoje a história da apicultura poderia ser outra, se o apaixonado pelas abelhas não tivesse acreditado em seus sonhos. Isso aconteceu, por exemplo, no segundo ano de faculdade de agronomia, quando ele manifestou interesse pela genética e pelas abelhas, surpreendendo o professor.

“Nesse momento, poderia ter desistido, mas sempre vou atrás dos meus sonhos”, afirma ele. “Eu tive que começar do zero sete vezes. Poderia ter perdido a esperança na primeira vez, mas não perdi. E, se for preciso começar de novo, por que não?”

LUCROS

Outro desconforto poderia tê-lo estimulado a desistir da paixão pelas abelhas. Depois de ter introduzido em 1956 as abelhas africanas no Brasil, a pedido do governo federal, Kerr enfrentou o constrangimento de ser acusado como responsável pelos

incidentes provocados pelos exames importados que fugiram de um apiário no interior de São Paulo.

“As pessoas me apontavam na rua. Escutei muitas coisas desagradáveis. Uma vez o pai falou para seu filho que eu era o responsável pela morte de um cavalinho da fazenda, porque trouxera a abelha que ferroava e matava,” conta.

Kerr acredita que as abelhas africanizadas representam sua contribuição para o fortalecimento da apicultura e de seus benefícios.

“A apicultura tem três lucros inevitáveis. Primeiro, o lucro ecológico porque as abelhas estão entre os insetos polinizadores mais importantes e

muitas das plantas que cultivamos, principalmente as árvores frutíferas,

dependem dos insetos para sua polinização. O segundo é o econômico porque a apicultura ainda é a atividade mais lucrativa da agricultura. E o terceiro lucro é o social. A apicultura envolve toda a família, desde o pai até os netos”, explica o geneticista.

Apesar de ter sido responsável pela experiência que multiplicou a apicultura brasileira, Kerr mantém-se fiel à sua história de buscar rumos diferentes. Ele é defensor da valorização da meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão), com o aproveitamento das abelhas nativas. Ele orienta apicultores que estão montando no Paraná colméias com casas de calefação para criar abelhas nativas uruçus e jandairas levadas do Nordeste.

“Eu tive que começar do zero sete vezes. Poderia ter perdido a esperança na primeira vez, mas não perdi. E, se for preciso começar de novo, por que não?”

Colméia de projetos

Apicultura é a carteira de projetos do Sebrae que reúne o maior número de beneficiários, reforçando a importância da atividade como fator de inclusão social e econômica no meio rural

A Apicultura reúne o maior número de beneficiários das carteiras de projetos das Unidades de Agronegócios, Indústria e Comércio e Serviços do Sebrae. Ao todo, os 39 projetos, em 22 Unidades Federativas, estruturados para atender 12.875 apicultores em 418 municípios brasileiros.

No período de 2006 a 2008, esses projetos vão aumentar a produção anual de mel, passando de 7.482 para 11.697 toneladas, com aumen-

to da produtividade por colméia/ano de 18,4 quilos para 28,7 quilos. Os investimentos previstos envolvem R\$ 55,5 milhões, sendo R\$ 19,4 milhões oriundos do Sistema Sebrae.

Veja quais são e onde estão os projetos apoiados pela instituição e parceiros, entre os quais estão 283 associações e 42 cooperativas. São beneficiários desses projetos mais de 12 mil apicultores. A apicultura é a carteira do Sebrae que tem o maior número de beneficiários, avaliam Alzi-

ra Vieira e Reginaldo Resende, Coordenadores Nacionais de Apicultura da Unidade de Agronegócios do Sebrae.

Mais detalhes dos projetos podem ser consultados pelo endereço eletrônico www.sigeor.sebrae.com.br, que abriga os projetos incluídos na Gestão Estratégica Orientada para Resultados (Geor), uma metodologia concebida pelo Sebrae para pactuar e medir com parceiros os efeitos socioeconômicas das ações conjuntas realizadas.

UF	Projetos de Apicultura	Número de municípios	Número de apicultores	Número de associações	Número de cooperativas
AL	APL Apicultura Sertão	7	130	5	1
	APIS - Microrregião de Teixeira de Freitas	9	200	8	0
BA	Projeto APIS - Apicultura Integrada e Sustentável - Mesorregião Norte	16	650	18	6
	Projeto Polem do Sul da Bahia	5	150	5	1
	APIS Cariri	22	300	4	1
CE	APIS Região Metropolitana	8	300	18	2
	APIS Região Norte	8	201	7	0
	APIS Sertões Cearense	22	730	9	1
DF	APIS RIDE	*	110	1	0
GO	Apicultura no Território da Estrada de Ferro	14	150	0	4
MA	APIS no Maranhão	12	712	5	1
	Apicultura na Região do Vale do Rio Urucuia	10	119	1	1
MG	Apicultura do Município de Buritizeiro	7	55	1	1
	Apicultura na Região de Viçosa	18	70	1	1
	Desenvolvimento da Apicultura no Centro Nordeste Mineiro	14	65	3	3
MS	Desenvolvimento da Apicultura de MS	3	80	1	1
MT	APL de Apicultura da Região de Cáceres	21	300	5	1
PA	Apicultura na região de Belém	5	250	2	0
	Apicultura na região de Capanema	7	800	7	0
PB	Apis no Curimataú/Serido	16	137	4	0
PE	Desenvolvimento da Apicultura no Araripe (GEOR)	8	170	7	1
	Apicultura da Serra da Capivara	4	170	7	0
PI	Apicultura no Litoral Piauiense	10	200	8	2
	APIS Araripe	12	400	10	2
PR	APL Mel Rio Paraná	3	122	3	0
RJ	Apicultura das Regiões Norte-Noroeste Fluminense	13	80	1	1
RN	Fortalecimento do APIS nas Regiões do Oeste, Alto Oeste e Vale do Assú	50	2.777	50	1
RO	ApisCentro - Apicultura Integrada e Sustentável na Região Central em Rondônia	3	75	3	0
	PROAPIS - Apicultura Integrada e Sustentável na região do Cone Sul em Rondônia	3	75	3	1
RR	Projeto APIS	2	70	2	1
	Projeto APIS Roraima	2	70	2	1
RS	Pólos Regionais de Apicultura no RS	30	2500	30	5
SC	Arranjo Produtivo da Apicultura da Região de Curitiba	4	26	1	0
	Arranjo Produtivo da Apicultura da Região de Videira	11	97	11	1
	APIS - Apicultura Integrada e Sustentável na Região de Lagarto	3	100	3	0
SE	APIS - Pólen na Região de Propriá	7	90	8	0
	APIS -QQC DO MEL na Região de Glória	9	220	13	1
TO	Desenvolvimento da Apicultura na Região Sul	10	62	8	0
	Pro-Apicultura do Cerrado	10	62	8	0
	TOTAL	418	12.875	283	42

Valor total investimento no período 2006/2008 (SEBRAE e Parceiros)= R\$ 55.502.025,00
 Valor investimento pelo SEBRAE no período de 2006/2008 = R\$ 19.423.546,00 - 35% do valor total (representando uma alavancagem de 3/1)
 Informações detalhadas dos investimentos: www.sigeor.sebrae.com.br



Prof. Dr. Lionel Segui Gonçalves

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo –
Departamento de Biologia – Ribeirão Preto-SP-Brasil
(e-mail: lsgoncal@usp.br)

Desenvolvimento e expansão da apicultura no Brasil com abelhas africanizadas

“O Brasil se tornará em breve um dos mais importantes fornecedores mundiais de produtos apícolas e, em especial, de mel orgânico”

Ao se comemorar, no presente ano, os 50 anos da introdução das abelhas africanas no Brasil, ocorrida em 1956, constata-se que houve nesse período uma significativa mudança para melhor na situação da apicultura brasileira. Isso se constata tanto do ponto de vista do agronegócio, como do social e tecnológico, apesar do fato de recentemente o Brasil ter sofrido um bloqueio temporário de suas exportações para a Europa devido à falta de atuação do Ministério da Agricultura quanto às normas exigidas pelo Mercado Europeu para a exportação de mel. Aguarda-se uma solução urgente por parte de nossas autoridades, pois, se esse impasse não for resolvido em breve, a nossa apicultura certamente entrará em uma séria crise, o que infelizmente será um retrocesso.

É interessante lembrarmos que, desde sua criação, a apicultura brasileira já passou por várias dificuldades, caracterizadas por impactos negativos e positivos, que se intercalaram ao longo dos anos. Nesse

sentido, podemos dividir a **História da Apicultura Brasileira** basicamente em **três etapas** distintas, a saber: a primeira etapa ou **“período de implantação da apicultura no País”**, que corresponde ao período entre 1839 a 1955 e que, portanto, antecede a chegada das abelhas africanas (*Apis mellifera scutellata*) ao Brasil em 1956; a segunda etapa ou **“período de africanização dos apiários e das colônias na natureza”**, que se iniciou intensamente a partir dos primeiros enxames africanos ocorridos em 1956, continuando ao longo dos anos e ultimamente com menos intensidade até os dias atuais; e uma terceira fase muito marcante que foi o **“período de recuperação e expansão da apicultura brasileira”**, iniciado em 1970, quando ocorreu o Primeiro Congresso Brasileiro de Apicultura, atingindo até os dias de hoje.

A primeira fase correspondeu ao início da exploração da apicultura brasileira pelos colonizadores europeus e foi alicerçada em tecnologias

importadas da Europa, em especial alemã, destacando-se sua influência principalmente no Sul do Brasil. Destacamos aqui o Município de Rio Pardo (RS), berço da apicultura brasileira e, por essa razão, considerado hoje como sede histórica da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA). Nesse primeiro período, as atividades apícolas eram ainda de pouca expressão no cenário agrícola nacional e as pessoas desenvolviam a apicultura mais como *hobby* ou como uma atividade secundária que, aos poucos, se expandiu para o Sudeste brasileiro e demais regiões.

A produção de mel do Brasil na ocasião, década de 50, oscilava ao redor de 5 mil toneladas/ano e era muito pequena comparada com a produção de países vizinhos, a exemplo da Argentina (mais de 30 toneladas/ano), apesar de o nosso clima ser tropical e de possuímos excelente flora, propícia à exploração da apicultura. Tal fato chamou a atenção de algumas autoridades brasileiras, tendo o eminente geneticista

brasileiro, prof. Warwick E. Kerr, sido convidado para analisar o problema com o objetivo de se aumentar a produção nacional de mel. Assim, após uma revisão bibliográfica na literatura acerca da produtividade de várias raças de abelhas, o Prof. Kerr dirigiu-se à África em 1956 e, após constatar a alta produtividade das abelhas africanas *Apis mellifera scutellata*, decidiu introduzi-las no Brasil, iniciando-se então, em 1956, a segunda etapa da história da apicultura brasileira (**período de africanização**). Devido à liberação acidental, por um apicultor, das abelhas africanas que estavam em quarentena num apiário no Município de Rio Claro (SP), iniciou-se o cruzamento dessas abelhas africanas com as demais abelhas européias (ligustica, mellifera, etc.) que haviam sido introduzidas anteriormente no Brasil, formando-se um **poliíbrido**,

“A total falta de conhecimento da biologia e do comportamento das abelhas africanas foram as causas principais da maioria dos acidentes amplamente noticiados pela mídia.”

com domínio das africanas. Essa segunda etapa ficou caracterizada principalmente pela série de acidentes ocorridos devido à elevada agressividade dessas abelhas.

A total falta de conhecimento da biologia e do comportamento das abelhas africanas, bem como a inexistência de métodos apropriados de manejo dessas abelhas, foi a causa principal da maioria dos acidentes amplamente noticiados pela mídia. Esses fatos causaram um impacto extremamente negativo na população, surgindo então o termo “abelha assassina” ou “*killer bee*”, criado pela mídia, com sérios danos à apicultura. Muitos apicultores abandonaram suas atividades e a falta de conhecimento e manejo dessa abelha causou um verdadeiro **“caos na apicultura brasileira”**.

A dependência brasileira de ma-

terial apícola importado na ocasião era absoluta, desde a importação de colméias a centrífugas e demais implementos apícolas. O associativismo era quase inexistente, tendo o período culminado com a criação da Confederação Brasileira de Apicultura que, em 1970, realizou o 1º. Congresso Brasileiro de Apicultura em Florianópolis (SC) para se discutir os sérios problemas da apicultura nacional. A partir de 1970, iniciava-se a terceira etapa ou o **“período de recuperação e expansão da apicultura brasileira”**, que se constituiu no **grande desafio** para os pesquisadores, técnicos e apicultores brasileiros. Nesse terceiro período, foi introduzida por nós a terminologia **“abelha africanizada”** para identificar o **poliíbrido** resultante do cruzamento das abelhas africanas com as européias e, principalmente, para substituir a imprópria denominação de “*killer bee*”, “abelha assassina” ou mesmo “*brazilian bees*”, terminologia já aplicada para as abelhas brasileiras sem ferrão. Nessa fase, uma série de ações em universidades e alguns órgãos governamentais, lideradas pelos pesquisadores, técnicos e

GILBERTO ALVES



apicultores proporcionaram grandes mudanças na apicultura brasileira, ou seja, a adaptação propriamente dita do apicultor às abelhas africanizadas, significativa produção de artigos científicos acerca dessas abelhas, o desenvolvimento de novas metodologias de manejo, autonomia da indústria de material apícola (centrifugas eletrônicas, desoperculadores, decantadores, homogeneizadores, de alta qualidade etc.). Com a migração das abelhas africanizadas em direção ao Norte e Nordeste do País, alguns estados nordestinos, a exemplo da Bahia, do Piauí, do Ceará, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, de Sergipe etc., passaram a se interessar pela apicultura, ocorrendo um significativo aumento do número de apicultores e de colônias de abelhas africanizadas nessa região.

Queremos destacar aqui a marcante política de incentivo apícola do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), pelos importantes programas de capacitação e apoio tecnológico aos apicultores, em especial no Nordeste. A rica flora natural, típica da região nordestina, por ser pouco agricultável – e, portanto, isenta de agrotóxicos – e a presença das abelhas africanizadas resistentes a doenças de crias e ao ácaro *Varroa destructor* propiciam ao Nordeste a produção do mel e, em especial, do mel orgânico, produção que vem aumentando a cada ano, sendo que, apenas em 2004, o Nordeste foi responsável por aproximadamente 30% da exportação de mel produzido no Brasil. Por essa razão, o Nordeste representa hoje um dos maiores potenciais apícolas do País. Segundo estimativas dos distintos estados brasileiros, a produção média anual de mel no Brasil aumentou consideravelmente, tendo atingido 50 mil toneladas nos últimos anos, embora ainda não exista uma estatística exata nem da produção, nem do número de apicultores e



O Brasil apresenta várias culturas de interesse econômico que se utilizam de polinização por abelhas. Essa atividade precisa ser melhor valorizada no agronegócio brasileiro.

de colméias no País.

O Brasil apresenta várias culturas de interesse econômico que se utilizam de polinização por abelhas. Essa atividade precisa ser melhor valorizada no agronegócio brasileiro.

Devido ao embargo ocorrido nas exportações chinesas de mel ao redor de 2000, a partir de 2001 o Brasil passou a figurar no

mercado apícola internacional como exportador de mel, assim como

também de própolis, sendo grande produtor de própolis verde (de alecrim) altamente comercializável devido às propriedades medicinais especiais. Devo, ainda, acrescentar que, além dos fatos já comentados, o

Brasil apresenta várias culturas de interesse econômico que se utilizam de polinização por abelhas, como as culturas de laranja, melão, maçã, morango, berinjela, etc. Embora essa atividade apícola já venha sendo explorada há



Caso não seja suspenso em curto prazo esse bloqueio comercial, é grande o risco de um eminente caos apícola no País.

anos no Sul e Sudeste brasileiros e mais recentemente no Nordeste (polinização de melão etc.), ela vem crescendo razoavelmente no país. Porém, precisa ser melhor valorizada no agronegócio brasileiro.

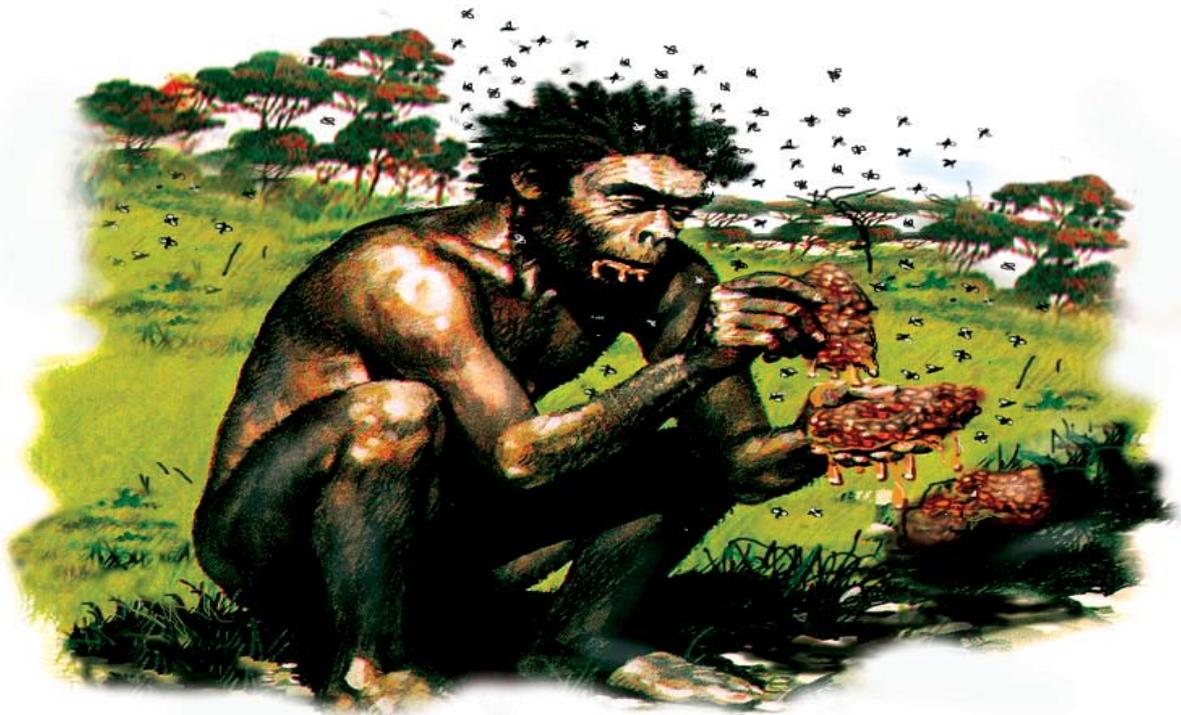
Assim, em face do progresso ocorrido até agora na apicultura brasileira e após termos conquistado o cobiçado mercado apícola internacional, chegando a exportar, em 2004, ao redor de 24 mil toneladas de mel, espera-se que o Brasil recupere esse importante filão do agronegócio internacional, momentaneamente prejudicado pelo bloqueio europeu às exportações brasileiras. Portanto, caso não seja suspenso em curto prazo esse bloqueio comercial, é grande o risco de um eminente caos apícola no país. Finalmente, em face do indubitável crescimento da apicultura brasileira apresentada

no relato acima, **com mais apoio governamental e de entidades correlatas a exemplo do Sebrae etc., melhor organização do associativismo apícola e com boa dose de otimismo em relação à continuidade das exportações, é possível prever-se um futuro muito promissor da apicultura brasileira**, sendo nossa opinião que o Brasil se tornará em breve um dos mais importantes fornecedores mundiais de produtos apícolas e, em especial, de mel orgânico.



Das cavernas ao século 21

Abelhas são mais antigas do que o homem das cavernas, que já consumia o produto como uma mistura de mel, pólen e cera



Pesquisas arqueológicas demonstram que as abelhas já produziam e estocavam mel há 20 milhões de anos, antes do surgimento do ser humano na Terra. O homem das cavernas saía à caça dos insetos, mas não sabia como separar os produtos do favo. O alimento era ingerido como uma mistura de mel, pólen, crias e cera.

Os egípcios foram os primeiros a manejar as colméias, colocando as abelhas em potes de barro, 2.400 anos antes de Cristo. Mas a palavra colméia teve origem na Grécia, onde os gregos colocavam enxames em recipientes com forma de sino, feitos de uma palha trançada, chamada colmo.

Com o tempo, as abelhas passaram a assumir importância cultural e religiosa, sendo consideradas sagradas por muitas civilizações.

A exploração econômica do mel cresceu na Idade Média, quando as abelhas chegaram a ser consideradas símbolos de poder para reis e papas, aparecendo em brasões, cetros, coroas, moedas e mantos reais. Em algumas regiões da Europa, os enxa-

mes eram registrados em cartório e deixados de herança.

MEL NO BRASIL

As abelhas nativas já habitavam o território brasileiro antes da chegada dos colonizadores. Mas a apicultura, como forma organizada de produção, começou com os enxames

trazidos pelos imigrantes. A atividade se expandiu a partir de 1956, com o cruzamento das espécies europeias e africanas, que resultaram na raça africanizada.

A diversificação da flora brasileira contribuiu para a expansão da atividade, que hoje está presente em todos os estados.

DOS HERÓIS GREGOS AOS ÍNDIOS BRASILEIROS

– A mitologia grega conta que Zeus, o maior dos deuses, foi criado por ninfas, que o alimentaram com mel e leite de cabra.

– A Bíblia faz inúmeras referências ao mel. No Antigo Testamento, há passagens onde a Terra Prometida é descrita por Deus ao profeta Moisés como um lugar onde corriam leite e mel.

– A expressão lua-de-mel surgiu na Babilônia, há cerca de 4.000 anos, quando o pai da noiva oferecia ao genro uma bebida alcoólica feita da fermentação do mel.

– O pai da medicina, o grego **Hipócrates** (460-370 a.c) usava o alimento em seus preparos para combater diversas doenças

– O mel é universal por ser um alimento consumido pelo mundo todo

– O Brasil tem uma lenda indígena para explicar a origem do mel, onde o alimento era mantido pelo lobo-guará. Os outros animais da floresta venceram o lobo para poder saborear o líquido.

– A doçura do mel inspirou o brasileiro José de Alencar, que descreveu Iracema como a virgem dos lábios de mel: “O favo do jati não era doce como seu sorriso”, escreveu o romancista.



Com o embargo, toneladas de mel estão encalhadas; alguns produtores acreditam em boicote ao produto brasileiro

Exportação para a Europa deve ser retomada este ano

Governo age para solucionar o impasse, mas União Européia reafirma que só suspende proibição ao mel brasileiro se houver controle de resíduos

O embargo da União Européia ao mel brasileiro deverá ser suspenso até o segundo semestre. A previsão é dos técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), encarregados de negociar a reversão da medida. Mas as autoridades europeias adiantam que a proibição somente será cancelada, se o governo brasileiro apresentar informações satisfatórias que atestem o controle de resíduos químicos na produção nacional.

“Nossa expectativa é retomar as exportações antes do fim do ano”, afirma o coordenador de Resíduos e Contaminantes da Secretaria de Defesa Agropecuária do Mapa, Adauto

Lima Rodrigues. “Esse assunto já está na esfera presidencial, com solicitação para resolução imediata”, disse, referindo-se ao fato de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter acionado o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, para resolver o impasse.

Durante reunião organizada em abril, pelo ministério com exportadores, para discutir o embargo,

foi informado que o empresário Peter Martin, da Associação Internacional de Empacotadores de Mel, com sede no Reino Unido, considera que a medida

poderá ser rapidamente revista, se o Brasil remeter ao Laboratório Applica GMBH, da Alemanha, igual número das 420 amostras que serão colhidas pelo Programa Nacional de Controle de Resíduos (PNCR), do Ministério.

Exportador analisa o embargo como retaliação comercial em razão do sucesso de produtos brasileiros à base de mel nas gôndolas europeias



NOVO CONTROLE

Japão vai exigir dos parceiros comerciais a análise de 765 substâncias

Uma nova ameaça aos produtos brasileiros pode vir do Japão, que está prestes a adotar uma nova legislação de controle sanitário com a exigência da análise de 765 substâncias encontradas em produtos de origem animal, vegetal e aditivos.

De acordo com o coordenador do Programa Nacional de Controle de Resíduos do Ministério da Agricultura, Adauto Rodrigues, não há nenhuma comunicação oficial de que a medida possa provocar embargo a alimentos oriundos do Brasil.

“A respeito disso, apenas ouvimos boatos”, afirmou Rodrigues à revista **SEBRAE AGRONEGÓCIOS**. “Esperamos que, com

a criação da Câmara Setorial de Apicultura, o setor possa trabalhar melhor esse tipo de informação, evitando especulações”. A Câmara será instalada no dia 22 de maio, no XVI Congresso Brasileiro de Apicultura, que ocorrerá em Aracaju (SE).

Segundo ele, o governo respondeu à consulta feita pelo Japão aos parceiros comerciais e informou que a maioria das substâncias sequer é analisada pelos laboratórios brasileiros e considerou alguns índices muito altos, superiores aos estabelecidos em programa da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

PLANO DE AÇÃO

A ausência de controle de resíduos no mel brasileiro foi a principal justificativa para o embargo. Para decretá-lo, a União Européia se baseou em dois relatórios do Serviço Alimentar e Veterinário (FVO), elaborados em 2003 e em 2005 durante visitas realizadas para inspecionar os processos de produção e monitoramento de produtos de origens animal e vegetal.

Agora, o governo brasileiro encaminha o plano de ação à Direção de Saúde e Proteção do Consumidor da União Européia, na tentativa de reverter o embargo. Depois da aplicação da medida, no dia 17 de março, os técnicos do ministério levaram um mês até concluir o plano de ação que está sendo negociado com a UE.

A proposta brasileira prevê a coleta de amostras anuais para cada grupo de antibióticos e outras substâncias químicas que tiveram monitoramento recomendado pela União Européia. As análises serão

feitas em oito laboratórios, quatro da rede oficial e quatro privados.

Além disso, em fevereiro, um mês antes da decretação do embargo, o Ministério havia incluído o mel no PNCR. Adauto Rodrigues diz que o controle adotado no Brasil segue os parâmetros do *Codex Alimentarius*, um fórum internacional de normalização de alimentos, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo ele, outros 90 países que exportam para a União Européia também adotam as referências do fórum.

Suspensão da medida pode ser antecipada com a análise conjunta no Brasil e na Alemanha de 420 amostras para monitoramento de resíduos químicos

RETALIAÇÃO COMERCIAL?

As exportações de mel para a Europa serão retomadas quando a produção brasileira se adequar aos padrões europeus de controle de resíduos, afirma o conselheiro para Assuntos Comerciais da Delegação da União Européia no Brasil, Jorge Peydro Aznar.

“Estamos exigindo a apresentação e aprovação de um programa de ação e de todas as informações necessárias, relativas aos controles no Brasil de resíduos no mel, de acordo com a legislação européia”, adianta Aznar, em resposta à revista **SEBRAE AGRONEGÓCIOS**.

Mas para o exportador José Alexandre Abreu, 42 anos, o mais intrigante no embargo europeu ao mel brasileiro é que os exportadores há muitos anos contratam laboratórios especializados para atestar a ausência de resíduos e essas análises sempre foram aceitas sem contestação. Isso alimenta, segundo ele, a suspeita de que o embargo tem mais a ver com retaliação comercial do que com a saúde dos consumidores europeus.

“Nossos produtos finais à base de mel começaram a incomodar porque vêm ganhando a preferência nas gôndolas européias”, assinala Abreu, dono da Néctar Farmacêutica, um grupo de empresas de apicultura que exportam 60 produtos à base de mel, como xampus, cosméticos e pasta de dente. Muitos deles sequer são encontrados nas prateleiras dos supermercados brasileiros. “O que está por trás dessa retaliação não é o alimento mais seguro”, avalia.

Efeitos do bloqueio europeu

Desemprego começa a surgir no Nordeste com as dificuldades de assegurar novos mercados externos e aumentar o consumo interno

O embargo europeu ao mel brasileiro começa a provocar desemprego no semi-árido nordestino e incertezas quanto ao destino da colheita. O mel que começa a ser colhido nas colméias brasileiras ainda não tem destino certo. Com o fechamento do principal mercado importador, o segmento precisa encontrar consumidores para as 14 mil toneladas que antes tinham como destino a União Européia.

“O que vamos fazer com o mel que estamos colhendo?”, questiona, preocupado, o presidente da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA), Joail Humberto Abreu. A estimativa da CBA é de que o prejuízo a ser causado pelo bloqueio da União Européia chegue a US\$ 30 milhões.

Se não for suspensa rapidamente, a medida afetará boa parte das 350 mil pessoas envolvidas com a atividade no Brasil, como os apicultores de áreas carentes do Nordeste. Nesta década, eles ajudaram a transformar o País em exportador do produto, passando de 269 toneladas em 2000 para 21 mil toneladas em 2004. No ano passado, já houve uma queda da exportação para 14,5 mil toneladas, renunciando a crise e a necessidade de alternativas, como o aumento do consumo interno e novos mercados no exterior.

ESTADOS UNIDOS

Uma das opções que restou para os exportadores foi direcionar a oferta para os Estados Unidos. Mas, segundo os representantes do segmento, os preços praticados no mercado norte-americano mal cobrem os custos de produção.

O exportador André Bussab, diretor de uma *trade* em São Paulo (SP), afirma que os Estados Unidos estão pagando no máximo US\$ 1.10 por tonelada de mel, o que é considerado um valor baixo. “Estamos prevendo uma perda de 70% no nosso faturamento, com o bloqueio da União Européia”, revela Bussab.



DIVULGAÇÃO AAPI

No Piauí, a redução da mão-de-obra empregada nas colméias já atinge 75% dos trabalhadores

O gerente-administrativo de outra empresa exportadora paulista, Edson Skurczinski, diz que o segmento já vinha sofrendo prejuízos antes mesmo do embargo europeu. A queda dos preços no mercado internacional, com a desvalorização do dólar, forçou a empresa a interromper as exportações de mel para a Alemanha e para os Estados Unidos no fim do ano passado.

A decisão do grupo foi focar as vendas no mercado interno, o que também não é tarefa fácil. “O brasileiro só lembra do mel quando está doente, por isso, estamos investindo ostensivamente em propaganda”, comenta Skurczinski.

EMPREGO E PREÇOS EM QUEDA

A produção que estava voltada para o mercado europeu começa a ser estocada no Nordeste, onde a safra está mais adiantada. O reflexo

aparece nos índices de desemprego. Segundo o diretor-geral da Central de Cooperativas Apícolas do Semi-árido Brasileiro (Casa Apis), Antônio Dantas Filho, a maioria dos produtores está dispensando os trabalhadores que cuidavam das colméias.

Naregião, onde atuam sete cooperativas com 800 cooperados, a redução de mão-de-obra nas colméias chega a 75%, segundo levantamento da Casa Apis. “Os agricultores familiares que tinham quatro ajudantes estão ficando apenas com um”, afirma Dantas Filho.

O mercado reagiu à previsão de excesso de oferta reduzindo os preços pagos ao produtor. O quilo do mel, que saía das propriedades por R\$ 3,00 no fim do ano passado, está sendo vendido por R\$ 2,00 pelos produtores. “Mas, no supermercado, o preço para o consumidor não mudou”, reclama Dantas Filho.

“O brasileiro só lembra do mel quando está doente, por isso, estamos investindo ostensivamente em propaganda”, Edson Skurczinski, gerente de exportadora

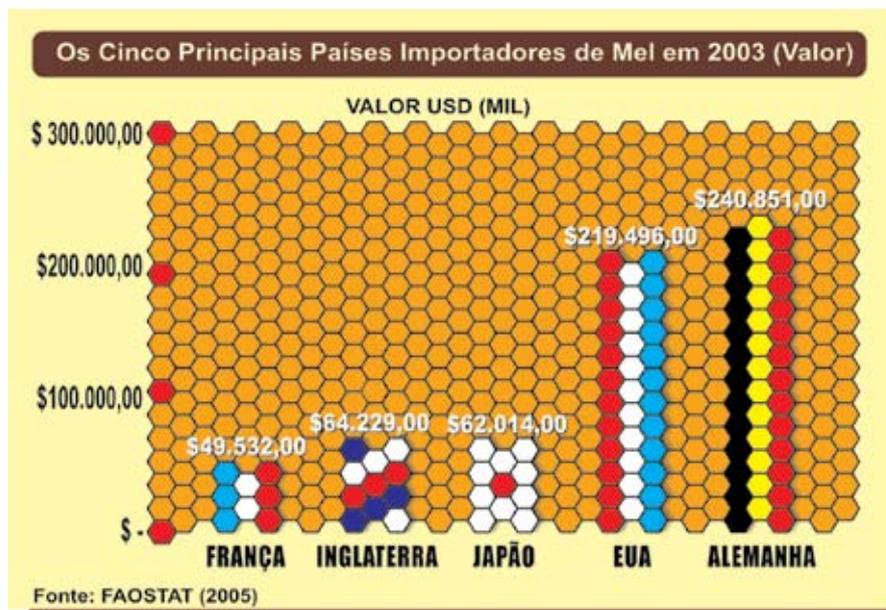
Exportação em alta

Vendas externas ainda não refletem o embargo europeu ao mel brasileiro. No trimestre deste ano, houve uma forte reversão da curva descendente verificada em 2005

Até antes do embargo europeu ao mel brasileiro, que passou a vigorar a partir de 17 de março, no primeiro trimestre de 2006, o valor das exportações brasileiras de mel foi de **US\$ 6,01 milhões**, representando **um aumento de 49,11%**, em relação a igual período do ano anterior.

Houve assim uma forte reversão da curva descendente registrada em 2005, quando ocorreu uma redução de 55% no valor exportado em relação a 2004. Segundo a Coordenação da Carteira de Apicultura do Sebrae, surpreendentemente, o preço médio recebido pelos exportadores também cresceu de US\$ 1,40 por quilo de mel para **US\$ 1,59**, no primeiro trimestre deste ano, rompendo o ciclo de preços decrescentes, que culminou com um preço médio de US\$ 1,31/kg no ano de 2005.

Tudo indica que esse cenário de expansão foi decorrente de contratos de exportações firmados anteriormente ao embargo. A perspectiva é de uma drástica redução das exportações brasileiras de mel nos próximos meses, face à forte dependência do mercado europeu e, em especial, da



Alemanha, que no primeiro trimestre deste ano respondeu por 68% das importações de mel do Brasil (US\$ 4,01 milhões). Isso representou mais da metade do valor total das importações desse país durante em 2005 (US\$ 8,1 milhões).

Neste 1º trimestre, o maior exportador foi São Paulo (US\$ 1,9 milhões), seguido de Santa Catarina (US\$ 1,7

milhões) e Rio Grande do Sul (US\$ 786,0 mil) e Paraná (US\$ 668,7 mil). Os Estados que tiveram o maior crescimento no valor das exportações foram: Paraná (+387%), Rio Grande do Sul (+170%) e Santa Catarina (+126%). Dessa forma, Rio Grande do Sul ficou posicionado como terceiro exportador no lugar do Ceará (US\$ 563,7 mil), que teve um crescimento de 7%.

Os produtores brasileiros de mel vivenciaram uma entrada meteórica no mercado exportador, há quatro anos, graças à sanidade do produto nacional. A participação das vendas externas não chegava perto dos 5%. Passaram de 269 toneladas em 2000 para 21,2 mil toneladas em 2004.

Os novos tempos vieram quando as 103 mil toneladas de mel exportadas da China e as 88 mil da Argentina, principais fornecedores internacionais, foram banidas da Europa pela constatação da presença de resíduos de clorafenicol, um antibiótico cancerígeno.



Apicultura ganha Câmara Setorial

Surge um novo instrumento no Ministério da Agricultura para debater os problemas específicos e definir políticas públicas para o segmento

Cadeia Produtiva do Mel



DIVULGAÇÃO

Joail Rocha de Abreu é presidente da CBA: expectativa de valorização da Apicultura nas políticas públicas

Apicultura sobe mais um grau de importância na produção rural brasileira, com a instalação da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Mel e Produtos Apícolas, no dia 22 de maio, durante o XVI Congresso de Apicultura, que acontece em Aracaju, Sergipe.

Inserida na estrutura do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a Câmara será um instrumento de interlocução do governo com o segmento. Dela vão participar representantes do setor, processadores, distribuidores e exportadores de mel, além de representantes dos Ministérios da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário, do Meio Ambiente e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

“Essa é a forma mais democrática de formar políticas públicas,

pois envolve representantes de todos os segmentos da sociedade”, avalia o Coordenador das Câmaras Setoriais do Ministério da Agricultura, Duarte Vilela.

A direção da Câmara será escolhida na primeira reunião ordinária, a ser marcada na data da instalação. Se a tradição for mantida, o cargo de presidente será ocupado pelo Presidente da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA). O Ministério da Agricultura indica o secretário-executivo.

VALORIZAÇÃO

A expectativa do setor produtivo é que a Câmara contribua para valorizar o mel dentro do Ministério da Agricultura, com a criação de um departamento, onde o assunto seja tratado por técnicos especializados.

Atualmente, a fiscalização do mel está incluída na divisão responsável pelo leite dentro do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa).

Antes de encerrar sua gestão, o presidente da CBA, Joail Rocha Abreu, fez uma previsão dos pontos que serão tratados pela Câmara. Uma das propostas é criar uma regulamentação que padronize os materiais e equipamentos usados nas colméias.

Outra exigência é o aumento do rigor na fiscalização do Ministério da Agricultura, para garantir a qualidade do mel. “Ainda existem produtores com procedimentos inadequados, que prejudicam o padrão do produto na origem”, reclama Abreu.

Há, ainda, propostas no sentido de a Câmara estabelecer um programa de conformidade para a certificação da produção do mel, de acordo com padrões nacionais e internacionais de qualidade.

A certificação é um instrumento que, a um só tempo, assegura a qualidade do produto e permite a abertura de novos mercados no exterior, por causa da preocupação quanto à qualidade do processo produtivo. De preferência, sem o uso de aditivos químicos.

O QUE É UMA CÂMARA SETORIAL?

Trata-se de órgão consultivo do Governo Federal, encarregado de apresentar propostas de políticas públicas para o setor que representa. Atualmente, existem 26 câmaras setoriais instaladas no Ministério da Agricultura. Já funcionam, por exemplo, câmaras setoriais da soja e do gado bovino.



Os desafios da apicultura

Diante das portas fechadas pela União Européia, o segmento apícola brasileiro tenta abrir janelas em novos mercados internos e externos

Em razão do embargo da União Européia ao mel brasileiro, vigorando a partir dia 17 de março deste ano, a apicultura brasileira está diante de novos desafios para encontrar alternativas ao escoamento da produção. Isso exige um redirecionamento das estratégias de promoção e comercialização. “As oportunidades precisam ser aproveitadas a partir de estratégias distintas, focadas e articuladas”, alerta a gerente da Unidade de Acesso a Mercados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Raissa Rossiter.

No mercado internacional, as possibilidades consideradas pelo Sebrae levam em conta o resultado de um estudo realizado no fim de 2005 pela Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid). A entidade analisou uma década de evolução da oferta e do consumo de mel e constatou que a demanda mundial do produto cresce 2,4% por ano.

Com base nos dados, o Sebrae concluiu que uma das saídas para o Brasil são os destinos alternativos, fora do eixo tradicional formado por Alemanha, Estados Unidos e Japão, que, juntos, absorvem 60% das importações mundiais de mel.

O trabalho aponta mercados com grande potencial de aumento no consumo, a exemplo da Arábia Saudita e do Reino Unido. “A partir de agora, vamos investigar melhor esses mercados alternativos para a colocação do mel brasileiro, que é considerado de boa qualidade pelos especialistas”, enfatiza Raissa.

No cenário interno, as estratégias serão respaldadas pela Análise do Mercado Apícola no Brasil, concluída no início deste ano pelo Sebrae. Os técnicos da entidade acreditam que a oferta nas indústrias deve ser direcionada para os grandes compradores, enquanto no varejo as ações devem estar voltadas para o



DIVULGAÇÃO

Demanda mundial de mel cresce 2,4% por ano

público de renda mais elevada, onde está o maior potencial de consumo do mel no Brasil.

As estratégias levam em conta a necessidade de investimentos em marketing do mel, trabalhando desde a embalagem até a comunicação com

os consumidores, para oferecer um produto diferenciado com maior valor agregado. “Chegou a hora de juntos partirmos para um novo patamar, de profissionalização das empresas do segmento, com orientação para o mercado”, prevê Raissa.

PRODUTOS QUE PODEM SER EXTRAÍDOS DAS COLMÉIAS

Mel – O mel é produzido a partir do néctar que as abelhas armazenam nos favos. É composto de água, glicose, sacarose e alguns minerais. Como alimento, tem alto valor nutritivo e energético. Também tem emprego medicinal em doenças respiratórias e como cicatrizante, laxante e digestivo.

Néctar – É um líquido doce e rico em açúcar, colhido pelas abelhas para fazer o mel. Foi empregado pelos gregos para preparar a ambrosia, bebida feita a partir da mistura de vinho, água e mel. Usado como medicamento e suplemento alimentar.

Cera – Para produzir meio quilo de cera, as abelhas precisam consumir entre três e cinco quilos de mel. A cera é usada em tratamentos cosméticos e na indústria, para polimentos e impermeabilizações.

Geléia real – É produzido, pelas abelhas para alimentação das crias e da rainha. Contém hormônios, vitaminas, aminoácidos, enzimas, lipídios e outras substâncias que agem sobre o processo de regeneração celular. A geléia real é oferecida como alimento para todas as larvas jovens da colméia, durante três dias, e, para a rainha, durante toda sua vida. É considerada a fonte da juventude.

Própolis – O própolis é produzido a partir de resinas e bálsamos coletados das plantas e modificado pelas abelhas operárias por meio de secreções próprias. É usado para fins medicinais, como tratamento de doenças respiratórias e, ainda, para mau hálito, aftas e gengivites, bem como para fortalecer o organismo. Também pode ser usado como cicatrizante em feridas, cortes, micoses, espinhas, verrugas e freiras.

Pólen – É coletado pelas abelhas ao visitar as flores. Alguns grãos são trazidos para o interior das colméias e depositados nos alvéolos dos favos. Possui 22 aminoácidos essenciais, além de grande quantidade de proteínas e minerais. É usado como suplemento alimentar e como medicamento.

Apitoxina – Conhecida como “veneno da abelha”, a apitoxina é uma substância contida no ferrão das abelhas que tem alto valor comercial no segmento de manipulação de medicamentos. É uma substância química complexa, formada por água, aminoácidos, açúcares, histamina e outros componentes.

O mercado do mel no Brasil

Estudo elaborado pelo Sebrae aponta que o consumidor interno do produto é exigente e tem alto poder aquisitivo, concentrando-se nas classes A e B



O consumidor brasileiro de mel é exigente e tem alto poder aquisitivo. A constatação está na Análise de Mercado Setorial da Apicultura, que foi concluída em abril e feita pela Unidade de Acesso a Mercados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). O estudo demonstra

que quanto maior a classe social, mais freqüente é o consumo do produto. A maioria dos consumidores pertence às classes A e B.

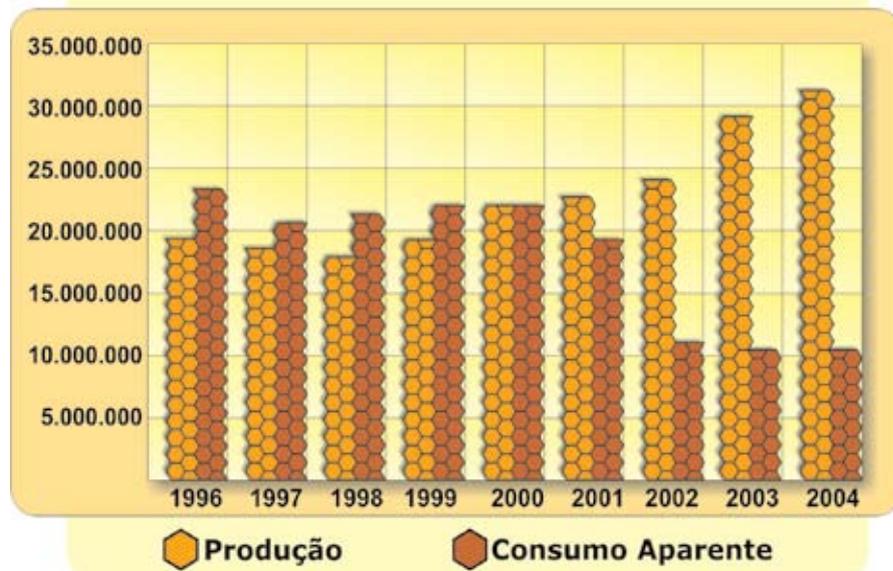
O perfil dos consumidores revela, ainda, que a maior parte do consumo

é feita na forma de medicamentos. Quem usa o produto como remédio não considera a mercadoria cara, mas o mel é visto como um alimento de alto custo pelos consumidores que adotam o produto na alimentação.



Pesquisa aponta as necessidades do consumidor

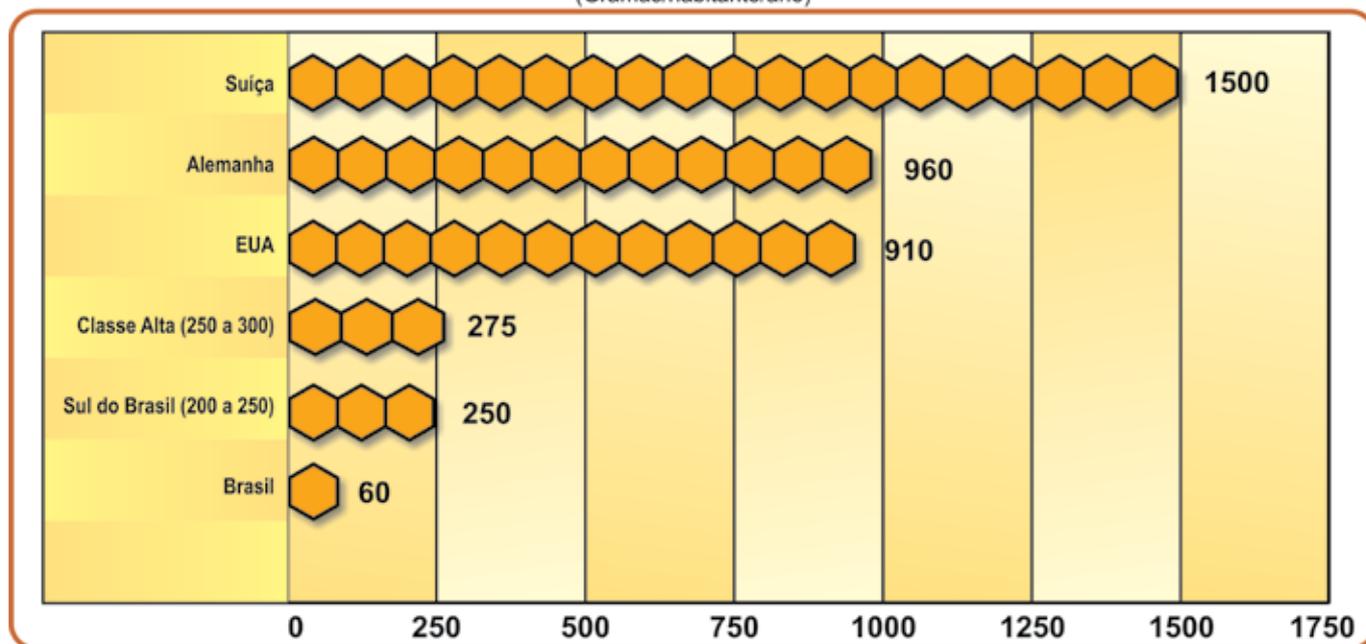
CONSUMO APARENTE X PRODUÇÃO (Kg)



Fonte: MDIC/AliceWeb/IBGE (2005)

Comparativo de Consumo de Mel

(Gramas/habitante/ano)



Fonte: XIV Congresso Brasileiro de Apicultura (2002)

Realizada a partir de estudos desenvolvidos nas unidades regionais do Sebrae, a pesquisa vai permitir que o produtor trabalhe as características do produto de acordo com as necessidades do consumidor.

“O apicultor precisa se adequar ao que o mercado quer, sabendo o que o consumidor avalia na hora de decidir se compra ou não o produto”, destaca a consultora Patrícia Souza, da Unidade de Acesso a Mercados.

CONSUMO BAIXO

O estudo do Sebrae buscou respostas para o baixo consumo de mel no Brasil. De fato, o brasileiro consome 60 gramas de mel por ano, enquanto que em alguns países da Europa, o consumo percapita anual fica em torno de 1 quilo.

Os consumidores entrevistados revelaram que os principais motivos para a demanda reduzida são o preço alto do produto e a falta de hábito alimentar, além de mitos, como a crença de que o mel aumenta as taxas de colesterol.

De acordo com o

levantamento, os fatores que influenciam a decisão de compra do consumidor são a aparência de pureza do produto, as garantias, a exemplo de selos e carimbos de inspeção, a forma de extração, a origem, a marca ou embalagem e o preço de venda.

ALTERNATIVAS

A partir da pesquisa, o Sebrae apresenta sugestões para melhoria na comercialização do mel. Entre as propostas estão: maior divulgação do produto, fiscalização, melhoria da qualidade (boas práticas de fabrica-

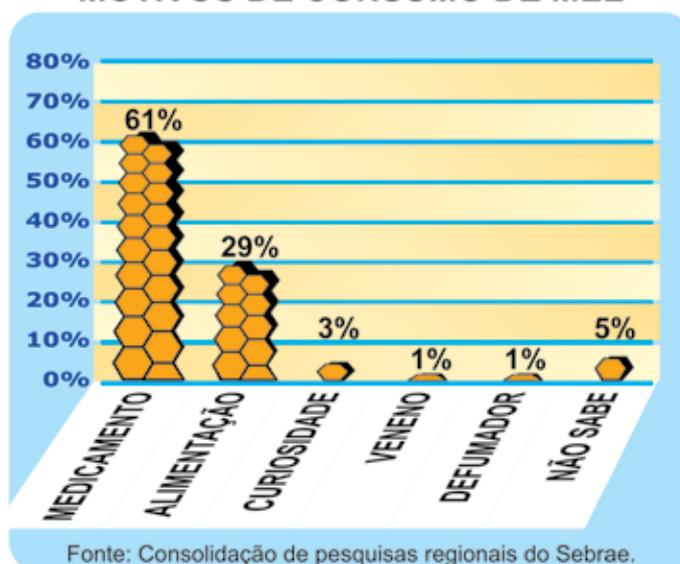
ção), redução do preço para feiras populares, registro do mel ofertado no mercado, maior confiança entre fornecedor e comprador, incentivo à venda direta, melhoria das embalagens, rótulos e distribuição.

Com as informações obtidas, será possível elaborar estratégias de comercialização. “A pesquisa confirmou a necessidade de maior divulgação do mel como alimento e a importância de adotarmos estratégias diferenciadas, conforme cada mercado”, acrescenta a consultora da Unidade de Acesso a Mercados.

Para estimular o consumo de produtos apícolas, o Sebrae sugere a realização de campanhas direcionadas e abertas, em mídia regional, a partir de pólos de excelência na produção de mel. Também propõe campanhas dirigidas para veículos direcionados à área de saúde, como revistas técnicas. Nos supermercados, as ações devem incluir degustação dos alimentos.

O estudo aponta, ainda, a necessidade de encontrar novos nichos de mercado, com possibilidades de rentabilidade maior, como público infantil, atletas e executivos.

MOTIVOS DE CONSUMO DE MEL



Fonte: Consolidação de pesquisas regionais do Sebrae.

Novas estratégias para aumentar consumo

Ações baseadas na Análise Setorial da Apicultura prevêem a oferta do mel em hotéis e o aumento da participação dos produtos em feiras

Os setores de comércio e serviços estão no foco de um movimento articulado pelo Sebrae para aumentar o consumo de mel. Por meio de uma ação integrada entre as unidades da instituição, os técnicos estão buscando novas frentes para introduzir o produto em outros nichos de mercado.

As estratégias serão orientadas pela Análise de Mercado Setorial de Produtos da Apicultura, um estudo desenvolvido pelo Sebrae para identificar as preferências dos consumidores e o potencial do mercado interno. O trabalho, que apresenta uma radiografia da oferta, e da demanda e dos principais dificuldades da cadeia do mel, será divulgado durante o XVI Congresso Brasileiro de Apicultura, em Sergipe.

CADEIAS PRODUTIVAS INTEGRADAS

As ações devem integrar segmentos a exemplo de padarias, supermercados, bares, restaurantes, hotéis e



“O nosso esforço é preparar estratégias de comercialização para fracionamento deste mel, que terá maior valor agregado do que na venda a granel”

Vinícius Lages, gerente da Unidade de Comércio e Serviços do Sebrae

farmácias. “O nosso esforço é preparar estratégias de comercialização para fracionamento deste mel, que terá maior valor agregado do que na venda a granel”, explica o gerente da Unidade de Comércio e Serviços do Sebrae, Vinícius Lages. Uma das ideias é trabalhar, por exemplo, o setor hoteleiro, incentivando o uso do mel nos diferentes serviços oferecidos aos hóspedes, desde sachês disponibilizados nos frigobares até *souvenires*, presenteados em embalagens diferenciadas para os turistas.

Os coordenadores nacionais da Carteira de Projetos de Apicultura do Sebrae, Reginaldo de Rezende e Alzira Vieira, explicam que o objetivo é promover uma integração entre cadeias pro-

ductivas, reforçando as afinidades que existem entre elas. Há uma série de características que podem ser mutuamente exploradas no agronegócio apícola e nas cadeias produtivas de: artesanato, bares, restaurantes, hotelarias, indústria de alimentos, de fármacos e cosméticos, comentam os consultores.

EXPOSIÇÃO DO PRODUTO

A participação dos apicultores em grandes feiras é uma das ações previstas na articulação integrada. Em setembro, o Sebrae vai viabilizar a ida de um grupo de apicultores até São Paulo, para participarem do Varejo Total, a feira anual da Associação Brasileira de Supermercados (Abras). “Será um grande encontro entre fornecedores e compradores, por isso precisamos estar presentes”, justifica Ricardo Villela, consultor da Unidade de Atendimento Coletivo do Sebrae. Neste ano, o evento vai integrar a cadeia de distribuição e os prestadores de serviço.

Fracionamento do mel aumenta valor agregado



Convite ao paladar sem atravessadores

Qualidade, venda direta e menor preço são as estratégias de comercialização do mel produzido no Distrito Federal e Entorno.

Em Brasília, é praticada a apicultura familiar, com uma produção média de 12 a 15 toneladas de mel por ano. A produção ainda é pequena, mas tem um grande diferencial: a qualidade, reconhecida inclusive no Congresso Nacional de Apicultura, que há dez anos intitula a cidade ora com o primeiro, ora com o segundo lugar do País em qualidade do mel.

Investindo sempre no potencial do mercado interno, aliada à criatividade, os apicultores familiares encontraram uma alternativa de comercialização e de divulgação da importância do consumo do mel como alimento saudável, com um esquema de venda direta ao consumidor final.

A Associação Apícola do Distrito Federal (API/DF) trabalha para que essa venda direta aconteça, promovendo, com apoio do Sebrae no Distrito Federal, feiras sistemáticas, que são realizadas durante todo o ano em vários locais, facilitando o acesso do consumidor.

Em maio, são realizadas feiras no Jardim Botânico, no Parque da Cidade e na Feira Olhos d'Água. O grupo, formado por 140 apicultores, participa também de grandes feiras, a exemplo da Feira da Embrapa, da Fiaflora Expogarden – que foi realizada, no mês passado, em Brasília, com um evento paralelo de produtos orgânicos – e da Exposição Agropecuária, que acontece duas vezes por ano na Granja do Torto. Eles, ainda, possuem um ponto permanente no Parque da Cidade, no antigo pedacinho.

DEGUSTAÇÃO

As feiras têm um formato atraente, com barracas padronizadas e artesanatos de abelhas, que são um convite para os olhos. Com degustação de produtos, são oferecidos para o pú-



Apicultores participam de feiras, como a Fiaflora Expogarden Brasília 2006

blico vários tipos de mel (de laranja, eucalipto e silvestre, entre outros) e seus derivados: pólen, própolis, geleia real, granola, pão de mel, balas, vinho e vinagre de mel. É um convite ao paladar.

Os visitantes são atendidos pelos produtores rurais, que esclarecem acerca dos benefícios do consumo do mel. “Divulgamos o mel como um alimento de excelência que traz benefícios à saúde do consumidor. O sucesso depende disso”, explica o presidente da Associação Apícola do DF, Nilo Macedo.

Nos eventos, não existe concorrência entre os apicultores, ressalta ele. A concorrência fica apenas na apresentação, já que a qualidade é uma característica comum a todos. A união é pelo menor preço, que é oferecido bem abaixo do valor de mercado, sendo outra maneira de divulgação do produto brasileiro.

Os pequenos apicultores apostam no potencial do mercado local e têm a meta de aumentar a produção

anual, em 30%, até o final de 2007. “Nossa estratégia é crescer junto com a demanda”, explica o coronel Macedo, em referência ao potencial de crescimento do mercado interno.

Para melhorar a qualidade técnica da produção de mel e atrair novos produtores para a atividade, aumentando a produção e a comercialização do produto, os apicultores associados à API/DF participam do Projeto de Apicultura Integrada e Sustentável (Apis), desenvolvido pelo Sebrae no Distrito Federal. A proposta é trabalhar para fortalecer a cadeia produtiva da apicultura local, com a intenção de valorizar a agricultura familiar, tornando-a uma importante fonte de renda.

Mais informações

Call Center Sebrae/DF:

(61) 3362-1700

www.df.sebrae.com.br

Apicultores montam loja na beira da estrada

Apicultor cria loja de produtos apícolas, em formato do favo de mel, no interior de Sergipe e vira atração turística no caminho da represa de Xingó

Após o embargo da União Europeia à importação do mel brasileiro em março passado, o mercado interno tornou-se uma alternativa que merece a atenção dos apicultores, seja em associações ou mesmo de forma isolada. Em Nossa Senhora das Dores, a 83 quilômetros de Aracaju, Sergipe, os turistas que seguem em direção aos cânions do Rio São Francisco para apreciar a represa da hidrelétrica de Xingó têm um motivo especial para fazer uma parada no caminho. Na beira da estrada, no povoado de Sucupira, fica o Mimo do Céu. É uma loja, em formato de losango, que lembra uma célula do favo de mel. O pequeno comércio oferece desde o produto *in natura* até derivados produzidos artesanalmente.

A loja pertence à família do apicultor Autran Feitosa Rocha, que trabalha com a esposa, Marinalva Felipe Rocha, e os dois filhos. Há dez anos, eles compraram uma pequena propriedade no município e decidiram se dedicar à apicultura e ao comércio.



Mimo do Céu: venda de produtos artesanais e demonstração para turistas

FOTOS: DIVULGAÇÃO

“Toda a família está envolvida. Cada detalhe revela o carinho dos quatro apicultores por seu ofício”, descreve a gestora do Projeto Apis em Sergipe, Marianita Souza.

Os produtos mais procurados na Mimo do Céu são a pinga de mel, a

bala de mel e o mel no favo, produzidos pela família de Feitosa. Os turistas ainda podem acompanhar de perto a produção, nos apiários demonstrativos, onde é possível observar as abelhas em atividade. A loja também vende mudas de plantas melíferas.

INVENTOR APÍCOLA

Autran já criou a padiola e vai apresentar a tampa

Desde que construiu a loja Mimo do Céu, Autran Feitosa vem recebendo apoio do Sebrae para participar de cursos, congressos e feiras. Em cada viagem, o apicultor absorve uma novidade que passa a ser incorporada ao negócio. A receita da pinga de mel, por exemplo, que é um dos maiores sucessos de venda da loja, foi trazida de Florianópolis (SC).

“Eu não teria condições de andar sozinho. Mas, com a ajuda do Sebrae, já participei de mais de dez eventos em vários estados. Além de não gastar nada, eu ganho conhecimento”, vangloria-se Feitosa.

De tanto observar as novida-

des, Feitosa acabou descobrindo um talento para produzir invenções. Em 1998, o apicultor ficou em primeiro lugar em um concurso de inventos, realizado durante o XII Congresso Brasileiro de Apicultura em Salvador (BA). A vitória foi conquistada com a padiola apícola, uma ferramenta artesanal desenvolvida para carregar as colméias.

O próximo invento de Feitosa será conhecido em maio, durante o XVI Congresso Brasileiro de Apicultura em Sergipe. O apicultor inventou uma tampa para fechar as colméias durante o transporte, substituindo as telas por um material três quilos mais leve. Para não



Autran e a esposa, Marinalva: Família trabalha unida

Contêineres viram casas de mel em SE

Estruturas abandonadas são recuperadas para garantir qualidade do produto

No Estado de Sergipe, as casas de mel são peculiares: ao invés de serem instaladas em construções de concreto, as unidades estão sendo montadas em contêineres que estavam abandonados.

Os 70 contêineres foram adquiridos na década de 80, pelo Governo do Estado, para armazenamento de grãos. Mas nunca foram usados com essa finalidade, pois estavam distribuídos em regiões que não tinham energia elétrica nem produção de cereais.

O destino dos contêineres mudou quando os consultores do Sebrae em Sergipe tiveram a idéia de aproveitar as estruturas para processamento de mel e pólen. A Secretaria de Agricultura do Estado doou para a Federação Apícola de Sergipe dez contêineres, que estão sendo transformados em casas de mel móveis.

Atualmente, três unidades já estão montadas. Uma delas funciona em Gararu, no Semi-árido sergipano,



Apicultores da Associação Bela Vista, em Gararu, no semi-árido sergipano.

onde atende os apicultores da Associação de Boa Vista. Duas são usadas para processamento de mel e uma para processamento de pólen. A meta é atingir 20 Casas de Mel no Estado, para que os produtos cheguem aos entrepostos com o padrão de qualidade exigido pelo mercado.

CASINHA DE PÓLEN

No início deste ano, a chegada de um contêiner ao povoado Tigre, no município de Pacatuba, litoral Norte do Estado, viabilizou a produção de pólen na região.

A vegetação local, caracterizada pelas vastas plantações de coqueirais, não resultava em boa produtividade para o mel, mas oferecia farta quantidade de pólen para as abelhas. Entretanto os apicultores precisavam se deslocar 40 quilômetros para processar o produto, no município vizinho de Japoatã.

O contêiner, de 6 metros de comprimento, foi apelidado de “casinha de pólen” pelos apicultores, pois dispõe de todos os equipamentos necessários para o processamento do produto, inclusive máquinas para embalar o pólen, que sai pronto para a comercialização.

“A obtenção de pólen é diferente do mel, pois exige a retirada diária de grãos dos coletores instalados nas colméias. Por isso, a estrutura de processamento precisa estar próxima dos apicultores”, observa José Soares de Aragão Brito, consultor do Sebrae.

PÓLEN E PALHA

A produção de pólen é feita por 14 apicultores, que pertencem à Associação dos Artesãos e Apicultores dos Povoados de Junça e Tigre. A atividade é exercida de forma integrada com o artesanato a base de taboa, uma palha que nasce perto dos coqueirais.

“As senhoras da comunidade se dedicam à fabricação de esteiras, enquanto os filhos delas cuidam das colméias”, explica a gestora do Projeto Apis Pólen-Propiá, do Sebrae-SE, Marianita Mendonça de Souza.

Além disso, a produção de pólen está contribuindo para aumentar a produtividade dos coqueirais, graças à atuação das abelhas como polinizadoras. Segundo estatísticas do Sebrae/SE, a produção de coco aumenta até 18% com a presença dos enxames.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

para colméias

tirar o impacto do lançamento, Feitosa mantém a novidade sob sigilo. “Nem os meus colegas apicultores viram ainda. Só vou mostrar em Sergipe”, avisa Feitosa.



Indústria prefere o sabor artificial

A desequilibrada disputa do mel com os aditivos químicos

A permissão do uso de aditivos químicos nos produtos industrializados à base de mel está provocando redução no consumo da matéria-prima natural. O alerta é feito por representantes de entrepostos, que passaram a concorrer com os fornecedores de corantes, aromatizantes, adoçantes, e outros produtos químicos.

O diretor de uma empresa que produz e industrializa mel em Belo Horizonte (MG), José Alexandre Abreu, afirma que o consumo de mel na indústria caiu pela metade a partir de 2000, quando o Ministério da Agricultura flexibilizou o uso de aditivos químicos nos lácteos.

“Existe um embargo interno ao mel brasileiro, praticado pela indústria nacional, muito mais grave que o embargo externo”, revolta-se Abreu.

ADITIVOS PARA TODOS

O técnico Moacir Carvalho, da Divisão de Inspeção de Leite do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, afirma que o emprego de aditivos cresceu em todos os segmentos da indústria de alimentação.

“Nós não podemos deter o uso de aditivos porque existe uma indústria organizada e tecnicamente habilitada para fabricar esses produtos”, justifica Carvalho.

O uso de substâncias químicas que imitam o sabor, a cor e o aroma do mel também é permitido por nor-

mas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), do Ministério da Saúde. Atualmente, estão em vigor três resoluções do órgão que regulamentam o uso de aditivos na indústria de alimentação.

Os aspectos referentes ao mercado não são considerados na elaboração das regras. “Os aditivos são avaliados do ponto de vista toxicológico, de saúde pública. Nós levamos em conta a segurança para a saúde do consumidor”, explica o gerente de Ações de Ciência e Tecnologia de Alimentos da Anvisa, Lucas Medeiros Dantas.

Em comum, os especialistas do Ministério da Agricultura e da Anvisa consideram que o consumidor não é lesado pelo uso de aditivos, já que os rótulos dos



Empresas de mel queriam mudar legislação de aditivos

produtos devem informar acerca da presença das substâncias.

EMBARGO EVIDENCIA PROBLEMA

Embora tenha se agravado nos últimos cinco anos, a queda no consumo de mel pela indústria se tornou mais evidente com o embargo da União Européia. Até então, o produto desprezado no mercado interno era direcionado para as exportações.

Pressionados pela queda na demanda, os empresários do segmento estão se preparando para criar a Associação Nacional dos Entrepostos Apícolas, ainda no primeiro semestre deste ano. Uma das missões da entidade será negociar a mudança da legislação a respeito de aditivos nos alimentos que usam mel como ingrediente.



O QUE CONSTA DA LEI

Ministério da Agricultura (DIPOA)

– Resolução nº 5, de 13 de novembro de 2000
Estabelece padrões de identidade e qualidade de leites fermentados e estipula os limites de quantidade para aditivos.

Ministério da Saúde (ANVISA)

– Resolução nº 4, de 24 de novembro de 1998
– Resolução nº 27, de 28 de março de 2000
– Resolução nº 1, de 8 de janeiro de 2002
Estabelecem as funções e os empregos de aditivos em alimentos e estipula limites de quantidade.

Gestão coletiva no Palácio do Mel

Apicultores do Distrito Federal e Entorno fazem jorrar leite e mel, como previu o santo Dom Bosco, assumindo indústria cedida pelo governo local

No Planalto Central vai jorrar leite e mel. Começa a virar realidade a profecia feita pelo sacerdote italiano João Belchior Bosco, o santo Dom Bosco (1815-1934). Pelo menos os apicultores do Distrito Federal e Entorno estão fazendo sua parte com o apoio do governo local e do Sebrae. Até 2007, o segmento tem como meta aumentar a produção anual de mel em 30%. Para isso contam com um importante auxílio carinhosamente batizado de Palácio do Mel.

Há dois anos, esses apicultores receberam do Governo do Distrito Federal a primeira unidade coletiva de processamento e qualificação do mel produzido na região, onde o trabalho conjunto esta sendo, mais uma vez, o pilar do desenvolvimento da atividade. Aliás, o associativismo é uma das principais características desses produtores.

O Palácio do Mel abriga a unidade de beneficiamento do mel e demais produtos apícolas do DF, com 243 metros quadrados. Foi construído no Parque de Exposições da Granja do Torto na Unidade Demonstrativa do Pró-Rural, pela Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, de acordo com as exigências dos órgãos de inspetoria sanitária de produtos de origem animal.

GESTÃO COLETIVA

O título de registro de funcionamento e sua gestão foram entregues para Associação Apícola do DF (API/DF), que agrega 140 apicultores, e investiu na compra de equipamentos de agroindústria. “Não existe no Brasil coisa igual, na grandeza e na forma de trabalhar”, garante o presidente da API/DF, Nilo Macedo.



Macedo: regras de boa utilização

Os produtores se organizam para utilizar o local, onde o mel entra em estado bruto, nos favos, e sai acondicionado em recipientes próprios. “Esperamos muito por isso. Com o registro atestando a qualidade do produto, saímos da informalidade”, comemora Macedo.

No Palácio do Mel são os próprios apicultores que processam o produto. É preciso ter a carteira de saúde, que os habilitam a trabalhar com a manipulação de alimentos, e ser filiado à entidade apícola. “É uma forma de exercermos um controle de qualidade daquilo que está sendo processado”, explica o presidente.

SANIDADE

Todos os produtores que utilizam o Palácio do Mel se submetem às regras de boa utilização, acrescenta Macedo. Cada produtor leva roupas apropriadas e materiais descartáveis

(luvas, gorro, máscara) para utilizar durante a manipulação e entrega o local como encontrou, limpo. “O fiscal é ele mesmo”, explica o presidente da API/DF.

Antes de entrar no local, os manipuladores passam por um sistema de higienização. Na sala de processamento o apicultor tem a sua disposição instrumentos para beneficiar o mel: mesa desoperculadora, centrífuga, filtro e vasos de decantação.

Na fase da decantação, são retiradas amostras para o laboratório de qualidade da Secretaria de Agricultura do DF. Se estiver dentro dos padrões de sanidade e qualidade exigidos pelas normas do Ministério da Agricultura, o produto recebe o laudo de análise e é autorizado a colocá-lo nas embalagens o selo da inspeção.

Por tudo isso, o Palácio do Mel é comemorado como um marco na história da apicultura brasileira pelo Sebrae no DF. A instituição é parceira do segmento, oferecendo, por meio do Projeto de Apicultura Integrada (Apis), o aperfeiçoamento técnico e gerencial dos apicultores, por meio de palestras, cursos, caravanas, workshops e participações em feiras.

Mais informações:

Sebrae DF - (61) 3362-1700
www.df.sebrae.com.br

APROFECIA

Em 1883, Dom Bosco, sacerdote italiano fundador da Ordem dos Salesianos, em 1859, teve um sonho profético, prevendo a Terra Prometida entre os paralelos 15 e 20, onde se localiza o Distrito Federal:

“Quando vierem escavar os minerais ocultos no meio destes montes, surgirá aqui a Terra da Promissão, fluente de leite e mel. Será uma riqueza inconcebível!”

A tradução dessa profecia é atribuída ao escritor Monteiro Lobato (1882-1948).

Carro-chefe do Comércio Justo

Mel será o destaque de campanha que o Sebrae pretende fazer a favor das relações comerciais em benefício de quem produz e preserva o meio ambiente

O mel será o carro-chefe de uma campanha nacional a ser desenvolvida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) em favor do Comércio Justo, um movimento internacional surgido há 40 anos no mundo, que procura gerar benefício a quem realmente produz. Trata-se de uma relação aberta entre produtores e consumidores que garante a divisão equilibrada dos ganhos, enfraquecendo a exploração de intermediários comerciais.

Para a gerente da Unidade de Acesso a Mercados do Sebrae, Raissa Rossiter, o Comércio Justo é “uma alternativa prática para a comercialização de produtos de segmentos que encontram dificuldades de inserção no mercado e no comércio convencional”. Entre esses segmentos, ela destaca produtos do agronegócio, artesanato e confecções, de comunidades, associações e cooperativas dos meios rural e urbano.

No cenário nacional, o Comércio Justo, também conhecido como “Comércio Ético e Solidário”, ainda é uma realidade recente e um conceito pouco conhecido da maior parte de produtores e consumidores. Uma comissão foi criada em abril deste ano para apresentar, em 120 dias, proposta acerca das regras do futuro Sistema Brasileiro de Comércio Justo.

No aspecto econômico, a alternativa apresenta inúmeras oportunidades a serem exploradas pelas micro e pequenas empresas brasileiras. “Eu vejo no mel uma grande oportunidade para consolidarmos o Comércio Justo no Brasil”, defende Louise Alves Machado, analista de mercado da Unidade de Acesso ao Mercado do Sebrae.

Em linhas gerais, o Comércio Justo, Ético e Solidário atribui grande parte da miséria, da devastação ambiental e da massificação cultural

Mel brasileiro está entre os produtos do agronegócio que podem ser comercializados por meio de relações éticas e solidárias



ENTENDA O QUE É COMÉRCIO JUSTO

Um novo conceito de relações de troca, onde a decisão do consumidor é influenciada por fatores sociais envolvidos na produção da mercadoria, como as condições de trabalho e a remuneração de quem está na outra ponta. O comércio justo pressupõe uma espécie de prêmio, um valor adicional cobrado pelos produtos, que é revertido em favor da comunidade onde o bem foi produzido.



do Planeta às relações comerciais injustas, entre pessoas, empresas e nações. Dessa forma, esse mesmo mercado pode servir às transformações pretendidas com reconstrução de um mercado justo e equitativo a partir da restauração coletiva da qualidade ética dessas relações, apoiada num Estado atuante contra as desigualdades sociais.

CONSUMIDORES

O terreno para a implantação de uma campanha em favor do mel já está preparado. Um estudo feito pelo Sebrae em março identificou a existência de um público potencial de Comércio Justo no Brasil. A pesquisa constatou que a maioria dos consumidores está nas classes A e B, na faixa etária entre 25 e 50 anos. Mais da metade dos entrevistados afirmou que se preocupa com um ambiente socioeconômico saudável e que não está interessada apenas em baixos preços.

No mercado interno, o Comércio Justo surge como uma forma de absorver a produção excedente que ficou sem comprador, depois do embargo determinado pela União Européia, em março passado, contra o mel brasileiro por suposta falta de controle de resíduos químicos. Isso despertou a necessidade de redirecionar as exportações brasileiras para outros destinos, na América do Norte e no Japão. O Sebrae já fez uma prospecção de mercado nos Estados Unidos e no Canadá, identificando tendências dos consumidores.

A pesquisa, concluída em 2004, constatou que, embora com um mer-

cado de Comércio Justo menor que na Europa, os americanos e canadenses têm interesse no mel brasileiro. O coordenador do trabalho, consultor Johann Schneider, diz que os latinos que vivem nos Estados Unidos e no Canadá aceitam bem o mel mais escuro produzido no Brasil.

“Nós descobrimos que existem distribuidores dispostos a colocar o mel brasileiro entre seus produtos, agora falta organização do setor no Brasil para assegurar a regularidade do abastecimento, com estruturas de coleta e distribuição”, observa Schneider.

No Japão, os canais existentes para exportação de própolis poderiam ser explorados para o escoamento de mel do Comércio Justo. Na opinião de Schneider, o Sebrae seria o parceiro indicado para elaborar retratos de mercado e propor estratégias de acesso aos compradores japoneses.

A experiência com o Comércio Justo já deu certo em outros países em desenvolvimento: o México adotou uma marca própria de

Comércio Justo para o café, alavancando o sistema para outros segmentos. A iniciativa mexicana foi alvo de um estudo do Sebrae no ano passado, e agora está motivando os técnicos a adotarem um modelo semelhante com o mel brasileiro.

“Para que o Comércio Justo se torne uma realidade no Brasil ainda há muito trabalho a ser feito”, assinala a gerente de Acesso a Mercados do Sebrae, Raissa Rossiter. “Acreditamos ser essa modalidade de comércio como uma estratégia para promover a inclusão social e econômica de uma parcela expressiva de empreendedores brasileiros ainda à margem do mercado e, portanto, carentes de oportunidades.”

A pesquisa, concluída em 2004, constatou que, embora com um mercado de Comércio Justo menor que na Europa, os americanos e canadenses têm interesse no mel brasileiro.

Mais informações:

www.biblioteca.sebrae.com.br
Comércio Justo: Pesquisa Mundial



DIVULGAÇÃO/AAPI

Apicultores carregam contêineres para a cooperativa Libero Mondo, da Itália, na primeira exportação de mel feita no Brasil de acordo com a nova modalidade comercial

Sertão faz Comércio Justo

Com união e profissionalismo, apicultores da região de Simplício Mendes são pioneiros na exportação de produtos comercializados sob normas de movimento ético

A maioria dos jegues da região de Simplício Mendes, no Piauí, já não apresenta no lombo as marcas da montaria. Os animais estão sendo substituídos pelas motos, adquiridas com a renda da apicultura. O que está ajudando os agricultores da região enfrentar a seca e melhorar de vida é a união em torno da Associação de Apicultores da Região de Simplício Mendes (AAPI), fundada em 1994.

Por meio da Associação, que reúne 930 apicultores de 29 comunidades em oito municípios, os produtores do Piauí foram os primeiros do Brasil a exportar mel na modalidade de Comércio Justo. O destino foi a Itália, onde a Libero Mondo, cooperativa de Comércio Justo, comprou 40 mil toneladas do mel piauiense. O produto foi exportado em duas remessas, nos anos de 2002 e 2004.

As exportações para a Itália repre-

sentam menos de 15% da produção anual da AAPI, de 120 toneladas. Por isso, os produtores estão empenhados em aumentar as vendas para o segmento, que remunera melhor os apicultores.

“Se todo nosso mel fosse para o Comércio Justo ganharíamos bem mais com a produção. Mas, até agora, exportamos apenas dois contêineres num intervalo de quatro anos”, observa o assessor técnico da AAPI, José de Anchieta Moura.

ESTADOS UNIDOS

Em março, a AAPI recebeu manifestação de compradores norte-americanos para adquirir pela primeira vez mel fracionado do Brasil, agregando valor ao produto. Esse trabalho de prospecção de mercado foi desenvolvido pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid). A instituição alugou um es-





A Libero Mondo, uma cooperativa de Comércio Justo da Itália, comprou 40 toneladas do mel piauiense em duas remessas, nos anos de 2002 e 2004.

tande na Expowest Natural Products para expor produtos de pólos que tem seu apoio no Brasil: o mel de Simplício Mendes, o açaí de Tome-açu (PA) e a castanha de cajú de Barreira (CE). No caso do mel, a Usaid desenvolveu a embalagem e o rótulo, com uma logomarca voltada para o mercado norte-americano.

“Também estamos apoiando os produtores por meio de capacitações em associativismo, técnicas de gestão, manejo e boas práticas apícolas”, conta a gestora do projeto APIS-Araripe do Sebrae-PI, Mercês Dias. “Há ainda o acompanhamento técnico por ADRS (Agente de Desenvolvimento Rural), para a melhoria da produção, pelo aumento da produtividade dos enxames e apoio à comercialização com participações em feiras, rodadas de negócios, certificação em segurança alimentar



e repasse de informações sobre prospecção de mercados”;

CARAS DO BRASIL

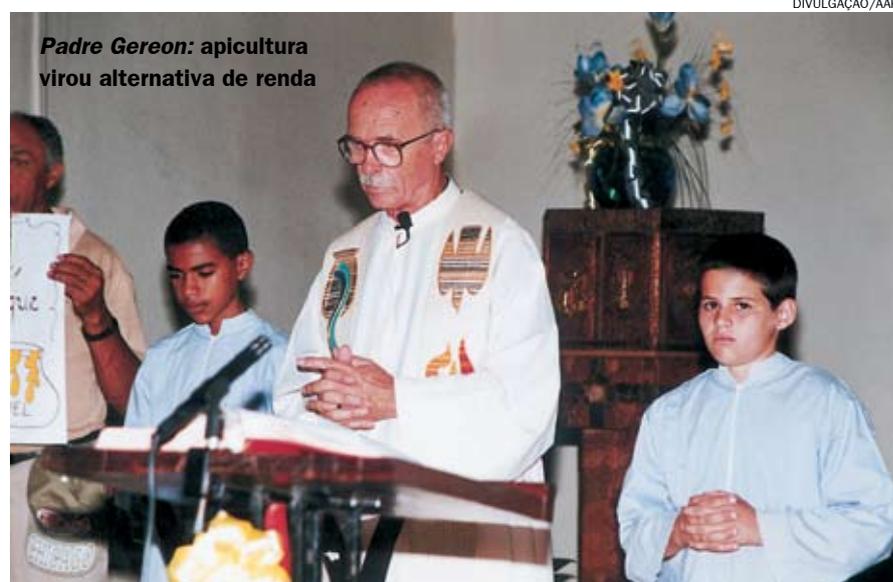
Uma das novas fontes de renda dos associados será a nova bisnaga de mel, com 340 gramas, que foi incluída este mês em um espaço nobre nas gôndolas do programa “Caras do Brasil” em 30 lojas do Grupo Pão de Açúcar. Trata-se de uma experiência sofisticada desenvolvida há quase três anos pela empresa para facilitar a comercialização de produtos fabricados por comunidades que têm dificuldades

de acesso ao mercado.

A Gota Silvestre, nome do novo produto, é a segunda experiência dos apicultores de Simplício Mendes no programa. Eles já vendiam sachês de mel. Nessa nova transação serão comercializadas 30 caixas de 24 bisnagas. “O nosso foco são produtos feitos de forma sustentável por comunidades e aí tem um viés de Comércio Justo”, explica a coordenadora do Caras do Brasil, Beatriz Queiroz.



DIVULGAÇÃO/AAPI



Padre Gereon: apicultura virou alternativa de renda

COOPERAÇÃO: CASAS DE MEL

Surge no interior do Piauí um novo conceito de associativismo inspirado em estratégia usada por padre alemão

A mudança na vida das comunidades de Simplício Mendes começou há mais de 16 anos, com a chegada do padre alemão Geraldo Gereon. Na época, os agricultores da região tinham o hábito de entrar no mato com fogo e machado para coletar mel.

Atento ao potencial da apicultura para superar a pobreza causada pela seca, o padre fez campanhas e investiu em treinamento, transformando a atividade em alternativa de renda para a agricultura de subsistência.

“No começo, os agricultores diziam: Padre, eu vou caçar europa”. Eles se referiam às abelhas de origem européia. “Foi preciso um longo trabalho até eles dizerem: Eu vou criar abelha e produzir mel de qualidade”, lembra Gereon.

A estratégia do padre foi reunir os apicultores em grupos e construir as Casas do Mel, estruturas coletivas de colheita e armazenamento. Hoje, os integrantes da Associação de Apicultores da Região de Simplício Mendes (AAPI) contam com 32 Casas do Mel e um entreposto na região, onde o produto é processado e vendido.

“Nossa vida mudou. Os agricultores de subsistência já não dependem dos programas sociais para sobreviver”, comemora o presidente da AAPI, Raimundo José da Silva.

Maurilo Oliveira, Consultor da Usaid no Brasil



Mel, castanha de caju e açaí expostos na Califórnia (EUA)

Desafios e oportunidades para o mel brasileiro

O mel de Simplício Mendes (PI) integra a lista de quatro projetos nacionais com ações de mercado externo da Usaid, agência norte-americana de desenvolvimento

De Simplício Mendes para o Brasil e para o Mundo. Esse é o objetivo do “Programa de Fomento às Exportações das Micro e Pequenas Empresas Brasileiras” financiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid). Após um processo de seleção, o Programa iniciou atividades de apoio a acesso a mercados externos em quatro setores: açaí, moda praia, castanha de caju e mel. No caso do mel, a Agência está desenvolvendo um projeto de apoio às exportações de mel da Associação dos Apicultores da Microrregião de Simplício Mendes (AAPI), no Estado do Piauí. Nosso objetivo principal é fortalecer as vendas da AAPI de forma consistente e sustentável, agregando valor aos produtos e elevando, de maneira significativa, seus

resultados comerciais.

O Programa, que está inserido no projeto Apis Araripe do Sebrae Piauí, tem o caráter de projeto-piloto e, nesse sentido, pretende disseminar todo o conhecimento adquirido nas ações desenvolvidas em parceria com as entidades do setor apícola que tenham interesse em exportar seus produtos, seja *commodity* ou com algum valor agregado. “Estamos buscando mercados alternativos e estabelecemos como meta a exportação de 20% da produção em mel fracionado. Queremos usar esse caso-piloto como um laboratório. Vamos trabalhar para que o conhecimento gerado em nos-

so projeto seja disseminado no setor, comenta Alexandre Darzé, também consultor da Usaid.

A primeira fase do programa teve como atividade principal o desenvolvimento de uma análise do setor de mel em nível mundial. Primeiro, precisamos entender o mercado, suas tendências, comportamento de oferta e demanda para, então, desenvolvermos uma estratégia de longo prazo que capitalize as vantagens competitivas da AAPI. O mercado mundial é caracterizado pela concentração de grandes importadores, com destaque para Alemanha, EUA, Japão, França e Itália, países responsáveis



por cerca de 70% do mel comercializado. Em 2003, o volume total de importações atingiu um valor de US\$ 970,6 milhões (Rel. FAO – 2005), dos quais as importações da Alemanha totalizaram US\$241,5 milhões, o equivalente a 24% do total anual. Os EUA importaram US\$ 219,5 milhões, seguidos pela Inglaterra (US\$64,6 milhões) e o Japão (US\$ 62 milhões).

O quadro dos maiores exportadores apresenta um cenário semelhante. Apesar de mais fragmentado e com um grau maior de mobilidade dos atores na composição do mercado, China e Argentina – os dois maiores *players* atuais – respondem por 51% do total comercializado (CONTRADE, 2001–2004) e exercem forte influência na definição dos preços mundiais. Nesse contexto, merece destaque também o papel desempenhado no mercado pela Alemanha, que ocupa uma posição importante tanto nas importações, com 24% do total, como nas exportações mundiais (11,5%), confirmando sua estratégia de grande entreposto comercial na Europa (CONTRADE).

No mercado mundial, a saída temporária dos dois maiores exportadores – China e Argentina – gerou uma oportunidade de mercado para diversos países com potencial apícola – entre os quais o Brasil, que ampliou expressivamente suas exportações

a partir de 2001 e saltou de uma posição irrelevante no mercado para o quinto maior exportador mundial em 2004. Neste período, merece destaque também o crescimento registrado pelos estados da região Nordeste, que

passaram de 18% da produção nacional para 32% do total.

No entanto, a desvalorização do dólar, juntamente com a reentrada do produto chinês no mercado e o recente embargo

européu, ampliou os desafios dos exportadores

brasileiros e, conseqüentemente, de toda a cadeia produtiva do mel, com reflexos diretos na forte pressão sobre o preço do produto no mercado interno e no acirramento da disputa pelo mercado externo, temporariamente restrito ao mercado americano. Além dos prejuízos econômicos, esses fatos poderão trazer um forte e negativo impacto social pelo fato de a apicultura brasileira estar em grande parte estruturada na pequena produção.

Esse cenário, por outro lado, tem intensificado o debate e levado à reflexão acerca de uma estratégia competitiva para o setor apícola brasileiro. A união de esforços dos principais atores – produtores, exportadores, agências de desenvolvimento – poderá transformar a atual conjuntura adversa numa oportunidade de fortalecimento do setor apícola no Brasil, dotando-o de maior poder de competitividade para inserir-se no mercado com produtos de maior valor agregado e credenciando-o para disputar nichos de mercados diferenciados.

Nesse sentido, é fundamental destacar a necessidade de elevação

da produtividade da apicultura nacional, atualmente em torno de 20 kg anuais por caixa, para níveis médios de 50 kg/ano (apicultura fixa), um patamar que só poderá ser efetivamente alcançado com a introdução de tecnologias como a alimentação das colméias, manejo de quadros, produção e substituição de rainhas, dentre outras. Vale lembrar que esse propósito tem sido objeto de constantes esforços do Sebrae e que o Programa da Usaid/Brasil assumiu desde o início das atividades como objetivo prioritário, disponibilizando um consultor especializado para assegurar a disseminação das novas técnicas a todas as comunidades apoiadas.

Se a implementação das atividades do Programa permitiu ter uma idéia mais clara dos desafios de promover a exportação de um produto com maior valor agregado, por outro lado, o estudo de experiências vitoriosas a exemplo da internacionalização do mel da Nova Zelândia – conhecido como Manuka – ou ainda o sucesso no mercado americano alcançado

pelo mel produzido pela cooperativa mexicana Sonora,

parecem evidenciar que estratégias focadas na diferenciação do produto, quando associadas a uma eficiente estratégia de marketing, podem se constituir no caminho mais adequado para viabilizar a

exportação de mel fracionado.

Enfim, o momento que estamos enfrentando no setor deve ser encarado de forma positiva. Precisamos aprender com nossas experiências e de outros países e, em conjunto, desenvolver um plano estratégico de longo prazo para o setor, com definições claras de ações de acesso a mercado e de melhoria de produtividade. Certamente, os desafios são grandes, mas as oportunidades também. Que o mel de cooperativas e associações de pequenos produtores, como a de Simplício Mendes, alcance o Brasil e o mundo.

Estratégias focadas na diferenciação do produto, quando associadas a uma eficiente estratégia de marketing, podem se constituir no caminho mais adequado para viabilizar a exportação de mel fracionado.

A união de esforços dos principais atores – produtores, exportadores, agências de desenvolvimento - poderá transformar a atual conjuntura adversa numa oportunidade de fortalecimento do setor apícola no Brasil.



Mel na merenda escolar aumenta consumo interno

Apicultores encontram apoio de prefeituras, de governo estadual e da Conab para atrair novos consumidores de mel, como os 31 milhões de estudantes da rede pública de ensino



CAMILO DELELLIS

Mel na merenda escolar de Porciúncula (RJ): escoamento da produção e investimento na nutrição

mais capacitados para a atividade. Os apicultores estão conscientes de que é necessário apresentar um bom produto para se manter no mercado”, diz Telles.

LEIS DO MEL

Qualquer município ou estado pode adotar legislação incentivando a produção e a comercialização do mel. No caso da promoção do consumo, existem várias iniciativas de introdução do mel na merenda escolar. Veja alguns exemplos:

Incentivos fiscais Legislação paraense favorece a apicultura

No Estado do Pará, uma das mais importantes conquistas da apicultura foi o decreto de nº 1.597, que difere o pagamento do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) incidente nas remessas de matéria-prima apícola, destinada a estabelecimentos que promovam o processo de beneficiamento e industrialização no Pará.

Também ficam isentas do pagamento do ICMS as saídas internas de colméias padronizadas, de enxames e de rainhas selecionadas, destinados à melhoria do processo produtivo apícola no Estado; as aquisições interestaduais de máquinas e equipamentos, destinados ao ativo imobilizado dos estabelecimentos de beneficiamento e industrialização; e as saídas internas de mel e derivados apícolas com certificação do serviço de inspeção sanitária estadual ou federal, beneficiados e industrializados no estado. E, ainda, fica concedido, crédito de 95%, calculado sobre o débito do ICMS relativo às saídas interestaduais de mel e derivados, com a devida certificação de inspeção sanitária, também beneficiados e industrializados no Pará.

A adoção de políticas públicas adequadas poderá gerar um formidável aumento no consumo interno de mel, como a inclusão do mel na merenda escolar. Pelos cálculos de especialistas, a merenda escolar pode ajudar a contornar a crise provocada pelo embargo da União Européia ao mel brasileiro. Se cada um dos 31 milhões de estudantes do Ensino Fundamental da rede pública recebesse um sachê de mel com 5 gramas, por 180 dias do ano letivo escolar, seriam consumidos 28 mil toneladas por ano – o equivalente a 87% da produção nacional registrada em 2004. Ou 70% da produção estimada para este ano.

“A decisão da União Européia serve de alerta para a necessidade de promoção do consumo interno, que é um dos mais baixos do mundo”, afirmam Reginaldo Resende e Alzira Viei-

ra, coordenadores nacionais de Apicultura da Unidade de Agronegócios do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). De fato, o brasileiro consome 60 gramas de mel por ano, enquanto, em alguns países da Europa, o consumo *per capita* anual fica em torno de 1 quilo. Na Alemanha, por exemplo, o consumo é de 2,4 quilos por pessoa por ano.

A qualidade, a higiene e os diversos sabores do mel brasileiro são as principais vantagens que os apicultores têm para ganhar a confiança do consumidor e ampliar a utilização do produto. Segundo o coordenador regional Centro-Sul da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA), Guaracy Telles, existe uma grande preocupação com o mel que é oferecido ao consumidor. “As associações, cooperativas e até mesmo o produtor isolado estão cada vez

• A Câmara Municipal de Esperantina (PI), a 183 quilômetros de Teresina, aprovou lei para inserir o produto no cardápio do lanche dos estudantes dos estabelecimentos municipais. A produção local atingiu 8 toneladas em 2004. “Agora, vamos encampar uma luta para que outras cidades aprovelem uma lei igual”, disse Paulo Alexandre Cruz Carvalho, gestor do Projeto de Apicultura do Litoral Piauiense. “O produto é um alimento saudável para as crianças e precisamos estimular a produção de 90 apicultores”, justificou o prefeito de Esperantina, Felipe Santolia.

• Em 2003, a primeira cidade do Piauí que incluiu o mel na merenda escolar foi Piracuruca, a 196 quilômetros de Teresina.

• Em Mato Grosso do Sul, as escolas da rede estadual de ensino terão também que incluir o mel no cardápio da merenda escolar por força da Lei Estadual nº 3.173 de 27/12/05. Gustavo Bijos, consultor do Sebrae/MS, informa que, em 2005, foram matriculados 319.481 mil alunos na rede estadual de ensino. Se cada um deles receber um sachê de mel de 45 gramas, um dia da semana, durante dez meses, a produção de mel no estado, que é de aproximadamente 250 toneladas ao ano, estará quase que totalmente comprometida com a merenda escolar.

• Em Dourados (MS), o mel é utilizado nas escolas e creches há quatro anos, com um consumo em média de 3.600 kg/ano por habitante.

• No Ceará, foi produzido um material instrucional destinado ao treinamento das merendeiras da rede pública de ensino, com receitas e dicas acerca do preparo de receitas a base de mel.

COMPRA GARANTIDA

Outra ação de política pública bem-sucedida em favor do aumento do consumo interno do mel está sendo feita por associações de apicultores com o apoio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), da Agricultura Familiar, a Conab beneficia milhões



de famílias de produtores familiares em todo o Brasil realizando compras de diversos produtos, como, por exemplo, feijão, milho, arroz e o próprio mel.

O PAA utiliza a Compra Antecipada Especial e a Compra Direta de produtos da agricultura familiar, permitindo a cada agricultor um limite máximo anual de venda de R\$ 2,5 mil. A modalidade Compra Antecipada Especial utiliza o sistema de doação simultânea, principalmente de peixe, mel e polpa de frutas, beneficiando escolas, creches, asilos e outras instituições na maioria dos estados.

No Rio Grande do Norte, o mel será incluído na merenda escolar de

45 mil estudantes das redes públicas estadual e municipal de ensino dos municípios do Alto Oeste. A Conab comprou 6.670 quilos de mel de abelha, acondicionados em sachê da Cooperativa Potiguar de Apicultura (Coopapi) do Município de Apodi. A compra, no valor de R\$ 50.025,00, beneficia 50 apicultores familiares. Por não ter o selo do Serviço de Inspeção Federal, a Coopapi fez uma parceria com um entreposto autorizado para viabilizar o contrato com a Conab.

“É um bom programa tanto para o consumidor, como para o produtor. Temos qualidade no mel brasileiro e, comprando esse alimento, estamos fortalecendo a economia de pequenos municípios”, diz o gerente de Agricultura Familiar da Conab, Paulo Coutinho.

CARTILHA DO MEL

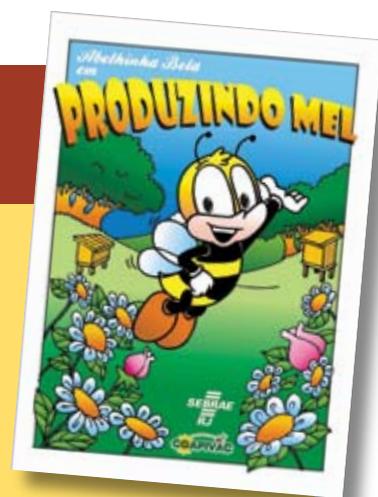
Gibi ensina que os produtos devem ter o selo do Sistema Federal de Inspeção (SIF)

No noroeste fluminense, a Cooperativa Apícola do Vale do Carangola (RJ) entrega até maio 10 toneladas de mel em sachês de 10 gramas para 85 escolas e entidades assistenciais dos Municípios de Itaperuna e Porciúncula. A compra foi realizada pela Conab, que utilizou o produto no Programa Fome Zero do Governo Federal, e está distribuindo e alimentando cerca de 17 mil pessoas semanalmente por três meses, entre adultos e crianças.

O Sebrae no Rio de Janeiro e a Conab elaboraram a cartilha “Produzindo Mel”, estrelada pela Abelinha Bela, que será distribuída para cada criança que recebeu o mel na merenda escolar. A cartilha traz informações acerca do mel, sua importância na alimentação e como ele deve ser consumido.

“É uma forma que encontramos para conscientizar as crianças e, conseqüentemente, suas famílias acerca da importância do consumo de mel e seus benefícios, além de dar uma ênfase para alertar os pais a respeito do Selo de Inspeção Federal (SIF)”, explica Ângelo Baeta, de Agronegócios do Sebrae-RJ.

Para Baeta, é necessário que os apicultores se conscientizem que o mercado interno deve ser trabalhado e explorado. “A apicultura está voltada para a exportação, mas muitas cidades têm dificuldades para o escoamento do produto. Com a venda na própria região, todo mundo ganha”, explica.





Alunos da rede pública de Curitiba, no Meio-Oeste Catarinense. Mel três vezes por semana

Para filhos e pais

Em Santa Catarina, distribuição do alimento na merenda escolar desperta interesse dos pais pelas vantagens do produto

A introdução do mel na merenda escolar de Curitiba, no meio-oeste catarinense, está ajudando a escoar a produção de 26 apicultores e incentivando o consumo do produto nas famílias. Os estudantes da rede municipal de ensino recebem duas ou três vezes por semana um sachê de mel na hora do lanche.

“A aceitação foi ótima”, atesta Sílvia Vezaro, diretora do Centro de Educação Infantil Alfredo Lenzer, uma das escolas atendidas com o projeto. “Temos aqui 110 crianças de quatro meses a cinco anos de idade e elas adoram mel. Alguns pais gostaram da idéia e solicitaram mais sachês para levarem para casa”, comenta Sílvia.

Para conquistar esse nicho de mercado, a Associação de Apicultores de Curitiba recebeu do governo do Estado a doação de uma máquina para fazer os sachês. Nessa primeira safra, os produtores agregaram um

valor de R\$ 14,00 por quilo de mel entregue à Prefeitura de Curitiba. O lucro é dividido entre os apicultores.

EXPANSÃO

A partir da experiência com a merenda escolar, os produtores querem expandir o negócio. “Estamos pensando em colocar os sachês para serem vendidos nos postos de combustíveis e supermercados”, revela o presidente da Associação de Apicultores, Adoli Pedro Schwinden.

A necessidade de adquirir a máquina de sachês para introduzir o mel na merenda escolar

do município foi identificada no Arranjo Produtivo Local (APL), desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). As ações de expansão de mercado incluem investimentos em capacitação e novas tecnologias para os apiários.

O resultado dessa parceria já pode ser comprovado na produção, que teve crescimento de 150%. Antes do APL, os apicultores retiravam em torno de 10 quilos de mel por colméia. Com a

assistência técnica, eles conseguiram aumentar a produtividade para 25 quilos por colméia.

“Estamos pensando em colocar os sachês para serem vendidos nos postos de combustíveis e supermercados.”
Adoli Pedro Schwinden,
presidente da Associação de Apicultores

Apicultor é prefeito e líder em Mato Grosso

Com apoio de Walmir Guse, de Conquista D'Oeste (MT), atividade cresce nas áreas rurais e indígenas

A apicultura está entre as prioridades das políticas públicas do Município de Conquista D'Oeste, distante 520 quilômetros de Cuiabá, Mato Grosso. A atividade foi introduzida há três anos, com o apoio da prefeitura municipal, e hoje já conta com 23 apicultores e 420 colméias. Também começa a ganhar espaço em áreas indígenas.

O prefeito, Walmir Guse, que também se dedica à produção de mel, criou um Setor de Apoio para a Apicultura e implantou os Agentes de Desenvolvimento Rural (ADRs) no município. Os dois técnicos que atuam na assistência dos apiários são remunerados pela prefeitura.

Apoiados com a criação de Arranjo Produtivo Local (APL) pelo Sebrae, no ano passado, os apicultores conseguiram recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para construir um entreposto e comprar um veículo de apoio. O investimento foi de R\$ 180 mil.

COOPERATIVA

Neste ano, os apicultores de Conquista D'Oeste fundaram a Co-



José Guilherme (Sebrae) e o prefeito Walmir Guse.



Índios das etnias pareci e nambiquara estão apreendendo a produzir mel, com apoio dos ADRs.

operativa dos Apicultores de Mato Grosso (Coapismat), que terá associados em sete municípios da região. “A cooperativa vai assumir a parte de processamento e comercialização do mel”, destaca o prefeito, que também preside a Federação das **Entidades Apícolas de Mato Grosso (Feapismat)**.

Com a cooperativa, adequações permitiram a obtenção do Selo do Serviço de Inspeção Sanitária Estadual (SISE/MT). Esta prevista também a obtenção do Selo de Inspeção Federal (SIF), o que possibilitará a comercialização dos produtos para todo Brasil.

Segundo o superintendente do Sebrae/MT, José Guilherme Barbosa Ribeiro, o trabalho em equipe e a união dos apicultores são vitais para o crescimento da atividade no Estado. “Como acontece com as abelhas, o segredo do sucesso está na união de todos em prol de um mesmo objetivo”, afirma.

Embora ainda incipiente – 68 toneladas registradas em 2005 na região sudoeste do Estado –, a produção mato-grossense tende a crescer nos próximos anos.

“Sabemos que o processo é gra-

dativo, mas, com certeza, a expansão da produção e da comercialização do nosso mel é apenas uma questão de tempo, pois temos certeza de que estamos no caminho certo”, afirma o prefeito apicultor.

A união e o contínuo esforço dos apicultores se refletiram na construção da primeira Casa do Mel da região. Com o empreendimento, os apicultores pretendem dar um novo rumo à produção. “A Casa do Mel é resultado de muito trabalho e dedicação”, diz Guse.

MEL INDÍGENA

A apicultura também está sendo implantada nas aldeias indígenas, formadas pelas etnias pareci e nambiquara. “Como são áreas de preservação, a atividade se encaixa no perfil da região”, ressalta Guse. O mel produzido em Conquista D'Oeste é vendido em feiras locais e adquirido pela prefeitura para distribuição na merenda escolar de seis escolas, quatro delas localizadas em reservas indígenas.

O crescimento da apicultura no estado vem se expandindo cada vez mais. Por isso, os produtores locais vão reivindicar que o Congresso Brasileiro de Apicultura de 2010 seja

Ações consolidam central de cooperativas

Fundação Banco do Brasil, Sebrae, ICCO (Holanda), Rede Unitrabalho e Unisol Brasil investem na ampliação da capacidade produtiva do segmento

Grças às parcerias firmadas com instituições públicas e não-governamentais, há dois anos, os apicultores do Piauí deram início à criação da Casa Apis, um inédito empreendimento econômico solidário e sustentável que está sendo consolidado na região do semi-árido nordestino.

Hoje, com 800 cooperados, a Central de Cooperativas Apícolas do Semi-árido, o nome completo da sigla Casa Apis, conta com uma entidade do Ceará, a Cooperanecta, e seis do Piauí – Campil, Coopi, Comelva, Cooamepi, Coopix e Compai.

As parcerias com organizações que apóiam atividades rurais geradoras de emprego e renda estão ajudan-

do a construir um novo cenário para a apicultura. A Fundação Banco do Brasil (FBB) está entre as instituições que mais têm investido no segmento. Somente neste ano, o orçamento para a cadeia apícola com infra-estrutura, equipamentos e assistência técnica é de R\$ 2 milhões. A Casa Apis é o principal investimento da fundação.

Segundo o presidente da FBB, Jacques Pena, a capacidade da apicultura de promover o desenvolvimento sem agredir o meio ambiente, aliada à possibilidade de diversificação de renda dos agricultores, foi fator determinante para a seleção do segmento.

“Com um pequeno investimento, é possível produzir e atender a outra questão importante para a agricultura



Casa Apis terá um complexo de 11 mil metros quadrados, onde será instalado um centro tecnológico apícola e uma agroindústria para processar e embalar o mel da região

familiar, que é a diversificação, liberando o produtor da monocultura”, destaca Pena.

COMPLEXO INDUSTRIAL E TECNOLÓGICO

Neste ano, serão investidos R\$ 4 milhões na construção de um com-



Entidade dos apicultores já conta com frota de veículos



plexo de 11 mil metros quadrados, em Picos, a 310 km de Teresina. Lá está sendo construído um centro tecnológico apícola e uma agroindústria para embalar e processar o mel da região. “Vamos nos preparar para exportar o mel fracionado, agregando valor aos produtos”, prevê Antônio Leopoldino Dantas Filho, líder da categoria conhecido por Sitonho. Ele é o diretor-geral da Casa Apis e presidente da Federação das Entidades Apícolas do Piauí, da Câmara Setorial da Apicultura do Piauí e da Cooperativa Apícola da Microregião de Picos (Campil).

O objetivo do empreendimento é eliminar os intermediários do pro-



Laboratório analisa qualidade do mel

cesso produtivo do mel e, com isso, aumentar a renda dos apicultores envolvidos. Trabalhando de forma cooperada, os produtores passam a ser responsáveis pelas diversas etapas da cadeia produtiva. Ou seja, das colméias, das casas de mel e da central de processamento e envasamento do mel, realizando, inclusive, a comercialização, com a agregação de valor.

A Casa Apis será o primeiro empreendimento do Promel, um programa criado para fomentar a Apicultura no Nordeste brasileiro, composto de um Comitê Gestor Nacional, integrado pelas seguintes entidades: Fundação Banco do Brasil, Sebrae, ICCO (Holanda), Rede Unitrabalho, Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, em parceria com o Governo do Estado do Piauí e as prefeituras de Picos e dos demais municípios envolvidos no projeto.

Com o complexo industrial, a central de cooperativas terá uma

capacidade de processar em escala progressiva, até o ano de 2008, 1.800 toneladas de mel/ano. Levando em conta a produtividade média por colméia/ano de 25 kg de mel em 80% das colméias produtivas, será beneficiada a produção de mel de 80 mil colméias, que são trabalhadas por 1.000 famílias de apicultores.

Serviço

Laboratório móvel visita as colméias

Um carro diferente anda circulando pelas estradas do Piauí: olhando de fora parece uma Van comum, mas, por dentro, o automóvel é um laboratório, equipado com todos os instrumentos necessários para fazer a análise do mel. O veículo ainda pode virar uma sala de treinamento, exibindo informações para os apicultores por meio de um data-show.

O laboratório, que contou com um investimento de R\$ 220 mil da Fundação Banco do Brasil (FBB), atende a 1.000 apicultores nas microregiões de Picos, São Raimundo Nonato e Piripiri. “A vantagem é que a análise de qualidade é feita no momento em que o produtor está colhendo o mel nas colméias. Se há alguma prática errada, é possível orientar o apicultor na hora”, observa o gerente da Carteira de Projetos de Apicultura do Piauí, Francisco Holanda.



Solenidade de posse da diretoria da Casa Apis

Semi-árido quer produzir e exportar mel orgânico

Em experiência inédita, 70 apicultores da Casa Apis estão em processo de certificação orgânica do mel sob a orientação de empresa holandesa

Um grupo de 70 apicultores da Central de Cooperativas de Apicultores do Semi-Árido (Casa Apis), sediada em Picos, no Piauí, está fazendo curso de Certificação Orgânica do Mel com o objetivo de exportar para os Estados Unidos e para a Europa. Durante um ano, eles serão capacitados pela empresa holandesa Skall Internacional do Brasil.

Trata-se de uma ação pioneira de certificação de pequenos apicultores no Brasil, algo até então restrito às empresas privadas do segmento. Da experiência participam apicultores das cooperativas dos municípios de Picos, das Associações de Acauã, Belém, Caldeirão Grande, Marcolândia, Jaicós, São João da Canabrava, Campo Grande, Padre Marcos, Simões. As cooperativas Campil e Coopi já têm certificação em qualidade S.I.F e em segurança alimentar BPFs e APPCC. Essas siglas significam atestados de qualidade reconhecidos internacionalmente.

A nova meta dos apicultores ligados à Casa Apis é resultado do projeto Apis Araripe, desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) no Piauí, em parceria com as prefeituras municipais, a Fundação Brasil do Brasil e as organizações

não-governamentais Unitrabalho, ICCO e Unisol Brasil.

“A certificação orgânica para os pequenos apicultores no Nordeste é uma ação pioneira que agrega valor ao produto e que se deve às alianças estratégicas feitas entre as entidades atuantes no setor apícola e as cooperativas representantes do público-alvo”, afirma a gestora do Projeto Apis Araripe, Mercês Dias. “Ao fim de tudo, o empreendimento objetiva a reversão justa do lucro para os produtores, por ser uma iniciativa de economia solidária, possibilitando assim, a integração dos apicultores na cadeia produtiva da apicultura de forma competitiva.”

CONFORMIDADE

Desde 2002, as exportações de mel do Piauí atingiram o mercado externo, como os Estados Unidos, Alemanha e Itália. No ranking nacional de exportadores, o Piauí ficou em terceiro lugar (US\$ 3,05 milhões), seguido por São Paulo (US\$ 772 milhões) e o Ceará (US\$ 3,44 milhões). Piauí foi o único Estado do Brasil que aumentou as exportações de mel em 2005. As 2 mil e 500 toneladas exportadas totalizaram um crescimento de 43% nas vendas

Devido ao projeto desenvolvido no setor de apicultura, o Piauí foi escolhido para sediar a primeira reunião do Programa de Avaliação de Conformidade do Mel. O evento, realizado no dia 10 de fevereiro, em Teresina, incluiu a elaboração de normas técnicas e regras de certificação do

produto.

“Somos uma referência em todo o País e isso se deve a um esforço conjunto com as entidades apícolas”, comemora o gerente de Carteira de Projeto de Apicultura do Sebrae no Piauí, Francisco Holanda.

ASSOCIATIVISMO E TECNOLOGIA

Devido ao projeto desenvolvido no setor de apicultura, o Piauí sediou, em fevereiro deste ano a primeira reunião do Programa de Avaliação de Conformidade do Mel. O evento incluiu a elaboração de normas técnicas e regras de certificação do produto.

“Somos uma referência em todo o País e isso se deve a um esforço conjunto com as entidades apícolas”, comemora o gerente de Carteira de Projeto de Apicultura do Sebrae no Piauí, Francisco Holanda.

O salto dos apicultores para a produção orgânica certificada está inserido em uma das prioridades defendidas pelo Sebrae com os parceiros – a disseminação da cultura empreendedora e do cooperativismo. No caso da Casa Apis, isso vem sendo incentivado na região por meio de oficinas de associativismo empreendedor e cursos tecnológicos de apicultura básica, manejo de colméias, alimentação artificial de abelhas, boas práticas na colheita e produção e substituição de rainhas com os associados.

Os alunos das oficinas são estimulados por diversas associações e cooperativas existentes na região – Campil e Coopi, de Picos; AAPI, de Simplício Mendes; Aapsão, de São João da Canabrava; Acmel, de Acauã; Apaam, de Padre Marcos; Apab, de Belém do Piauí; Aapis, de Simões; Amel, de Caldeirão Grande do Piauí; Apama, de Marcolândia; e a Amelan de Jaicós.



Apicultores da Casa Apis fazem curso em busca da certificação orgânica



Ceará descobre alternativa ao êxodo rural

A Associação dos Apicultores do Município de Parambu conta com 115 sócios e comercializou, em 2005, cerca de 120 toneladas

A apicultura foi a saída encontrada pela prefeitura de Parambu, a 408 quilômetros de Fortaleza, no sudoeste do Ceará, para combater o êxodo rural e oferecer alternativa de renda no campo, em equilíbrio com o meio ambiente. Há três anos, o município implantou o projeto Doce Mel, que expandiu a apicultura na região dos Inhamuns, gerando renda para os agricultores familiares, e hoje, conta com atestado que reconhece a qualidade do produto como mel orgânico.

A produção de mel em Parambu vem crescendo, em decorrência da ampliação do quadro de apicultores e, em 2005, alcançou a marca de 120 toneladas de mel de qualidade superior, com certificação orgânica. Este ano, já foi comercializado para uma empresa cearense que atua no setor de exportação um lote correspondente a 25 toneladas de mel, com coloração abaixo de 35 mm.

As espécies vegetais encontradas na região, compõem um rico e diversificado pasto apícola, que possibilita a produção de **mel claro**, de odor agradável e sabor suave, na estação das chuvas; e **mel escuro** de maior densidade, com sabor característico-forte no período seco, oriundo da flora da aroeira, e portanto classificado como monofloral.

Devido à sua qualidade e à preservação do meio ambiente, o mel obtido no município é certificado como mel orgânico pelo Instituto Biodinâmico (IBD), uma das principais entidades certificadores do País.



ALFREDO MOREIRA

Os equipamentos são cedidos na forma de empréstimo. O apicultor se compromete a devolver 15 colméias recebidas e os insumos, a partir de dois anos.

Com a renda da apicultura, os agricultores estão conseguindo superar as dificuldades provocadas pela irregularidade das chuvas na região, já que as abelhas encontram condições favoráveis para produzir mesmo durante a seca.

O projeto começou com a compra de mil colméias e 600 quilos de cera, que seriam o ponta-pé inicial para 66 apicultores produzirem mel. Hoje a Associação dos Apicultores do Município de Parambu já conta com 115 sócios.

A prefeitura também investiu em equipamentos para beneficiar a produção e na assistência técnica, com a contratação de quatro Agentes de Desenvolvimento Rural (ADRs) para capacitar

os novos produtores. As ações de capacitação são desenvolvidas com o apoio do Projeto Apis (Apicultura Integrada e Sustentável) do Sebrae no Ceará.

EMPRÉSTIMO

Os equipamentos são cedidos na forma de empréstimo em comodato: o apicultor beneficiado assina um contrato registrado em cartório, se comprometendo em devolver ao Departamento de Agricultura Municipal as 15 colméias recebidas, como também os insumos, a partir de dois anos. O material resgatado é repassado a outros produtores.

CERTIFICAÇÃO

No ano passado, a produção garantiu um faturamento de R\$ 267 mil. Por meio da Associação, os apicultores fazem a comercialização do produto direto para os compradores, eliminando a figura dos atravessadores. A compra de equipamentos e insumos também é coletiva.



Agentes recebem capacitação para prestar assistência continuada aos apicultores

ADRs – Os agentes da nova apicultura no Brasil

Eles são responsáveis pela transformação da realidade rural e pela profissionalização dos apicultores

Os ADR, como são chamados os Agentes de Desenvolvimento Rural, são pessoas da própria comunidade com experiência apícola e que receberam treinamento específico para propagar as orientações técnicas da criação de abelhas na região onde atuam. Por serem da própria comunidade, possuem trânsito livre e diálogo fácil entre os produtores, permitindo-lhes atuar de maneira mais efetiva na transformação da realidade local, proporcionando o aparecimento no campo da nova apicultura brasileira.

A apicultura brasileira vive um momento especial da sua história.

Após longos anos de um desenvolvimento lento e duvidoso, a atividade ganhou pujança nos últimos anos e vem se consolidando em todo o território brasileiro como uma atividade capaz de mudar a vida de milhares de brasileiros.

Localidades brasileiras, inseridas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde até pouco tempo a criação de abelhas era vista com restrição, hoje possuem núcleos organizados e iniciam o processo produtivo orientados pelo ADRs do projeto APIS (Apicultura Integrada e Sustentável), coordenado pelo SEBRAE e que conta com a parceria de

diversas instituições. A possibilidade de obter na sua terra ocupação e renda, mediante a realização de um pequeno investimento, faz o diferencial da apicultura como atividade de inclusão social no campo e, por isso, tem se destacado entre as demais explorações agropecuárias para pequenos e médios produtores, em particular na agricultura familiar.

Contudo, essa visão da apicultura como alternativa de ocupação e renda não é nova, vários esforços já foram realizados no sentido de se viabilizar a atividade em diversas regiões do Brasil. A grande dificuldade era assegurar ao homem do campo das



Conhecimento ajuda a manter o homem no campo

regiões sem tradição em apicultura, que normalmente não conhece as técnicas de criação das abelhas, as condições necessárias para manutenção dos enxames nas colméias e, conseqüentemente, a obtenção da produção com a qualidade exigida pelo mercado. Na maioria das vezes, os produtores começavam a criação, entusiasmados com os treinamentos básicos, realizados pelas instituições incentivadoras, mas, quando começavam a sentir dificuldades e buscavam uma orientação, já não havia a quem recorrer. A assistência técnica aos projetos não atendia às necessidades dos produtores e, muitas vezes, era realizada por pessoas não-qualificadas.

A concepção criada no projeto APIS de integrar competências e, com isso, assegurar ao produtor apoio ao longo de toda cadeia produtiva, em parte resolveu os problemas que levaram várias iniciativas de desenvolvimento apícola ao insucesso. Porém, foi com o surgimento do ADR que começaram a aparecer as mudanças, já que o Agente permanece na região e tem o conhecimento local necessário para garantir a assistência técnica continuada ao produtor. O Agente de Desenvolvimento Rural é o elo de ligação entre a base produtiva e a ordenação do projeto (Figura 1), que, por meio do vínculo mantido entre eles, transmite, quase que em tempo real, as dificuldades e necessidades da comunidade, sejam elas técnicas, comerciais ou de organização, sendo,

com isso, possível a atuação rápida para a solução do problema.

O ADR é, então, a peça-chave no processo de criação desta nova apicultura brasileira, sendo responsável pela orientação e pelo acompanhamento de todo o processo produtivo no campo, de onde realmente vem a riqueza gerada pelas abelhas e que hoje aparece realçada com o aumento da produção e a melhoria da qualidade do mel nas comunidades assistidas pelos projetos da Rede APIS.

Contudo, a permanência dos ADRs no campo só tem sido alcançada graças às articulações institucionais realizadas em torno da atividade e, em particular, ao esforço da Funda-

A permanência dos ADRs no campo só tem sido alcançada graças às articulações institucionais realizadas em torno da atividade e, em particular, ao esforço da Fundação Banco do Brasil (FBB)

ção Banco do Brasil (FBB), que tem assegurado recursos para custear parte dos agentes que estão atuando no País. Atualmente, 162 ADRs são mantidos no campo por meio do apoio da FBB, uma parceria que está permitindo que a proposta dos projetos da Rede APIS possa ser difundida e consolidada em diversas regiões do Brasil. É importante ressaltar, também, o empenho de várias prefeituras que têm assumido a manutenção dos ADRs de sua região, por reconhecer a importância do trabalho desses agentes no desenvolvimento da apicultura no município.

Os Agentes de Desenvolvimento Rural estão orientando, tirando as dúvidas dos produtores, estimulando a produção e a melhoria da qualidade dos produtos apícolas e, assim, ajudando a construir uma nova página da apicultura brasileira e porque não dizer, sendo os agentes da nova apicultura no Brasil.



Figura 01 - Organização do projeto APIS, com sua hierarquia, componentes e funções.

Capacitação eleva produtividade no Pará

Apicultores conseguem produzir 40 kg por colméia ao ano

Com um trabalho de capacitação intensiva, em menos de dois anos de atividades, os apicultores do Pará estão ultrapassando as médias de produtividade dos Estados Unidos e de outros países que, tradicionalmente, superam os índices brasileiros.

No chamado Corredor do Mel, que reúne os Municípios de Colares, Santa Izabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, São Caetano de Odivelas e Vigia, atendidos pelo projeto Apicultura na Região de Belém, a produtividade chega a 40 quilos de mel por colméia ao ano. Nos Estados Unidos, a produtividade é de 32 quilos. Na Argentina e no México, a produtividade não passa de 35 quilos. A média brasileira é de 15 quilos por colméia ao ano.

O resultado do Pará é fruto dos investimentos em capacitação, que começaram em 2004, por meio de parcerias com o Sebrae e instituições públicas e privadas. No ano passado, mais de 300 apicultores participaram de cursos.

O apicultor Sebastião do Carmo passou a olhar para a atividade como um empreendedor. “Antigamente, eu trabalhava, mas não via na apicultura um negócio. Não me sentia empreendedor. Depois dos cursos, isso mudou”, declara do Carmo, que é presidente da Associação dos Criadores de Abelhas do Município de Vigia.

PARA CRESCER

No ano passado, a partir de um diagnóstico feito sob a coordenação do Sebrae, os apicultores do Corredor



Cursos transformaram apicultores e apicultoras em empreendedores, como ocorreu com Elenilda, a única mulher que é Agente de Desenvolvimento Rural

do Mel perceberam que, unidos, poderiam chegar mais longe. Foi criada, então, a Associação dos Criadores de Abelhas da Amazônia (Ascama), que hoje reúne 200 associados.

Em 2005, a produção da Ascama foi de 24 toneladas, volume totalmente comercializado. “O desafio para 2006 é criar a infra-estrutura necessária para que os apicultores ampliem a produção e a comercialização

do mel”, explica a gestora do projeto, Ana Maria Queiroz.

Ao longo deste ano, o Sebrae, parceiros e apicultores vão articular a construção de uma Casa do Mel em cada um dos municípios atendidos pelo projeto. Segundo Ana Maria, cada unidade de beneficiamento deve custar R\$ 75 mil. “Daí a importância de articular parcerias”, assinala.

Elenilda Magalhães, moradora de Ourém, no Nordeste paraense, se transformou na primeira mulher a atuar como Agente de Desenvolvimento Rural (ADR). Apicultora há mais de cinco anos, ela venceu muitos preconceitos para entrar na atividade tradicionalmente masculina, em outubro do ano passado. Elenilda participou do curso como ouvinte, por curiosidade, e acabou ficando com a vaga. “O apicultor que foi treinado precisou sair e, então, eu fiquei no lugar dele”, lembra a ADR.

PARCEIROS DA APICULTURA NO PARÁ

Sebrae; Governo do Estado; Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Federação da Agricultura do Estado do Pará (Faepa); Secretaria de Agricultura do Estado; Museu Emilio Goeldi; Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); Ouremmel; Federação das Associações de Apicultores do Estado do Pará (Fapic); prefeituras municipais; Emater; Agência de Desenvolvimento da Amazônia (ADA), Centro Universitário do Pará (Cesupa); Ceplac; Fundação Banco do Brasil; Banco do Brasil; Banco da Amazônia.



SC investe em tecnologia para conquistar mercados

Cooperativa deve fazer a primeira exportação para os Estados Unidos, com 10 toneladas de mel, ainda no primeiro semestre deste ano

A apicultura catarinense passa por um momento de transição. Há alguns anos, o Estado de Santa Catarina era o maior produtor de mel do Brasil, mas a falta de tecnologia e fatores climáticos tiraram dos catarinenses esse título. Em 2004, o Estado ficou com a quarta maior produção brasileira, com 3.600 toneladas de mel.

A confiança na recuperação dessa atividade no estado é tão grande que os apicultores já estão pensando em novos mercados. É o caso da Cooperativa Apícola de Santa Catarina (Coopasc), que está negociando a exportação de 10 toneladas de mel por mês para os Estados Unidos. O primeiro carregamento deve sair neste primeiro semestre de 2006.

“Fizemos uma pesquisa de mercado que aponta para o tipo de embalagem, rótulo e sistema de entrega que os americanos gostam”, explica o presidente da Cooperativa, Luis Stefaniak. “Nós estamos terceirizando o serviço de embalagem nos entrepostos para que o mel saia embalado e com rótulo do Brasil”, acrescenta.

RECUPERAÇÃO

Para recuperar posições mais avançadas, a apicultura catarinense busca um produto de alta qualidade por meio do incentivo a novas tecnologias, a exemplo de manejo ade-

quado, alimentação correta para as abelhas e também novas maneiras de comercializar a produção.

Isso tudo está acontecendo graças a uma parceria entre associações de apicultores e o Sebrae em Santa Catarina, que entra com novas tecnologias e orientações para ganhar mercado.

O Sebrae/SC é parceiro de cerca de 150 produtores de Curitiba e Videira, no meio oeste do estado, 300 quilômetros de Florianópolis, onde estão dois dos quatro projetos de Arranjos Produtivos Locais (APL) desenvolvidos no estado. Eles começam a acreditar na apicultura como um negócio rentável.

“Normalmente os agricultores da região têm outras atividades econômicas na propriedade, como a produção de maçã e a avicultura, e a apicultura fica relegada a um segundo plano”, afirma João Alexandre Guze, consultor do Sebrae da região de Videira.

Esse é o caso do apicultor Altair Carlos Guzi, de Videira, que produzia mel para consumo familiar, sem conhecimento tecnológico. “Eu fazia muita coisa errada”, confessa o apicultor.

A partir de 2005, Altair, como os outros 93 apicultores da região, apostaram no tripé gestão empresarial, tecnologias e associativismo

para obter um produto com qualidade e conquistar novos mercados. Foram desenvolvidas diversas, a exemplo de estudo de mercado, seminários e missões empresariais. Resultado: 360 toneladas de mel na temporada.

Os apicultores dos 12 municípios da região de Videira têm assistência de um consultor técnico do Sebrae/SC. Mensalmente, eles se reúnem em um “dia de campo”, onde aprendem todas as técnicas necessárias para o trabalho correto nos apiários.



Os agricultores catarinenses começam a apostar na apicultura como negócio rentável



A profissionalização da apicultura no Brasil

O atual panorama econômico causado pelo embargo europeu ao mel brasileiro exige empreendedorismo, industrialização e estratégias para a conquista de novos mercados

Até o início dos anos 90, a apicultura no Brasil cresceu de forma lenta. A profissionalização se deu a partir da melhoria estrutural dos entrepostos de mel, puxada pelo surgimento de produtos inovadores introduzidos no mercado, como os méis compostos e os *sprays* de mel com própolis e ervas.

Em 2001, a Comunidade Europeia suspendeu as importações do mel da China e o mercado mundial passa a viver uma situação atípica, causada pela elevação dos preços internacionais do produto, que ultrapassou a barreira dos U\$ 2,00 (dois dólares americanos)

o quilo. Nesse mesmo período, o real é desvalorizado frente ao dólar e exportar passa a ser uma ótima opção para o setor. Nessa conjuntura, o mercado interno se vê pressionado e o mel, que era vendido pelos produtores por R\$ 1,60, passa para mais de R\$ 7,00 o quilo.

A apicultura brasileira chega, assim, à era da exportação e o panorama da economia apícola muda drasticamente. Com a alta demanda internacional do produto e o preço favorável à exportação, grande parte do mel brasileiro, nos últimos quatro anos, foi direcionada para o mercado externo. Em 2004, o Brasil exportou

65% do mel produzido.

Em 2005, a China retoma a comercialização com a União Europeia e a oferta de mel se normaliza no mercado internacional. Com isso, o preço volta ao patamar de U\$ 1,00 (um dólar) por quilo. Nesse mesmo período, ocorre a valorização do real frente ao dólar, e o câmbio passa a desfavorecer as exportações. Esse conjunto de acontecimento reflete na queda do preço pago aos produtores, que reclamam alegando que o valor recebido não cobre os custos de produção.

Analisando de maneira mais detalhada, constata-se que um dos fatores que contribui para essa

argumentação é o baixo nível tecnológico que predomina na apicultura brasileira. Acredita-se que, com o emprego de tecnologia adequada, é possível aumentar a produtividade e, conseqüentemente,

a competitividade do setor produtivo apícola brasileiro.

REFLEXOS DA EVOLUÇÃO DOS PREÇOS INTERNACIONAIS NA PRODUÇÃO

Com a alta do mel no comércio internacional, ocorreu a ampliação da base produtiva em todo o mundo, os países produtores aumentaram o nú-

É necessária uma política de estímulo às indústrias de insumos específicos ao segmento, como de indumentária, ferramentas e ração.



Treinamento de ADRs: efeito multiplicador espalha conhecimento no campo

mero de colméias e a produção mundial cresceu. Com isso, o mercado ficou muito mais competitivo, agora a qualidade, o preço e as condições de atendimento passam a ser decisivos para se manter no mercado. Essa situação coloca a apicultura nacional à prova e testa sua capacidade de se adequar às novas condições. Ou seja, a apicultura no Brasil precisa se profissionalizar, ser mais competitiva e lançar mão das boas condições ambientais que possui para colocar

no mercado produtos diferenciados e competitivos.

CAMINHOS PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO

A profissionalização da apicultura passa por três grandes eixos de ações a serem perseguidas: dotar o apicultor de visão empreendedora da atividade no campo; fortalecer as indústrias apícolas de insumo, equipamentos e processamento, adequando-as para melhorias dos processos industriais e de gestão; e montar estratégias para assegurar mercado e garantir a comercialização da produção.



A APICULTURA PROFISSIONAL NO CAMPO

É necessário formar um perfil de competência para o nosso apicultor, treiná-lo e orientá-lo continuamente por meio de uma assistência técnica competente e que seja efetiva na transferência das tecnologias disponíveis para as abelhas africanizadas. A falha no manejo básico das colméias, que, por inabilidade e desconhecimento, não são realizadas, termina por comprometer toda a produção. Em regiões a exemplo do Nordeste, segunda maior região



Capacitação apícola melhora qualidade e reduz custo de produção

produtora de mel no Brasil, a produção se concentra na maioria das suas áreas produtoras em quatro ou cinco meses por ano, o manejo inadequado de preparação das colméias compromete a produção de mel do ano inteiro. É ponto importante na profissionalização do campo o fortalecimento do associativismo e cooperativismo, uma vez que a base da produção brasileira é o pequeno produtor, que precisa estar organizado para que se otimize a assistência técnica e a aplicação dos recursos.

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA APÍCOLA

A mão-de-obra da indústria apícola é, ainda, muito despreparada, observam-se muitas perdas de produtos e serviços, o que contribui para a elevação dos custos e, muitas vezes, para a geração de produtos de baixa qualidade. A formatação de estratégias de treinamentos envolvendo instituições de capacitação a exemplo de universidades, escolas técnicas, Senai, Sesi, Senar e Sebrae, pode melhorar em um curto espaço de tempo esse perfil. É necessária uma política de estímulo às indústrias de insumos específicos ao segmento, como de indumentária, equipamentos, ferramentas e ração, que hoje é deficitária e não atende satisfatoriamente o setor.

FORTELECIMENTO DA COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização é o principal ponto de estrangulamento nas cadeias produtivas já estudadas. A estruturação de estratégias que possam nortear as ações para o setor deve passar pelo estímulo ao consumo no mercado interno e apoio à participação das empresas no mercado externo. O Brasil é um grande mercado consumidor em potencial, antes de 2001 toda nossa produção era absorvida no mercado interno, sendo importante fomentar o consumo interno como forma de assegurar destino à ampliação da produção dos últimos anos. No mercado externo, se faz necessário conhecer as exigências dos países importadores, para se ter a destinação correta dos méis. A colocação inadequada de um tipo de mel no mercado internacional, pode comprometer seriamente o nome do mel brasileiro no mercado internacional e dificultar futuras vendas.

A profissionalização do setor apícola é indispensável para dar sustentabilidade à atividade, sua efetivação passa pela organização de toda a cadeia produtiva, buscando, por meio da integração das instituições envolvidas, a otimização dos recursos aplicados e o real aprimoramento tecnológico e comercial da apicultura.

A ascensão potiguar

Com uma metodologia própria de difusão do conhecimento, os apicultores potiguares aumentam a produção nas colméias

Em menos de três anos, o apicultor Giomar Neves Lopes passou de sem-terra a proprietário de um carro importado. O furgão usado, com câmbio automático, foi comprado no ano passado, com o dinheiro do mel produzido no assentamento de Boa-Fé, no Município de Mossoró (RN). O carro já foi substituído por outro mais novo, de fabricação nacional. “O mel mudou a minha vida”, afirma o apicultor, que entrou na atividade em 2003, um ano após receber a terra da reforma agrária.

Hoje, Lopes é dono de 145 colméias e uma das principais lideranças da comunidade. Após participar de oito cursos de capacitação promovidos pelo Sebrae-RN, o apicultor resolveu dividir os conhecimentos com os outros assentados. Em abril, Lopes passou a atuar como Agente de Desenvolvimento Rural (ADR), atendendo a 21 produtores da localidade. “Quando eu cheguei no assentamento não conhecia nada de mel e hoje já tenho condições de ensinar outras pessoas”, orgulha-se Lopes.

LINGUAGEM

Lopes foi um dos 3.427 apicultores capacitados pelo Sebrae-RN, entre 2002 e 2005. A entidade desenvolveu uma metodologia própria de capacitação, adequada ao perfil dos apicultores do Estado, cuja maioria é analfabeta. “Nós tivemos que elaborar materiais ricos em ilustração, com uma linguagem mais simples e objetiva”, conta o gerente do escritório do Sebrae em Mossoró, Valdemar Belchior Filho, conhecido na região como Valdermel.

Um dos sucessos da metodologia desenvolvida pelos potiguares foi a Cartilha de Boas Práticas Apícolas, publicada ano passado. Outra novidade na metodologia desenvolvida no Rio Grande do Norte foi a extensão dos cursos para o campo, com



Giomar Neves Lopes com seu primeiro carro: veículo importado foi adquirido com renda do mel

a maioria dos módulos ministrados fora da sala de aula. “Nós resolvemos fazer cursos com seis meses de duração, onde os apicultores recebem as informações junto das colméias”, conta Belchior Filho.

DIAGNÓSTICO

A decisão de investir na formação de apicultores surgiu a partir de um diagnóstico da cadeia produtiva do mel no Estado, realizado em 2002 pelo Sebrae e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Na época, o estudo revelou que, apesar do forte potencial apícola, a atividade estava desorganizada. Grande parte do mel era produzida de forma extrativista, com o uso de técnicas primitivas pelos meleiros, adotando práticas como derrubada de árvores e queimadas.

“Nós percebemos que era preciso mudar aquela realidade e passamos a atuar na capacitação dos apicultores”, lembra Belchior Filho.

PARCERIAS

A partir de 2003, os apicultores potiguares passaram a contar com a parceria do governo do Estado. Por meio do Programa de Desenvolvimento Solidário, já foram investidos mais de R\$ 2 milhões na apicultura do Rio Grande do Norte. Organizados em 70 associações, os apicultores receberam financiamentos para a construção de 63 Casas do Mel no Estado, além de um entreposto em Mossoró.

Para auxiliar na profissionalização da cadeia apícola, em junho do ano passado, foi inaugurada a Incubadora Agroindustrial de Apicultura

de Mossoró (Igram). O projeto foi desenvolvido de uma parceria do Sebrae-RN com a Fundação Guimarães Duque (FGD), Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

FOTOS: MORAES NETO



A incubadora recebeu R\$ 95 mil de investimentos, visando o fortalecimento da cadeia produtiva, a transferência de tecnologia e informações acerca da gestão para apicultores, associações e cooperativas. No primeiro edital, foram selecionados cinco empreendimentos que atuam na produção de cosméticos e alimentos à base de mel. Os empresários recebem capacitação em áreas como gestão de finanças e marketing, para promover a expansão dos negócios.

PRODUTIVIDADE

Os resultados das ações do Sebrae e parceiros aparecem nos números da atividade. Atualmente, 5.000 apicultores se dedicam à produção de mel no Rio Grande do Norte. A estimativa para a safra 2006 é de uma

Cartilha de Boas Práticas Apícolas: linguagem simples se transforma em modelo nacional

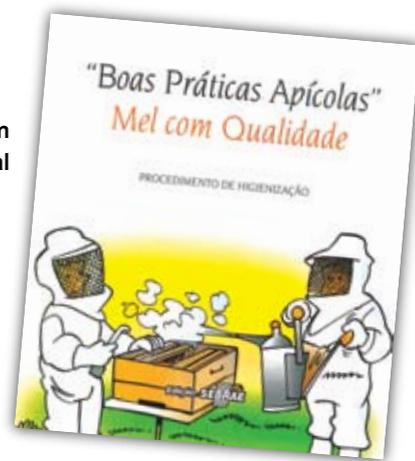
produção de 1,5 mil toneladas.

Um dos diferenciais da apicultura potiguar é a produtividade, que está entre as maiores do Brasil. A média anual do Estado é de 50 quilos de mel por colméia. Mesmo no ano passado, quando o Nordeste sofreu queda na produção por causa da falta de chuvas durante o inverno, os apicultores capacitados pelo Sebrae-RN atingiram uma produtividade de 32 quilos por colméia. "Isso mostra como o manejo correto das colméias faz diferença", observa Belchior Filho.

SERRA DO MEL: APTIDÃO PARA APICULTURA

Um dos modelos do desenvolvimento da apicultura potiguar é o Município de Serra do Mel, criado a partir de 23 assentamentos da reforma agrária. Como o próprio nome sugere, a região, localizada no litoral do Estado, sempre teve vocação para a atividade.

O potencial foi descoberto durante o desmatamento da região para o assentamento das 1.196 famílias que foram instaladas no local há 38 anos. Na época, os colonos já encontraram abelhas produzindo mel silvestre, das



flores de plantas nativas como catanduva e vassourinha de botão.

A profissionalização ganhou impulso em fevereiro de 2001, com a fundação da Associação de Apicultores de Serra do Mel (Apismel). O grupo, que começou com 19 fundadores, contabiliza 77 associados. Eles integram o grupo de 287 apicultores capacitados pelo Sebrae.

O presidente da Apismel, José Hélio Moraes da Costa, é um retrato da transformação ocorrida com a profissionalização. Em 1984, ele tinha recebido um lote de 50 hectares. Há três anos, comprou outra propriedade do mesmo tamanho com a renda da apicultura. A terra foi o presente de casamento para o filho Elton da Costa, que ajuda o pai a cuidar de 210 colméias. "Nossa família consegue viver só com o dinheiro da apicultura", declara.

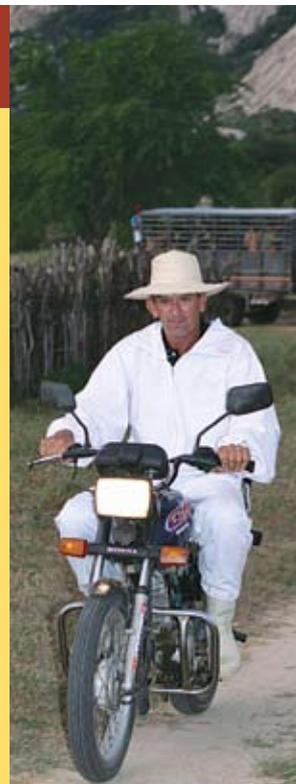
Seu Francisquinho

Assistência técnica sobre duas rodas

O ronco da moto do apicultor Francisco Pereira Batista já é reconhecido de longe pelos produtores de São Rafael (RN). Seu Francisquinho, como é conhecido, percorre diariamente até 90 quilômetros na zona rural do município para visitar 31 apicultores. "Minha maior satisfação é chegar a um apiário e ver uma boa produção", alegra-se Batista.

Além de atuar como Agente de Desenvolvimento Rural (ADR), ele é secretário de Coordenação Rural do município e presidente da Associação de Apicultura de São Rafael, que congrega os 31 apicultores assistidos por ele. Em 2004, com apoio do Sebrae e do governo do Estado, a Associação conseguiu financiamento para a construção de uma Casa do Mel. "Estamos fazendo os cursos do Sebrae para aumentar nossa produtividade. Nesta safra, teremos resultados compatíveis com as médias do Estado", prevê.

Francisco Pereira Batista com sua moto: jornadas diárias de até 90 quilômetros para dar assistência aos apicultoras





Estudos apontam que a polinização feita por abelhas aumenta a produtividade de espécies utilizadas para a produção de biodiesel, como o girassol e a mamona

Atividade gera renda extra aos apicultores

Além de produzir mel, as abelhas podem ser úteis na agricultura, na fruticultura e na preservação da biodiversidade, contribuindo para a polinização das plantas.

O Brasil é um dos pioneiros na utilização de polinizadores como auxiliares na produção agrícola, promovendo maior produtividade e aumentando a renda dos apicultores. As experiências mais antigas estão nos pomares de maçãs do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

O apicultor catarinense Amarelado de Souza, do município litorâneo de Imbituba, viaja 400 quilômetros todos os anos para instalar 600 col-

méias nas macieiras de Fischer, no Planalto Serrano. As colônias ficam 20 dias nos pomares e, depois, são levadas de volta para coletar néctar nas floradas de bracinga, carqueja e vassoura. O apicultor recebe R\$ 35 pelo aluguel de cada colméia, e ainda usa as colônias para produzir mel na mata nativa. “Se continuar esse valor, vale mais a pena alugar colméias do que produzir mel”, calcula Souza.

Segundo o coordenador da Iniciativa Brasileira de Polinizadores

(IBP), Bráulio Dias, a cada ano os apicultores gaúchos e catarinenses alugam cerca de 50 mil colméias para os fruticultores da região. Mas a atividade ainda tem muito a crescer no Brasil: “O aluguel de colméias para polinização é um segmento do mercado que, ainda, é pouco explorado pelos apicultores, por isso, estamos incentivando novas experiências”.

MELEMEÃO

As plantações de melão do

litoral nordestino também estão se beneficiando com a ação dos polinizadores. O período de polinização coincide com a época em que não há produção de mel nos apiários, permitindo que os apicultores aproveitem as colônias para as duas finalidades. O professor Breno Magalhães Freitas, da Universidade Federal do Ceará (UFC), ressalta que, muitas vezes, não é possível polinizar e produzir mel ao mesmo tempo: “Nem todas as flores de pomares produzem néctar suficiente para a obtenção de mel. Por isso, é preciso um manejo eficiente das abelhas”.

A idéia de usar as abelhas como polinizadores surgiu a partir da necessidade de compensar a redução dos polinizadores naturais, a exemplo de morcegos, pássaros e insetos, cuja população vem diminuindo gradativamente com o uso de agrotóxicos e o desmatamento. Segundo os especialistas, o Brasil tem déficit de polinização em frutas a exemplo de laranja, maracujá, pinha, graviola e morango. “No Nordeste, por exemplo, os cajueiros têm baixa produtividade por falta de polinizadores”, lembra Dias.



DIVULGAÇÃO

BIODIESEL E APICULTURA

As previsões de expansão da cultura da mamona, voltada para a fabricação de biodiesel, motivaram dois estudos na UFC. Breno Magalhães Freitas, que é PhD em Abelhas e Polinização, está coordenando teses de mestrado que surgiram a partir de demandas dos

Fábrica de biodiesel no Piauí (ao lado) incentiva a expansão do plântio de mamona e cria perspectiva para atuação dos polinizadores

AÇÃO PÚBLICA

O Ministério do Meio Ambiente está apoiando 13 projetos de polinização em 20 variedades diferentes de plantas. O resultado será publicado em manuais, que servirão de guias para a entrada de novos apicultores na atividade.

Variedades polinizadas:

Bahia – maracujá, goiaba e manga

Pará – açaí

Paraíba – algodão e mangaba

Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais – maracujá

São Paulo e Minas Gerais – tomate

Iniciativas de polinizadores

A Iniciativa Internacional de Polinizadores (IPI) foi criada, em 2002, pela Convenção da Diversidade Biológica (CBD), a partir de uma sugestão de produtores brasileiros de mel. No ano passado, uma portaria interministerial formalizou a criação da Iniciativa Brasileira de Polinizadores (IBP). Já existem Iniciativas de Polinizadores na América do Norte, Ásia e Europa.

DIVULGAÇÃO



produtores do Ceará e do Piauí.

As pesquisas, iniciadas há um ano, buscam avaliar se a polinização aumenta a produtividade da mamona, e se as flores da planta fornecem néctar de qualidade para a produção de mel. “Se descobrirmos que as abelhas podem ser consorciadas com a mamona, vamos obter uma produtividade maior do fruto em uma área menor, evitando o desmatamento e diversificando a renda dos apicultores”, aposta Freitas.

Pesquisa sobre Fauna de Abelhas nas Flores de Girassol, realizada por especialistas da Universidade Federal de Lavras (MG), aponta que a espécie permite a extração de 20 a 40 quilos de mel por hectare de cultura. Também comprovou que “a maior frequência de abelhas nessa cultura favoreceu o aumento do teor de óleo e a qualidade das sementes”.

Ceará investe na produção de própolis

No momento, há grande interesse internacional pela própolis verde oriunda do alecrim-do-campo, que tem sido usada no tratamento de pacientes com câncer

Estima-se que o Brasil exporte 70 toneladas de própolis de abelha por ano para fins medicinais, filão de negócios que movimenta cerca de 25 milhões de dólares. Os principais compradores são Japão, Estados Unidos, Alemanha e China.

Apicultores do Estado do Ceará querem conquistar uma fatia desse mercado em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Por isso, está sendo realizado o trabalho de prospecção de própolis no Projeto Apicultura Integrada e Sustentável (Apis).

A própolis é produzida a partir de resinas e bálsamos coletados das plantas e modificados pelas abelhas operárias por meio de secreções próprias. É usado para fins medicinais, como tratamento de doenças respiratórias e, ainda, para mau hálito, aftas e gengivites, bem como para fortalecer o organismo. Também pode ser usado como cicatrizante.

Há no momento extremo interesse internacional por um tipo de própolis pouco conhecido: a própolis verde. A própolis verde é especial, porque mais de setenta compostos químicos diferentes já foram isolados a partir dessa própolis. Alguns estão sendo usados com sucesso no tratamento do câncer. Em especial a própolis oriunda do alecrim-do-campo.

“O objetivo da prospecção de própolis é estimular a agregação à renda, por meio da diversificação de

produto dentro da cadeia produtiva da apicultura”, afirma José Vandi Gadelha, gestor do Projeto Apis Ceará.

De um total de 5 mil apicultores, o Apis atende hoje 1.800, em 60 dos 184 municípios cearenses. Dentre as principais ações do Apis estão a assessoria técnica, que vem sendo desenvolvida a partir de uma rede de sete supervisores e 68 Agentes de Desenvolvimento Rural (ADRs).

Com essa estrutura, são ministrados cursos tecnológicos, organizacionais e gerenciais, além da promoção de missões técnicas e caravanas que, em 2005, mobilizaram mais de 1.400 apicultores, levando-os a participar de feiras e eventos ligados ao segmento.



A produção de própolis representa diversificação da cadeia produtiva da apicultura

Ação contra invasor

Cientista da Unicamp descobriu que própolis tem composto eficaz no combate a elemento cancerígeno

O professor Yong Kun Park, da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp, ganhou notoriedade e prêmios internacionais com pesquisas sobre a própolis brasileira. Com a coleta de amostras de vários tipos de própolis por quase todo o País, com exceção ainda da Amazônia, Park e seus orientados descobriram nelas importantes propriedades anticancerígenas e anti-HIV, segundo o Jornal da Unicamp. Os extratos obtidos motivam pesquisas em centros avançados como Japão e Estados Unidos.

“A própolis possui dezenas de vezes mais flavonóides do que qualquer vegetal”, festeja o professor. O flavonóide é um composto fenólico presente nos vegetais e, desde o início dos anos 1990, estuda-se mundialmente a sua eficácia no combate a um perigoso invasor do corpo humano: a dioxina, produzida na degradação de produtos contendo cloro, como plásticos e herbicidas. A dioxina contamina o solo, a água e os vegetais, sendo absorvida pelos animais e, na ponta dessa cadeia alimentar, invade as células humanas levando à formação de substâncias cancerígenas. Por isso, ganhou o nome de hormônio ambiental. Está associado a cânceres de pulmão, cérebro e próstata.

Antibiótico natural

Pesquisa revela o uso do produto apícola no tratamento de doenças em animais

FOTOS: COMUNICAÇÃO E MARKETING – SEBRAE-PR



A própolis produzida pelas abelhas já é bastante usada pelo homem

Apicultores em dificuldades para comercializar seu produto agora têm uma nova alternativa de geração de renda. Há 15 anos, a Universidade Estadual de Maringá (UEM) desenvolve uma pesquisa acerca da própolis, substância proveniente do processo de produção do mel. A pesquisa revela que a própolis têm efeitos de um antibiótico natural. A utilização dessa substância em produtos medicinais, no tratamento de seres humanos, já é feita. Porém, a novidade consiste no uso da própolis no tratamento de doenças em animais, a pesquisa revela que ele é um ótimo substituto aos antibióticos usados nas rações, porque não tem contra-indicação e, ainda, a substância aumenta o apetite dos animais.

Essa descoberta abre um novo mercado para os apicultores, que podem interferir na quantidade de própolis produzida por uma colméia “Essa é uma alternativa para os produtores que investiram na produção do mel, e de repente viram as vendas diminuírem por causa do embargo que o mel brasileiro sofreu na Europa. Com a produção da própolis, novos caminhos se abrem, e o Sebrae vai ajudar os apicultores nessa alternativa”, conta a consultora do Sebrae no Paraná, Andrea Lopes Dias.

A outra alternativa de geração de renda para os apicultores do Arranjo Produtivo Local de Mel do Rio Paraná é agregar valor aos produtos. A produção de xampu, sabonete, condicionadores, cera depilatória provenientes do mel já é uma realidade entre

as mulheres dos apicultores. Elas estão se capacitando para produzir em grande escala para os pedidos da região e do mercado externo. O APL Mel Rio Paraná é formado pelos municípios da região noroeste do Paraná, Diamantina do Norte, Marilena e Porto Rico.

OPÇÃO À PESCA

A escassez de peixe no Rio Paraná fez do mel uma nova opção de sustento na região. Com o envolvimento de entidades a exemplo do Sebrae e a criação de um projeto específico, em 2002, houve a profissionalização da atividade. Em 2004, o projeto ganhou força e passou a ser um APL – Arranjo Produtivo Local. No início, eram 18 produtores, hoje, o pólo apícola envolve cerca de 120 pessoas nas Cidades de Diamantina do Norte, Marilena e Porto Rico.

Em 2005, houve a formação dos apicultores em produção orgânica de mel e produtos derivados Depois do curso de gestão empresarial, também ministrado ano passado, o grupo se organizou, os apicultores estão mais conscientes da responsabilidade social e também ambiental que envolve o Projeto e a importância de um APL. A participação em feiras e eventos proporciona a esses produtores a possibilidade de mostrar o seu produto e fazer contatos importantes.



Apicultura ficou organizada depois de curso de gestão empresarial



Produção de mel no rio Paraná virou alternativa à escassez de peixes

Saiba por que o mel é um bom alimento

Com a função de antibiótico natural, o produto reúne propriedades medicinais de acordo com a planta de origem

Incomparável fonte de vitalidade e energia, o mel transmite ao homem os princípios ativos contidos nos vegetais, informa a Cooperativa Nacional de Apicultura. Esse alimento contém vitaminas A, B1, B2, B6, C, E, K e PP, proteínas, minerais e ácidos reconhecidos por sua ação bacteriana, o que lhe confere as funções de antibiótico natural.

As propriedades medicinais do mel variam de acordo com a planta que lhe deu origem. As mais comuns são: flor de laranjeira, flor de eucalipto, flor de maçã, flor de assa-peixe, flor de caju e flor de angico. As floradas dependem da época do ano e da vegetação do local onde o mel é produzido.

A coloração do mel varia de acordo com as floradas, podendo ser claro, vermelho, dourado ou escuro. Com a variação da cor, normalmente variam também o sabor e o aroma, sem alteração do valor nutritivo. O mel mais escuro é mais rico em minerais em pequenas proporções.

açúcar

“Se tiver que escolher entre mel



O MEL NA MEDICINA

- O consumo diário reduz o risco de infecções;
- Contém frutose, o que ajuda a acabar a ressaca;
- Uma colher de chá de mel reduz a dor de garganta;
- Consumido diariamente, queima os excessos de oxidantes;
- Limonada com mel combate a fadiga e renova as energias;
- Mel é uma boa fonte de vitaminas e minerais, contém vitamina B6, tiamina, niacina, riboflavina e ácido pantotênico.

Composição do Mel

Frutose	40%	Vitaminas	2,8%
Glicose	34%	Minerais	1,2%
Sacarose	1,7%	Enzimas, Substâncias antibióticas	1,3%
Proteínas (ácidos e aminoácidos)	1,3%	Água	17,7%

ou açúcar, fique com o mel”, afirma a nutricionista Cíntia Centeno, segundo informativo da empresa Minamel, de Içara (SC), considerada uma das maiores exportadoras do País. “Os diabéticos precisam tomar cuidado”, adverte.

Segundo ela, o mel é absorvido imediatamente, não possibilitando o ataque das bactérias intestinais e formação de gases, o mesmo não sucede com o açúcar. “O mel também é um bom condutor em anemia, tratamento de doenças respiratórias e um bom regulador intestinal”, recomenda.

Artesanato para aumentar renda

Como a produção de mel não exige cuidados diários após a colheita, as apicultoras de São Raimundo Nonato, no Piauí, dedicam-se às biojóias

As sementes de plantas nativas da Caatinga são transformadas em cintos, terços, colares, pulseiras e brincos pelas apicultoras da região de São Raimundo Nonato, no Piauí. No povoado de Poltrinho, um grupo de seis apicultoras que trabalham na Casa do Mel formou uma associação de mulheres para produzir artesanato.

O curso de capacitação em Artesanato de Biojóias foi promovido no ano passado pelo Sebrae no Piauí para garantir uma fonte de renda durante as épocas de seca. “A apicultura é uma atividade que nos ocupa durante algum período, mas depois da colheita nos sobra tempo para outras atividades. Assim, aproveitamos uma matéria-prima da região e aumentamos nossa renda”, comemora a apicultora Luziane Negreiros Silva, uma das mais empolgadas artesãs do grupo.

As peças produzidas pelas apicultoras estão sendo vendidas em feiras locais e regionais. Segundo Luziane, o faturamento bruto do grupo é de R\$ 2.000. Os lucros são divididos entre as sócias, contribuindo para melhorar a qualidade de vida das famílias.

AMIGAS

No Assentamento Milagres, em Apodi (RN), as mulheres são outro exemplo para quem achava que apicultura era coisa de homem. Ao perceber o desestímulo dos maridos em tocar a atividade, 11 mulheres tomaram a iniciativa de formar o grupo

Amigas das Abelhas, há quatro anos. “Os homens achavam que elas não iam dar conta do desafio”, relata o gerente do escritório do Sebrae em Mossoró, Valdemar Belchior Filho.

Mas as mulheres enfrentaram os obstáculos e, hoje, a associação reúne 18 apicultoras, com idade entre 18 e 55 anos, que criam as abelhas e produzem cosméticos com o mel. Os sabonetes, sais de banho, cremes esfoliantes, géis para barbear, óleos de fases e xampus são vendidos na Feira da Agricultura Familiar, em Apodi, e na rede Xique-xique, no centro de Mossoró. Os produtos também já foram levados para feiras em Brasília, Piauí, Paraíba e Pernambuco.

A apicultora Walcerly Alves Souza, que ficou viúva há cinco anos, está entusiasmada: “Depois que me dediquei à apicultura e passei a fazer parte do grupo encontrei um novo sentido para minha vida. Hoje, sou independente graças ao meu trabalho”, diz orgulhosa.

Organizadas em seis subgrupos, as mulheres trabalham no campo fazendo a captura dos enxames, montagem do apiário, manejo da produção e colheita. Oito delas estão diretamente envolvidas no processo de produção dos cosméticos. “Antes, era só a luta de casa, e agora a gente sempre pega num dinheirinho”, brinca a apicultora Francisca Francinete de Carvalho, mãe de sete filhos, que passou a fazer parte do grupo há quatro anos.

EMPREENDEDORA

A história de Conceição, a menina do mel

Maria Conceição dos Santos, uma cabeleireira que decidiu se transformar em apicultora, revolucionou a atividade no Município de Santa Cruz da Vitória, situado na região cacauieira do Sul da Bahia.

Primeiro, Conceição teve de convencer o pai a criar abelhas na propriedade rural da família. Depois, quando toda a comunidade queria exterminar as abelhas que estavam atacando as criações de gado, a apicultora encarou outro desafio. Pediu que o Sebrae, a Federação de Agricultura do Estado da Bahia (Faeb), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacauieira (Ceplac) e a prefeitura do município organizassem cursos de formação de apicultores.

Com a ajuda de alguns aliados, em 1996 Conceição fundou a Associação dos Apicultores de Santa Cruz da Vitória (Apisv). Dois anos mais tarde, foi convidada a fundar, com 12 amigos, a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Boca Seca, sendo eleita presidente. Uma das grandes conquistas durante sua gestão foi levar energia elétrica para o campo.

Grças à persistência de Conceição, a produção de mel e a organização política dos agricultores contribuíram para desenvolver a região. É um exemplo de mulher empreendedora no sul baiano.



Apicultoras de São Raimundo Nonato (PI) recebem certificado do curso de biojóias; Em Apodi (RN), mulheres criam grupo Amigas das Abelhas

De inimiga a aliada das abelhas africanizadas

Associação Paulista difunde conhecimentos há quase três décadas



Com o lema “Abelhas a Serviço da Agricultura”, há 27 anos a Associação Paulista de Apicultores, Criadores de Abelhas Melíferas Europeias (Apacame), leva informações para apicultores de todo o País e até do exterior. “O nosso objetivo é difundir conhecimento”, resume o presidente-executivo da entidade, Constantino Zara Filho. A Associação congrega 6.672 associados no Brasil, na Argentina, no Uruguai, na Bolívia, no Peru, em Portugal e no Japão.

A Apacame nasceu em 1979, quando um grupo de 60 apicultores paulistas tentou realizar o sonho de criar abelhas europeias puras na Ilha Vitória, a 32 quilômetros do Município de São Sebastião, no litoral paulista. Os produtores importaram rainhas certificadas da Europa e começaram a criação, mas em pouco tempo as abelhas africanizadas invadiram os enxames e acabaram com a utopia da raça pura.

Percebendo que a expansão das abelhas africanizadas era incontrollá-

vel, os apicultores decidiram aceitar a espécie híbrida, que, na época, era considerada muito agressiva pelos apicultores. “Passamos a estudar novas formas de manejo, para convivemos com a abelha africanizada. Hoje, sabemos que acertamos, pois essa abelha se mostrou de uma rusticidade surpreendente, resistente a doenças”, atesta Zara Filho.

Apesar de não atuar na comercialização de mel, a Apacame organiza grupos de compras, viabilizando o acesso mais barato a equipamentos e insumos usados na apicultura. Mas as principais atividades da Associação são a formação técnica dos apicultores e a troca de experiências.

O veículo para as informações da entidade é a revista **Mensagem Doce**, lançada há nove anos. Com uma tiragem de cinco mil exemplares, a revista bimestral é distribuída de graça a associados, universidades, centros de pesquisa e associações de apicultores em todo o País.

MONSENHOR BRUENING: UMA REFLEXÃO

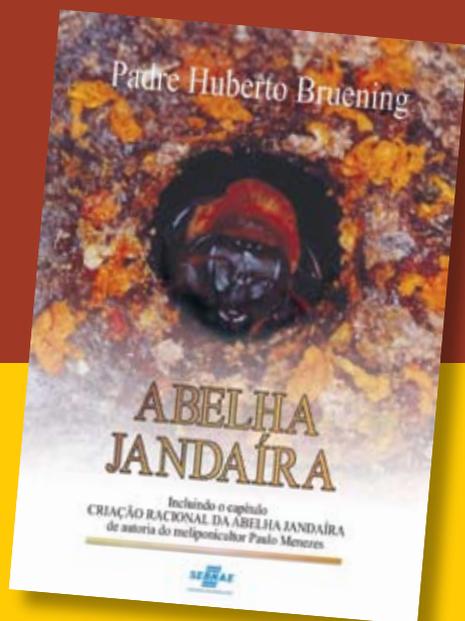
Monsenhor Bruening foi um homem modesto, muito querido e, ao mesmo tempo, uma personalidade marcante. Não havia nele nenhum traço de egoísmo. Foi modesto entre os modestos. No próprio livro que agora se reedita, o seu nome aparece simplesmente como Padre Huberto Bruening, ou seja, deixou de lado um título justo. Como autor, não se classificou como Monsenhor. Mas os seus admiradores, o próprio povão, o chamavam e o chamam pelo seu merecido título.

Para todos nós, ele continua sendo o Monsenhor que honrou a Igreja e é considerado verdadeiramente, entre outras coisas, o grande protetor da abelha JANDAIRA. Impediu que ela estivesse hoje na lista das espécies ameaçadas de extinção.

O livro de Monsenhor Bruening foi certamente escrito num estilo de acordo com a sua personalidade. Foi direto às questões mais importantes da vida das JANDAIRAS (*Melipona subnitida*). Criticou com vigor os que estão prejudicando o Planeta, pelas suas atitudes negativas de descaso ambiental.

O seu livro mostra que, inicialmente, quando as ABELHAS AFRICANAS (*Apis mellifera scutellata*) chegaram a Mossoró (RN), elas foram ferozmente combatidas pelo Monsenhor, pois ameaçavam a sobrevivência das JANDAIRAS. Nessa “guerra”, ele envenenava o xarope e o dava às africanas, que morriam em enormes quantidades. A meu ver, esse método, usando venenos, é perigoso, pois uma parte do xarope envenenado pode ficar na colméia das africanas e tornar tóxico o seu mel. Se alguém colher e comer esse mel, poderá ser também envenenado. Monsenhor, depois, reconheceu no seu livro que houve “exagero” da sua parte, no combate às africanas. Também destruiu ninhos da ARAPUÁ (*Trigona spinipes*), abelha indígena daninha e concorrente, além de pássaros inimigos das JANDAIRAS, as quais ele procurava sempre proteger.

Um ponto do livro que merece um complemento destinado aos seus leitores meliponicultores, é o referente ao uso de fezes, animais ou humanas, como material de construção usado por abelhas como a JANDAIRA. Manda a prudência que o seu mel seja pasteu-



Será relançado durante o XVI Congresso de Apicultura

rizado. Isso pode ser feito aquecendo o mel a 63 °C durante 30 minutos, como é recomendado também em relação ao leite caseiro. Até que se conheçam melhor os antibióticos presentes no mel, essa providência se recomenda.

O livro escrito por Monsenhor Bruening tem um grande valor científico, pois descobriu o comportamento das JANDAIRAS nas diversas fases do seu ciclo de vida na Natureza e na meliponicultura. Isso não era ainda praticamente conhecido, na comunidade que estuda as abelhas.

Além disso, outro aspecto muito positivo do livro foi a descrição de um método engenhoso que inventou para capturar colônias de JANDAÍRA sem necessitar derrubar as árvores em cujos ocos essas abelhas vivem. Basta dar umas pancadas na árvore para fazer essas abelhas saírem em grande número. Depois, colocava uma colméia com cria, cuja entrada deixava próxima à entrada provisoriamente fechada, do ninho silvestre das abelhas. Assim, ao procurar regressar ao seu oco, as abelhas acabavam ingressando nas colméias. Também o método usado para dividir as colônias e assim multiplicá-las, permitiu a Monsenhor ter um grande número de colméias com JANDAIRAS. Isso é aplicável, também a outras espécies de abelhas indígenas sem ferrão.

A publicação da nova edição do livro de Monsenhor Bruening acerca da abelha JANDAÍRA é motivo de alegria para os seus amigos e admiradores. Parabéns a Paulo Menezes, seu sucessor no estudo e na proteção às abelhas indígenas JANDAIRAS. Parabéns também ao SEBRAE por essa iniciativa tão oportuna.

PAULO NOGUEIRA-NETO,
ambientalista

Encontros de soluções

Em Aracaju, produtores, representantes do governo e importadores da Alemanha vão discutir saídas ao embargo europeu contra o mel brasileiro

Cerca de 2.000 apicultores de todo o País devem participar do XVI Congresso Brasileiro de Apicultura, do II Congresso Brasileiro de Meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão) e da Expoapis 2006, que acontecem de 22 a 25 de maio em Aracaju, Sergipe. Durante os eventos, serão apresentados os mais recentes avanços da atividade e as perspectivas para o futuro. Os 50 Anos de abelha africanizada são o tema central do encontro, que é o mais importante e tradicional do segmento.

A programação do evento já estava praticamente definida quando a União Européia aplicou o embargo ao mel brasileiro, em março deste ano. Diante da gravidade do problema, os organizadores resolveram incluir o tema nos debates que serão realizados.

Por sugestão dos representantes dos entrepostos, a organização do evento convidou importadores da Alemanha, país que mais compra mel brasileiro na Europa. "A classe apícola ainda não está bem informada sobre o embargo, e queremos saber exatamente como este assunto está sendo encarado na União Européia", antecipa o presidente da comissão executiva do congresso, José Soares Aragão Brito, que é presidente da Federação Apícola de Sergipe.

A programação científica inclui conferências, simpósios, mesas redondas, mini cursos, clínicas tecnológicas e apresentações técnico-científicas. "Nós vamos discutir todo o contexto da cadeia, envolvendo desde a produção até a comercialização do mel", resume ele.

Os debates vão enfocar o que há de mais recente e importante no âmbito da apicultura local, nacional e mundial em termos de Economia e Meio Ambiente, Sistemas de Produção Sustentáveis, Apicultura Racional, Apicultura Orgânica, Profissionalização da Apicultura, Padrão de Qualidade dos Produtos da

Abelha e Equipamentos Apícolas, além de outros assuntos técnicos.

Rodadas de negócios

O Congresso será um marco da reação do segmento às dificuldades de comercialização impostas pelo fechamento do mercado europeu. Durante o evento, será realizada uma rodada de negócios, promovida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). O objetivo é aproveitar o encontro de toda a cadeia para a busca de alternativas no mercado interno.

Na rodada, pelo menos 15 dos maiores compradores brasileiros de mel manterão contato direto com os apicultores. "Os participantes terão tudo para sair da mesa de negociações com contratos fechados", prevê o diretor técnico do Sebrae em Sergipe, Emanuel Silveira Sobral.

Em resposta ao novo contexto da apicultura, o Sebrae vai aproveitar o Congresso para fortalecer o trabalho de articulação e identificação de potenciais compradores para o mel brasileiro. A base para essa estratégia será a Análise do Mercado Apícola no Brasil, documento elaborado pela Unidade de Acesso a Mercados do Sebrae que será divulgado no Congresso.

Posso ajudar?

SEBRAE/NA

Unidade de Agronegócios e Territórios Específicos UAGRO

Gerente: Juarez Ferreira de Paula Filho

Telefone: (61) 3348.738

E-mail: juarezp@sebrae.com.br

Coordenação Nacional da Carteira de Projetos GEOR de Apicultura:

Alzira Vieira e Reginaldo Barroso de Resende

Telefones: (61) 3348.7225 e 3348.7386

E-mails: alzira@sebrae.com.br; reginaldo.resende@sebrae.com.br

SEBRAE/AL

Coordenador Estadual : Ronaldo de Moraes e Silva

Telefone: (82) 3216.1600

E-mail: r-moraes@al.sebrae.com.br

Coordenadora Regional: Rubia Solange S. Barbalho

Telefone: (82) 3216.1672

E-mail: rubia@al.sebrae.com.br

Gestor Local: Alberto Nunes Brasil

Telefone: (82) 3216.1672

E-mail: albertonbrasil@ig.com.br

Gestor Local: Jefferson Mascarenhas Lomanto Santos

Telefone: (73) 9981-1757

E-mail: jefferson.lomanto@ba.sebrae.com.br

SEBRAE/BA

Coordenador Estadual: Marco Dantas

Telefone: (75) 3281.4223

E-mail: marco.dantas@ba.sebrae.com.br

Gestora Local: Nadja Maria Ferreira Monteiro

Telefone: (75) 3221.2868

E-mail: nadja.souza@ba.sebrae.com.br

Gestor Local: Richard Alves

Telefone: (73) 3281.2868

E-mail: richard.alves@ba.sebrae.com.br

SEBRAE/CE

Coordenador Estadual: José Vandi Matias Gadelha

Telefone: (85) 3255.6713

E-mail: vandi@ce.sebrae.com.br

Coordenadora Regional (Cariri): Tânia Mary Porto de Carvalho

Telefone: (88) 3523.2025

E-mail: tania@ce.sebrae.com.br

Gestor Local: Gustavo Henrique Arraes Ferreira

Telefone: (88) 3523-2025

E-mail: gustavo@ce.sebrae.com.br

E-mail: tania@ce.sebrae.com.br

Coordenador Regional (Região Metropolitana): Carlos Viana Freire Júnior

Telefone: (85) 3255.6713

E-mail: carlosviana@ce.sebrae.com.br

Gestor Local: José Vandi Matias Gadelha

Telefone: (85) 3255.6713 E-mail: carlosviana@ce.sebrae.com.br

E-mail: vandi@ce.sebrae.com.br

Coordenador Regional (Região Norte): Luiza Lúcia de S. Barreto

Telefone: (88) 3611.8300

E-mail: luiza@ce.sebrae.com.br

Gestor Local: Silvio Moreira Batista

Telefone: (88) 3671-1699

E-mail: silvio@ce.sebrae.com.br

Coordenador Regional (Sertões Cearenses): Alcides Marques Ferreira

Telefone: (88) 3581.1864

E-mail: alcides@ce.sebrae.com.br

SEBRAE/DF

Coordenadora: Maria Célia Nacfur Sfair

Telefone: (61) 3362.1600

E-mail: mariacelia@df.sebrae.com.br

Gestor Local: Roberto Faria Santos

Telefone: (61) 3362.1646

E-mail: robertof@df.sebrae.com.br

SEBRAE/GO

Coordenador Estadual: Wanderson Portugal Lemos

Telefone: (62) 3250.2000

E-mail: wanderson@sebraego.com.br

Gestora Local: Daniela Caixeta

Telefone: (62) 3461.4939

E-mail: daniela_caixeta@hotmail.com

SEBRAE/MA

Coordenador Estadual: Rosilene Tavares de Andrade

Telefone: (98) 3216.6167

E-mail: rosileneandrade@ma.sebrae.com.br

Gestor Local: Marco Aurélio Abdala

Telefone: (98) 3653.3585

E-mail: mabdala@ma.sebrae.com.br

SEBRAE/MG

Coordenadora Estadual: Valéria Ayres Magalhães

Telefone: (31) 3371.9054

E-mail: valeria.alves@sebraemg.com.br

Coordenador Regional (Vale do Uruçuia): Gualberto Frateschi

Telefone: (34) 3318-1800

E-mail: gualbertof@sebraemg.com.br

Gestor Local: Renato Lana

Telefone: (38) 3676.7036

E-mail: renato.lana@sebrae-mg.com.br

Coordenador Regional (Buritizeiro): Cláudio Luiz de S. Oliveira

Telefone: (38) 3690.5900

E-mail: claudio.oliveira@sebrae-mg.com.br

Gestora Local: Gislane R. Lima

Telefone: (38) 3741.3390

E-mail: gislane.lima@sebrae-mg.com.br

Coordenador Regional (Viçosa): Rodney Scoralick Abdo

Telefone: (32) 3239-5306

E-mail: rodneysf@sebrae-mg.com.br

Gestora: Mariana Rosa C. M. Fonseca

Telefone: (31) 3891.4759

E-mail: marianafmf@sebrae-mg.com.br

Gestor Local: Claudio B. Gontijo

Telefone: (33) 3421-3838

E-mail: claudiob@mg.com.br

SEBRAE/MS

Coordenador Estadual: Carlos Alberto S.do Valle

Telefone: (67) 2106-5488

E-mail: beto@ms.sebrae.com.br

Gestor: Vamilton Junior

Telefone: (67) 2106.5512

E-mail: vamilton.furtado@ms.sebrae.com.br

Consultor: Gustavo Nadeu Bijos

Telefone: 67 3326-6405

E-mail: gnbijos@yahoo.com.br

SEBRAE/MT

Coordenador Estadual: Roberto de Oliveira

Telefone: (65) 3223.1840

E-mail: roberto.oliveira@mt.sebrae.com.br

Gestor Local: Rubens de Pinto filho

Telefone: (65) 3223.4567

E-mail: rubensp@mt.sebrae.com.br

SEBRAE/PA

Coordenador Estadual (Belém): João de Deus A. Junior

Apicultores, contem com a nossa equipe!

Telefone: (91) 3181.9000
E-mail: joao@pa.sebrae.com.br
Gestora Local: Ana Maria Q.R. da Silva
Telefone: (91) 3181.9000
E-mail: anamaria@pa.sebrae.com.br

Coordenador Estadual (Capanema): Carlos dos Reis L. Junior
Telefone: (91) 3462-3015
E-mail: lisboa@pa.sebrae.com.br

Gestora Local: Ana Conceição Abreu de Sousa
Telefone: (91) 3462.3015
E-mail: anaabreu@pa.sebrae.com.br

SEBRAE/PB

Coordenador Estadual: Luiz Alberto G. Amorim
Telefone: (83) 3218-1060
E-mail: alberto@sebraepb.com.br

Gestor Local: Edilson B. de Azevedo
Telefone: (83) 3373-1272
E-mail: edilson@sebraepb.com.br

SEBRAE/PE

Gestor Local: Pacelli S. Maranhão
Telefone: (87) 3873-1708
E-mail: pmaranhao@pe.sebrae.com.br

SEBRAE/PI

Coordenador Estadual: Francisco Holanda
Telefone: (86) 3216.1345
E-mail: holanda@pi.sebrae.com.br

Coordenador Regional e Gestor Local (Serra da Capivara): Edgard de Araujo
Telefone: (89) 3582.1289
E-mail: edgard@pi.sebrae.com.br

Coordenador Regionall (litoral Piauiense): Elcio de Lima Nunes
Telefone: (86) 3216.1345
E-mail: elcio@pi.sebrae.com.br

Gestor Local: Paulo Alexandre
Telefone: (86) 3276.1979
E-mail: pauloalexandre@pi.sebrae.com.br

Coordenador Regional (Araripe): Ana Mary Leal Dias
Telefone: (89) 3422.3919
E-mail: anamary@pi.sebrae.com.br

Gestora Local: Maria das Mercês Leal Dias
Telefone: (89) 3422.3789
E-mail: mercesd@pi.sebrae.com.br

Consultor: Laurielson Chaves Alencar

Telefone: - (86) 3216-1345
E-mail: laurielson@pi.sebrae.com.br

SEBRAE/PR

Coordenadora Estadual: Eleonora R. Sampol
Telefone: (41) 3330.5839
E-mail: esampol@pr.sebrae.com.br

Coordenador Regional: Carlos Alberto Facco
Telefone: (44) 3220-3414
E-mail: cfacco@pr.sebrae.com.br

Gestora Local: Andréa Lopes Dias
Telefone: (44) 3423-2865
E-mail: aldias@pr.sebrae.com.br

SEBRAE/RJ

Coordenadora Estadual: Heliana Marinho
Telefone: (21) 2215.9352
E-mail: heliana@sebraerj.com.br

Coordenador Regional: Davi A de Figueiredo
Telefone: (21) 3347.3481
E-mail: davi@sebraerj.com.br

Gestor Local: José Maurício Soares
Telefone: (22) 3824.2020
E-mail: josemauricio@sebraerj.com.br

SEBRAE/RN

Coordenador Estadual: Célio José Vieira de Moura
Telefone: (84) 3315.4342
E-mail: celio@rn.sebrae.com.br

Gestor Local: Waldemar Belchior Filho
Telefone: (84) 3315.4342
E-mail: waldemar@sebraern.com.br

SEBRAE/RO

Coordenador Estadual : Desóstenes Marcos do Nascimento
Telefone: (69) 3217.3814
E-mail: desostenes@ro.sebrae.com.br

Coordenador Estadual (Região do Cone Sul) : Rangel Vieira De Miranda
Fones: 3322-3565 3321-3298 8114-9429
email rangelmiranda@ro.sebrae.com.br

Gestora Local: Meire Gimenes Rezino
Telefone: (69) 3322.3565
E-mail: meirerezino@ro.sebrae.com.br

Gestor Local: Alberto F. Saavedra
Telefone: (69)3441-1923
E-mail: albertosaavedra@ro.sebrae.com.br

SEBRAE/RR

Coordenador Estadual: Murilo Gomes Pereira

Telefone: (95) 3623.1700
E-mail: murilo@rr.sebrae.com.br

Gestor Local: Alzir Mesquita da Silva
Telefone: (95) 3623.1700
E-mail: alzir@rr.sebrae.com.br

SEBRAE/RS

Gestor Local: Fábio Kieger Lopes Reis
Telefone: (51) 3216.5000
E-mail: fabior@rs.sebrae.com.br

SEBRAE/SC

Coordenador Estadual: Fábio Burigo Zanuzzi
Telefone: (48) 3221.0800
E-mail: fabio@sc.sebrae.com.br

Gestor Local (Curitibanos): Altenir Agostini
Telefone: (49) 3245.1438
E-mail: altenir@sc.sebrae.com.br

Gestor Local (Videira): João Alexandre S. Guse
Telefone: (49) 3563.1812
E-mail: joaoa@sc.sebrae.com.br

SEBRAE/SE

Coordenador Estadual: Angela Maria Souza
Telefone: (79) 2106.7727
E-mail: angelamaria@se.sebrae.com.br

Gestora local: Marianita Mendonça B. de Souza
Telefone: (79) 2106.7729
E-mail: marianita@se.sebrae.com.br

SEBRAE/TO

Coordenador Estadual: Eugênio Pacelli Lima
Telefone: (63) 3312.4570
E-mail: eugenio@sebraeto.com.br

Coordenador Regional: Fernando Ferrarin Ruiz
Telefone: (63) 3312.4570
E-mail: fernando.ruiz@sebraeto.com.br

Gestor local: Jose Carlos Beserra
Telefone: (63) 3414.6104
E-mail: josecarlos@sebraeto.com.br



SEBRAE

